



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO

FERNANDA TARABAL LOPES

ENTRE O PRAZER E O SOFRIMENTO:
histórias de vida, drogas e trabalho

Belo Horizonte

2013

FERNANDA TARABAL LOPES

**ENTRE O PRAZER E O SOFRIMENTO:
histórias de vida, drogas e trabalho**

Tese apresentada ao Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Administração.

Área de concentração: Estudos
Organizacionais e Sociedade

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula Paes de
Paula

Belo Horizonte

2013

Ficha catalográfica

L864e
2013
Lopes, Fernanda Tarabal.
Entre o prazer e o sofrimento [manuscrito] : histórias de
vida, drogas e trabalho / Fernanda Tarabal Lopes. - 2013.
190 f.: il.

Orientadora: Ana Paula Paes de Paula.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em
Administração.

Inclui bibliografia (f. 156-164) e apêndices.

1. Drogas e emprego – Teses. 2. Toxicomania – Teses.
I. Paula, Ana Paula Paes de. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em
Administração. III. Título.

CDD: 658.38

Elaborada pela Biblioteca da FACE/UFMG. – NMM/007/2014



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Ciências Econômicas
Departamento de Ciências Administrativas
Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração

ATA DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO da Senhora FERNANDA TARABAL LOPES, REGISTRO N° 102/2013. No dia 29 de maio de 2013, às 14:00 horas, reuniu-se na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração do CEPEAD, em 17 de maio de 2013, para julgar o trabalho final intitulado "Entre o Prazer e o Sofrimento: histórias de vida, drogas e trabalhos", requisito para a obtenção do Grau de Doutor em Administração, linha de pesquisa: Estudos Organizacionais e Sociedade. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Comissão, Prof^a. Dr^a. Ana Paula Paes de Paula, após dar conhecimento aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

(X) APROVAÇÃO;

() APROVAÇÃO CONDICIONADA A SATISFAÇÃO DAS EXIGÊNCIAS CONSTANTES NO VERSO DESTA FOLHA, NO PRAZO FIXADO PELA BANCA EXAMINADORA (NÃO SUPERIOR A 90 NOVENTA DIAS);

() REPROVAÇÃO.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Senhora Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Senhora Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 29 de maio de 2013.

NOMES

ASSINATURAS

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Paes de Paula
ORIENTADORA (CEPEAD/UFMG)

Ana Paula Paes

Prof. Dr. Luiz Alex Silva Saraiva
(CEPEAD/UFMG)

Luiz Alex Silva Saraiva

Prof^a. Dr^a. Ana Magnolia Bezerra Mendes
(UnB)

Ana Magnolia Bezerra Mendes

Prof. Dr. Anderson de Souza Sant'Anna
(FDC/PUC-MG)

Anderson de Souza Sant'Anna

Prof^a. Dr^a. Vanessa Andrade de Barros
(FAFICH/ UFMG)

Vanessa Andrade de Barros

À Paris et ses lumières...

À Paris e suas luzes...

AGRADECIMENTOS

Cada pessoa que passa por nossa vida passa sozinha, pois cada pessoa é única, e nenhuma substitui outra. Cada uma que passa por nossa vida passa sozinha, mas não vai só, nem nos deixa sós. Leva um pouco de nós mesmos, deixa um pouco de si mesma. Há aquelas que levam muito; mas não há outras que não levam nada. Algumas deixam muito; mas não outras não deixam nada. Esta é a maior responsabilidade de nossa vida e a prova evidente de que nada é ao acaso (Antoine De Saint-Exupery).

É com muito carinho que escrevo esta parte da tese. Afinal, foram muitas, e muito especiais as pessoas que contribuíram com esta história.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Professora Ana Paula Paes de Paula. Ana, você foi a grande incentivadora de minha entrada no curso de doutorado. Desde a nossa conversa no Enanpad, sobre a escolha da temática da pesquisa, você foi sempre uma referência de apoio, incentivo e confiança. Obrigada por sua orientação ao longo desses quatro anos, orientação de muita sabedoria e competência, que não se restringiu apenas ao plano acadêmico, sendo constante fonte de estímulo para o alcance de novos voos. Foi uma honra ter sido sua orientanda;

Je remercie énormément à ma directrice de recherche en France, la professeure Pascale Molinier. Pascale, je vous remercie pour votre direction, pour votre attention et pour toutes les opportunités que j'ai eu pendant mon séjour à Paris, opportunité d'inestimable valeur professionnelle et, principalement, de vie ;

Às Professoras Ana Magnólia Bezerra Mendes e Professora Vanessa de Andrade Barros, e aos Professores Luiz Alex Silva Saraiva e Anderson Sant'Anna, meus agradecimentos por aceitarem participar como membros da banca e por dedicarem seu tempo à leitura dessa tese. À Ana Magnólia, agradeço também pela orientação durante a qualificação, na defesa do projeto e, mesmo, nos encontros informais; meus agradecimentos especiais por ter me aberto as portas para o doutorado-sanduiche. À Vanessa, pelos sábios ensinamentos compartilhados na

disciplina “História de Vida e Experiência” e pelo exemplo de profissional e afetividade, que carrego comigo desde a graduação em Psicologia. Ao Alex, pelas discussões e contribuições apresentadas a este trabalho na defesa do projeto e por sua tão especial amizade;

Ao Professor Antônio Carvalho Neto, pelas relevantes contribuições à pesquisa quando da defesa do projeto;

Ao Professor Alexandre de Pádua Carrieri, presença tão importante em minha trajetória e fonte constante de orientação;

Aos demais professores e funcionários do Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, por contribuírem para a realização desta importante etapa. Agradeço em especial à Érika Lage, que tão prestativamente me atendeu em todos os momentos de que precisei, com destaque para aqueles relacionados à organização dos documentos para o doutorado-sanduíche;

Aux professeurs et aux collègues de l'Université Paris XIII, et spécialement au groupe Clinique des Institutions, Clinique en Institutions ;

Um agradecimento muito especial aos membros e amigos do AA (Alcoólicos Anônimos), que, de forma carinhosa e acolhedora, me abriram as portas não apenas da instituição, mas principalmente de suas vidas. Agradeço aos entrevistados pela disponibilidade, pela atenção, pela confiança e, principalmente, pela coragem em contar e em viver cada uma de suas experiências;

De la même manière, je remercie tous les membres du Centre Boucebci, qui m'ont reçue avec gentillesse et attention. Je remercie les participants de la recherche pour leur confiance et leur courage de vivre et de me raconter chacune de leurs expériences. Je remercie énormément le Dr. Reyre pour sa considération constante et pour m'ouvrir la possibilité de me permettre de faire le stage dans la clinique, expérience d'une valeur inestimable ;

Aos pacientes e funcionários do CAPSad da cidade de Itaúna-MG, pelo trabalho que juntos realizamos – o ponto de partida desta investigação;

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por possibilitar a concretização de tantos sonhos, mediante a concessão de bolsa de estudos, tanto no Brasil como no exterior;

Aos meus tão estimados amigos. Vocês foram, cada um a sua maneira, referência de apoio, afeto e incentivo para a concretização desta etapa. Ao longo do percurso do doutorado, destaco os amigos conhecidos na UFMG, os quais se tornaram companheiros de vida. Em especial, à Ludmila de Vasconcelos, Ana Paula Diniz, Amon Barros, Wesley Xavier, Lucas Ferreira, Líliam Bambilra, Raquel Barreto, Carolina Riente;

Também muito importantes neste percurso foram os amigos/presentes que ganhei em Paris, por ocasião das inesquecíveis experiências e dos afetos compartilhados: Rosangela Carrilo, Bárbara Cortella, Fábio Tozi, Ivete Yavo, Mariana Ramalho, Tatiana Baierle, Lucas Panitz, Cristiano Nunes, Lívia Cangiano, Inaê Coutinho, Carolina Nunes, Aline Vessoni, os amigos do "*deuxième étage*" e da *Maison du Brésil*, e todos aqueles que fizeram deste período um momento muito especial;

À amiga Renata Abreu, que demonstra em momentos diversos da vida o verdadeiro significado da palavra amizade. Rê, sua ajuda na reta final deste trabalho é algo que jamais irei esquecer, muito obrigada minha amiga;

Agradeço também aos amigos: Ana Paula Santiago, Fernanda Teles, Ana Alice Duarte Maciel, Michele Ferreira, Ana Carolina Nogueira, Daniel Silva, pelo suporte tão importante em diversos momentos dessa caminhada;

Às colegas de trabalho/amigas Sirley Araújo e Geniana Guimarães. O apoio e carinho de vocês foi essencial nessa reta final. Obrigada!

À minha família, fonte do mais genuíno afeto, que me apoia na concretização desta etapa e na vida. Aos meus queridos irmãos, Guilherme, Rafael, Gabriela, Bárbara e Maria Eduarda, vocês são tesouros em minha vida. À minha doce e amorosa Vovó Florita. À Tia Vanessa pelo zelo e atenção;

À minha mãe, Maysa, e ao meu pai, Robson, meus maiores incentivadores na realização dos meus sonhos e alicerce de minha construção enquanto sujeito neste

mundo. Mãe, você é presença e apoio constantes em minha vida, obrigada por estar sempre ao meu lado e por seu amor e cuidados incondicionais (agradecimentos especiais por sua ajuda tão valiosa na finalização da tese); Pai, você é referência de amor que alegra minha vida e de incentivos para alçar novos e mais altos voos. A vocês os meus mais ternos, amorosos e sinceros agradecimentos.

A Deus, por me guardar, me abençoar e me guiar na realização dos meus sonhos e no trilhar dos novos caminhos que estão por vir...

É antes do ópio que a minh'alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiola
E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.

Esta vida de bordo há-de matar-me.
São dias só de febre na cabeça
E, por mais que procure até que adoeça,
já não encontro a mola pra adaptar-me.
(Fernando Pessoa, 1915/1990, s/p.)

Mais c'est la volonté qui est attaquée, et c'est l'organe le plus précieux. Jamais un homme qui peut, avec une cuillerée de confiture, se procurer instantanément tous les biens du ciel et de la terre, n'en acquerra la millième partie par le travail. Il faut avant tout vivre et travailler¹. (BAUDELAIRE, 1961, p.176)

¹ Mas é a vontade que é atacada, e é o órgão o mais valioso. Nunca um homem que pode, com uma colherada de geleia, se proporcionar instantaneamente todos os bens do céu e da terra, nem adquirirá a milésima parte pelo trabalho. Deve-se antes tudo viver e trabalhar (tradução própria).

RESUMO

Esta tese tem por objetivo central refletir sobre a relação entre trabalho e toxicomania. Para tanto, realizou-se um estudo que teve como condição empírica fundamental o resgate da história de vida de quatro sujeitos: usuários de álcool e/ou outras drogas e trabalhadores. O fio condutor desta investigação baseou-se no estabelecimento de sentido para o fenômeno da drogadição em sua relação com o trabalho. Em geral, as abordagens tradicionais sobre o uso de álcool e drogas restringem o problema à esfera doméstica, não levando em conta a primazia da dimensão política em que se insere o trabalho. Assim, considera-se o trabalho enquanto condição da construção do ser humano e por sua centralidade na vida homem. Entende-se ainda essa atividade pela riqueza e complexidade de sua dinâmica, que pode se configurar ora enquanto fonte de prazer, ora enquanto fonte de sofrimento, ora enquanto ambos. Para a compreensão da toxicomania, esta investigação teve como base de referência a teoria psicanalítica, a partir da qual foram resgatados conceitos relativos à compreensão psíquica do processo de intoxicação. Para a compreensão do trabalho, o estudo teve como referência conceitos oriundos da psicodinâmica do trabalho, com base nos quais se discutem a relação do homem com o trabalho e o conceito de espaço público. Concluiu-se que as esferas trabalho e toxicomania estão diretamente imbricadas e que a compreensão de uma delas dá sentido à outra, e vice-versa. No entanto, os sentidos estabelecidos pelos sujeitos nesta relação são particulares, pois dizem respeito às subjetividades e às experiências singulares que cada um deles constrói em suas histórias de vida. Constatou-se, também que para a compreensão do sujeito no trabalho é necessário estar atento a suas condições individuais. Enfim, é necessário olhá-lo em suas questões singulares e em suas condições humana e psíquica. Sobre o trabalho para o toxicômano, é fundamental mencionar aqui a sua centralidade e primazia, seja na construção da subjetividade dos sujeitos, seja em sua colocação na sociedade enquanto cidadão e trabalhador.

Palavras-chave: Toxicomania. Trabalho. Histórias de vida.

RÉSUMÉ

Cette thèse a présenté l'objectif central de réfléchir à la relation existante entre le travail et la toxicomanie. Pour cela, une étude a été réalisée avec une orientation empirique fondamentale, pour transmettre l'histoire de vie de quatre sujets : des utilisateurs d'alcool, de drogues et des travailleurs. Le fil conducteur de cette recherche s'appuie sur la recherche de sens pour le phénomène d'addiction aux drogues en relation au travail. En général, les abordages traditionnels de la consommation d'alcool et de drogues limitent le problème à la dimension domestique, ne tenant pas compte de la primauté de la dimension politique où s'inscrit le travail. Ainsi, le travail est pris en compte comme condition de la construction de l'être humain et par sa centralité dans la vie de l'homme. Cette activité est aussi considérée par la richesse et la complexité de sa dynamique, qui peut se présenter parfois comme une source de plaisir, parfois comme une source de souffrance ou bien encore les deux. Pour la compréhension de la toxicomanie, cette recherche a pris comme référence la théorie psychanalytique, de laquelle ont été retirés des concepts relatifs à la compréhension psychique du processus d'intoxication. Pour la compréhension du travail, l'étude a pris comme référence des concepts orientés sur la psychodynamique du travail, à partir desquels est discutée la relation de l'homme au travail et le concept d'espace public. On en a conclu que les sphères du travail et de la toxicomanie sont étroitement imbriquées, et que la compréhension de l'une d'elles donne du sens à l'autre, et vice-versa. Cependant, les sens établis par les sujets dans cette relation sont particuliers, car ils donnent à voir les subjectivités et les expériences singulières, construites par chacun d'eux dans leurs histoires de vie. On a constaté aussi que pour la compréhension du sujet au travail, il faut faire attention à ses conditions individuelles. Enfin, il faut prendre en compte ses questions singulières, et sa condition humaine et psychique. Il est fondamental de mentionner, à propos du travail sur le toxicomane, sa centralité et sa primauté, que ce soit dans la construction de sa subjectivité, ou que ce soit dans son insertion dans la société, comme citoyen et travailleur.

Mots-clés: Toxicomanie. Travail. Histoires de vie.

ABSTRACT

This thesis had as its core objective to reflect on the existing relationship between work and addiction. Therefore, a study was carried out having as its fundamental empirical condition to restore the life story of four individuals: alcohol and other controlled substances addicts and workers. The threshold of this research was based upon the establishment of a meaning to the drug addiction phenomenon and its relation to labor. In general, the traditional approaches on the alcohol and drug intake narrows the problem down to a domestic level, not taking into account the primacy of the political dimension which fits the job. Thus considering labor as a human constructing condition and its role in a man's life. This activity is further understood for the richness and complexity of its dynamic, which can be configured either as a source of pleasure or a source of suffering or both. To understand the addiction this investigation was based on the psychoanalytic theory, where concepts relating to the psychic comprehension of the intoxication process were recovered. To understand labor, the study had as reference, concepts coming from the working psychodynamics, in which the relationship between man and labor and the concept of public space are discussed. It has been concluded that the working sphere and controlled substance addiction are directly overlapped and that understanding of one of them would give meaning to the other one and vice versa. However, the meaning established by the subjects in this relationship is private, because they relate to unique experiences and subjectivities built by each one of them and their life experiences. It was also found out that in order to understand the subject at work it is necessary to be aware of their individual circumstances. Finally, it is necessary to look at him in his singularity and in his human and psyche conditions. Concerning the study on the controlled substance users it is vital to mention its centrality and primacy, whether in the construction of its subjectivity, whether concerning his role in society, whether as a citizen and worker.

Keywords: drug addiction, labor, life experiences.

SUMÁRIO

1. PARA COMEÇAR.....	16
2. CAMINHOS PERCORRIDOS.....	17
3. INTRODUÇÃO.....	24
4. O SUJEITO E AS DROGAS	31
4.1 O sujeito pós-moderno – consumo e consumo de drogas	45
5. O SUJEITO E O TRABALHO	52
6. METODOLOGIA.....	62
7. CONTE-ME SUA HISTÓRIA?	65
7.1 Contextualização.....	67
7.2 As histórias e o sentido de transformação	68
7.3 Historicidade e experiência social	70
7.4 A perversão das histórias.....	72
8. <i>LES HISTOIRES FRANÇAISES</i>	76
8.1 <i>Le Centre Boucebci</i>	76
8.2 <i>L’histoire de Vincent</i>	78
8.3 <i>L’histoire de Jean</i>	84
8.3.1 <i>L’histoire du travail</i>	86
8.3.2 <i>L’histoire de la famille</i>	90

8.3.3 <i>Et Alors?!</i>	92
9. AS HISTÓRIAS BRASILEIRAS	94
9.1 Os Alcoólicos Anônimos.....	95
9.2 A história de Rita.....	99
9.2.1 História profissional ou história familiar? - “ <i>Os melhores profissionais são os alcoólatras. Os melhores</i> ”.....	102
9.2.2 A família - “ <i>Eu era a ovelha negra da família</i> ”.....	109
9.2.3 As dependências: química, afetiva e laboral.....	111
9.3 A história de Rui.....	116
9.3.1 História com o álcool, história familiar – “ <i>Por que eu não tinha liberdade? Por que eu era tão vigiado?</i> ”.....	120
9.3.2 História com o álcool, história profissional – “ <i>Mexia com mecânica, uma das profissões que mais se bebe</i> ”.	125
9.3.3 Para lidar com o controle: <i>Eu e a bebida, a bebida e eu. Eu me sentia realmente feliz da vida</i>	130
10. LA FRANCE, O BRASIL, LES DROGUES, O TRABALHO	139
10.1 Vincent et Jean, Rita e Rui.....	144
11. REFLEXÕES FINAIS.....	149
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	156
13. APÊNDICES	165
13.1 Apêndice A - Histórias de mulheres usuárias de álcool e outras drogas	165
13.1.1 História de Eliza – “ <i>Quem quer uma mulher alcoólatra?</i> ”	165
13.1.2 Outras tantas Elizas.....	171

13.2 Apêndice B – Pintura de Clarisse.....	190
--	-----

1. PARA COMEÇAR

Contar histórias... Contar as histórias daqueles que tão corajosamente abriram a mim as suas vidas – este é meu grande desafio nesta tese. Pessoas que se narraram com o objetivo inicial de contribuir com a pesquisa, mas que com o passar do tempo, creio eu, ultrapassaram esta proposta e abriram-se a si mesmas... Trabalho este delicado. Verdadeiramente, não foi uma tarefa simples. Lição que escutei repetidas vezes na disciplina sobre Histórias de Vida e que estudei nos livros, mas que só pude realmente compreendê-la no exercício da minha própria experiência. Foi por este caminho que busquei compreender a questão aqui proposta: Qual é a relação entre trabalho e toxicomania? O desenrolar das histórias francesas e brasileiras mostraram-me a multiplicidade e complexidade desta relação. Complexidade e multiplicidade construídas na experiência individual de cada sujeito. Histórias singulares e que demonstram as inúmeras possibilidades de experiências advindas da condição humana.

Ao abrir a mim a sua história, não é apenas o sujeito que se expõe... Para dar vida ao que me é narrado e para dar vida ao que narrarei aqui, também terei que contar um pouco de minha história. Afinal, esta tese é fruto de uma série de experiências, algumas delas construídas antes mesmo do ingresso no doutorado. Enfim, parte da minha vida também está aqui neste trabalho.

O curso de doutorado representou um momento muito importante em minha vida. Quando olho para trás, assim como os sujeitos dessa pesquisa o fazem, também vejo outra Fernanda. E não posso dizer que são duas: a que entrou no curso há quatro anos e a que agora o conclui... Na realidade, são várias. Fernanda(s) em construção, construídas e desconstruídas de modo muito singular no decorrer de um período. Este doutorado tem como produto não apenas uma tese, mas também a minha própria e contínua construção, em novas possibilidades de vida e diferentes formas de ser no mundo.

2. CAMINHOS PERCORRIDOS

Antes de iniciar a introdução propriamente dita desta tese, considero importante contar um pouco dos caminhos percorridos, anteriormente e ao longo do curso de Doutorado, que me conduziram às reflexões que aqui apresento.

Como ponto de partida, gostaria de destacar minha trajetória profissional no CAPSad como psicóloga. Esta experiência ocorreu de 2008 a 2009, entre a conclusão do curso de Mestrado e o início do curso de Doutorado. Apresento aqui esta parte de minha trajetória, bem como alguns dados referentes ao cenário da saúde pública voltada para a problemática do uso de álcool e outras drogas, pois foi a partir das experiências ali vivenciadas que surgiram as inquietações que me levaram à proposição deste problema de pesquisa.

Os CAPSad – Centros de Atenção Psicossocial para atendimento de pacientes com dependência e/ou uso prejudicial de álcool e outras drogas – constituem-se em um serviço especializado em saúde mental que atende pessoas com problemas decorrentes do uso ou abuso destas substâncias. O atendimento ocorre em diferentes níveis de cuidado, desde o atendimento ambulatorial até o regime de permanência-dia, prevendo-se ainda a participação de uma equipe multidisciplinar. Este serviço integra uma rede de atenção em substituição à internação psiquiátrica, que tem como princípio a reinserção social, por meio de ações de assistência, prevenção e capacitação.

Os CAPSad se inserem no escopo de uma proposta atual, que se baseia no redirecionamento do modelo assistencial na saúde mental inspirado no movimento da Reforma Psiquiátrica. No Brasil, este movimento é fortemente influenciado pela experiência italiana de desinstitucionalização em psiquiatria e em sua crítica radical ao manicômio. Inscreve-se tanto nesta referência a um contexto internacional de superação de um modelo asilar quanto em transformações provenientes da Reforma Sanitária, iniciada no Brasil nos anos de 1970, em favor de mudanças nos modelos de atenção e gestão nas práticas de saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005).

No campo da saúde mental, os transtornos relacionados ao consumo de álcool e outras drogas se destacam por sua especificidade, pelo crescimento significativo e por um cenário no qual salienta a omissão histórica de atuação do Estado no âmbito da saúde pública. Como explicitado pelo Ministério da Saúde (2005), essa questão foi sendo tratada ao longo dos anos mais como pertencente mais à área de segurança e à da pedagogia do que, de fato, como um problema de saúde pública. Uma decorrência desta postura estatal foi o desenvolvimento de várias iniciativas de caráter filantrópico e, principalmente, religioso, a fim de dar conta de uma realidade cada vez mais preocupante, em instituições que se caracterizam pela busca da abstinência possibilitada por meio da exclusão e do isolamento social.

Em 2002, a questão começou a ser analisada sob uma nova ótica, ao se definir o Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada aos Usuários de Álcool e outras Drogas. Com a implantação deste pelo Ministério da Saúde, inaugurou-se um atendimento específico a esse público, tendo por objetivo proporcionar a ampliação do tratamento, uma abordagem mais ampla do problema e a inclusão da perspectiva da redução de danos. Assim, ao contrário da exigência de abstinência pregada, em geral, pelas instituições existentes, a perspectiva da redução de danos consistiu em um trabalho diferenciado de abordagem da questão, na qual se busca reduzir ou amenizar as consequências da utilização dos psicoativos a partir do entendimento de que a exigência da abstinência imediata é, em geral, algo pouco efetiva (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005).

Neste cenário, os CAPSad se constituem como dispositivos estratégicos na rede de atenção e assistência a esta clientela. Desse modo,

[...] os CAPSad, assim como os demais dispositivos desta rede, devem fazer uso deliberado e eficaz dos conceitos de território e rede, bem como da lógica ampliada de redução de danos, realizando uma procura ativa e sistemática das necessidades a serem atendidas de forma integrada ao meio cultural e à comunidade em que estão inseridos, e de acordo com os princípios da Reforma Psiquiátrica. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005)

este trabalho ocorreu em um CAPSad localizado em uma cidade do interior de Minas Gerais. Havia, em certa medida, pouca atenção da equipe de profissionais em relação à questão do trabalho na atenção aos pacientes. Essa indiferença relacionava-se tanto à negligência da equipe diante da possibilidade de certas atividades profissionais estarem diretamente relacionados ao uso de álcool e outras drogas quanto, numa outra perspectiva, a da utilização do trabalho enquanto recurso terapêutico.

A organização do trabalho, estando integrada a um contexto psicológico, pode se configurar como um fator patogênico. Ou seja, o contexto organizacional pode atuar como mola propulsora do uso abusivo do álcool e/ou drogas. Lima (2004), ao expor sobre a relação entre adoecimento e trabalho, aponta possíveis nexos entre certos distúrbios mentais e o exercício de certas atividades profissionais específicas. A autora realizou um levantamento epidemiológico em clínicas e hospitais psiquiátricos da cidade de Barbacena-MG. Neste estudo, casos com diagnóstico de “transtornos mentais relacionados ao uso de álcool” foram os que apareceram com maior frequência, sendo os trabalhadores da área de transporte, os policiais militares, os trabalhadores da construção civil e os mecânicos os profissionais com maior chance de apresentarem tal problema. Os resultados do estudo demonstraram que certas categorias profissionais desenvolvem quadros clínicos específicos e reveladores das condições de trabalho às quais estão submetidas e atentam para a necessidade de os profissionais de saúde se aterem a tais constatações, em geral, negligenciadas.

Portanto, ao revelar certas formas de desgaste acometendo, de forma significativa, indivíduos pertencentes às mesmas categorias profissionais, os resultados iniciais do nosso estudo não apenas sugerem a presença de elementos nocivos à saúde desses indivíduos no exercício de suas atividades, como permitem antever a possibilidade de propor medidas preventivas adequadas. (LIMA, 2004, p. 157).

Em contrapartida, a perspectiva do trabalho enquanto recurso terapêutico relaciona esta atividade à possibilidade de construção de identidade e de autorealização. Tal concepção parte da ideia de que o trabalho configura-se como

categoria central para o indivíduo realizar-se, apresentando-se como uma grande fonte de referência para a construção social dos homens e de sua autoestima (FREITAS, 2000). Lima e Brescia (2002) destacam que abordar os impactos positivos do trabalho para os sujeitos é ainda um terreno pouco explorado. Considerar a dimensão positiva do trabalho significa tratá-lo como categoria fundamental para a conquista da saúde mental dos indivíduos e como um recurso terapêutico na vida dos sujeitos (BRUN, 2007).

Constatações como estas, todavia, não eram preconizadas pelos profissionais do CAPSad em questão. Como exemplo cita-se o fornecimento de atestados médicos/psicológicos com fins de conseguir perante o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) afastamento do trabalho para tratamento de saúde. Momentos como este eram fortemente significativos, tendo em vista a “recaída” tida pelos sujeitos ao conseguirem tais benefícios. As “recaídas” consistiam no uso abusivo da substância psicoativa e, então, num decorrente “sumiço” do sujeito do tratamento, ainda que momentâneo. Ocorria uma contradição: o afastamento com fins para tratamento acabava por atuar, ainda que em um primeiro momento, justamente como um evento que desencadeava o uso da droga. Tal fato pode estar relacionado a fatores como a interrupção de um vínculo social fundamental que, de certo modo, garante uma estabilidade advinda do trabalho, em decorrência de seu papel e de sua função social. Outro ponto que merece ser destacado, que também não era tido em consideração pelos profissionais, refere-se ao número elevado de casos encaminhados pelo serviço de recursos humanos da prefeitura do município, os quais, em geral, eram oriundos de uma mesma categoria profissional, a de trabalhadores do setor de infraestrutura, trabalho descrito pela psicóloga responsável pelos encaminhamentos como uma “tarefa empobrecida e degradante”.

É importante destacar também um fato marcante em meu trabalho no CAPSad. Certo dia, um paciente, usuário do serviço já há um tempo considerável, chegou ao CAPSad atrasado e alcoolizado. Aos prantos, grita no meio do pátio: “Eu quero trabalhar”. Este grito despertou minha atenção e soou como um pedido de socorro. Afinal, este sujeito, que aqui chamarei de Carlos², estava afastado de suas

² Nomes fictícios foram usados para todos os participantes mencionados e/ou entrevistados na pesquisa.

atividades de trabalho para tratamento da dependência química. Ele exercia no passado atividades como servidor público do município no setor de infraestrutura (que já mencionei) e encontrava-se em tratamento devido ao uso abusivo de álcool e crack, principalmente. A análise deste caso certamente envolve maior aprofundamento, ao qual não me aterei neste momento. Mas vale destacar a forma explícita como é colocada por Carlos a importância do trabalho.

É desse contexto que emergiu a temática da tese. No entanto, o que contou para que estas questões deixassem de ser inquietações apenas de meu trabalho enquanto psicóloga para se tornarem um problema de pesquisa de um estudo aprofundado, sistematizado e de grande dedicação foi o apoio de minha orientadora, Dr.^a Ana Paula Paes de Paula, que aceitou me orientar nesta temática no curso de Doutorado em Administração e embarcar nas leituras psicanalíticas voltadas para o assunto, que até então era um novo desafio lançado a nós duas. A importância e as contribuições da professora Ana Paula em minha trajetória de vida (pessoal e profissional) são de imensurável valor; ater-me-ei aqui a apresentar as contribuições da pesquisa intitulada "Mulheres usuárias de álcool e outras drogas: Um estudo sobre o trabalho e a economia solidária como recurso terapêutico"³, pesquisa que pude desenvolver durante parte do curso de Doutorado sob sua orientação.

Nesta pesquisa, amadurecemos muitas discussões relativas ao tema desta tese. Uma delas refere-se ao desenvolvimento do quadro teórico, que apresentarei de forma mais aprofundada na seção referente ao referencial teórico. Neste, abordou-se o conceito de posições cambiantes referentes às estruturas psíquicas, consideradas para a compreensão do fenômeno da toxicomania. Defendeu-se a ideia de que a droga atua como elemento que propicia o deslocamento do sujeito pelas estruturas psíquicas (psicose, perversão e neurose) em função da evolução de

³ Título do projeto: "Mulheres usuárias de álcool e outras drogas: Um estudo sobre o trabalho e a economia solidária como recurso terapêutico". Projeto financiado pelo CNPQ. Nesta pesquisa, elencamos os espaços de formação profissional relacionados à perspectiva da economia solidária na saúde mental, segundo o Ministério do Trabalho e do Emprego e o Ministério da Saúde, em São Paulo e Minas Gerais, constatando a incipiência de iniciativas voltadas para o público usuário de álcool e outras drogas, bem como averiguamos que praticamente inexistem serviços especializados para toxicômanas. As entrevistas realizadas nas instituições abordadas e com as próprias dependentes demonstrou que de fato o trabalho e economia solidária podem significar um elemento importante para recuperação das toxicômanas, tanto como recurso terapêutico, quanto como forma de reinserção social, sendo que no caso das mulheres a ideia ganha força pela identidade que elas em geral têm com as questões sociais. A pesquisa também gerou uma série de recomendações para a elaboração de políticas públicas na área, bem como para o tratamento da toxicomania.

sua dependência. Além do amadurecimento teórico, o campo em que realizei esta pesquisa consistiu em um amadurecimento essencial também para os recolhimentos de histórias de vida e as análises que realizei no desenvolvimento desta tese. Assim, considero-as um “pré-campo”. As histórias recolhidas nesta pesquisa constam do apêndice A.

Enfim, o curso de Doutorado como um todo consistiu em um belo, valioso e riquíssimo caminho percorrido em minha trajetória de vida. Em linhas gerais, tudo que neste período desenvolvi contribuiu para a construção desta tese, para a minha construção enquanto profissional/acadêmica/pesquisadora e para minha construção enquanto sujeito no mundo. Nesse caminho, destaco: as disciplinas cursadas ao longo de todo o curso, em especial àquelas voltadas para a temática da Subjetividade e Psicanálise lecionadas pela professora Ana Paula Paes de Paula; o estágio docente na disciplina de “Saúde Mental e Trabalho nas Organizações”; a disciplina “História de Vida e Experiência” cursada como eletiva no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, que possibilitou meu reencontro com a professora Vanessa Barros e que contribuiu de maneira essencial para o desenho metodológico desta investigação e para minha postura enquanto pesquisadora; o exame de qualificação e as questões discutidas com a professora Ana Magnólia Méndes, que consistiram em eixos condutores fundamentais deste trabalho; e as discussões tecidas quando da defesa do projeto de tese com os professores Luiz Alex Saraiva e Antônio Carvalho Neto.

De maneira muito especial, destaco o estágio do doutorado-sanduíche realizado na França, mais a orientação e o acolhimento da professora Pascale Molinier neste período. Este *séjour* consistiu em uma das etapas mais belas e de maior amadurecimento de toda a minha vida, em todos os aspectos que isso possa representar. Atendo-me aqui aos acadêmicos, destaco: a realização de parte da pesquisa de campo durante um estágio que realizei numa clínica da saúde pública francesa voltada para o atendimento de dependências (experiência que descrevo com detalhes mais adiante na tese), o qual me proporcionou grande crescimento, seja pela realização do campo, seja por minha inserção na clínica, seja pelo contato e discussões realizadas com os profissionais; a apresentação do projeto de tese e de parte dos dados coletados nos eventos científicos realizados na *Université Paris*

XIII; a possibilidade de cursar disciplinas como o curso seguido na *Université Paris XIII de Psychodynamique du Travail*, ministrado pela professora Pascale Molinier e o de *Addictologie*, ministrado pelo professor Vladimir Marinov, e o curso de *Psychopathologie et Psychodynamique du Travail*, conduzido por Christophe Demaegdt e Duarte Rolo, no *Conservatoire National des Arts et Métiers*; a pesquisa bibliográfica realizada no catálogo geral da *Bibliothèque Nationale de France* e a possibilidade de escrever parte dessa tese neste indescritível ambiente de trabalho; a participação como integrante do núcleo de pesquisa *Groupe Clinique des Institutions, Clinique en Institutions*, na *Université Paris 13*; as orientações da tutora do estágio Pascale Molinier (algumas delas realizadas na própria residência da professora); os seminários, palestras e, mesmo, eventos culturais e políticos que tive a sorte de acompanhar e participar. Impossível não destacar estas experiências nesta seção sobre os “caminhos percorridos” e impossível também não me emocionar ao retomar alguns dos momentos vivenciados ao longo dos 14 meses vividos em Paris. Com certeza, as contribuições dessa experiência para a tese e em minha vida são inigualáveis.

Apresentada um pouco de minha trajetória, voltemo-nos à discussão introdutória deste trabalho.

3. INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo central refletir sobre a relação entre trabalho e toxicomania. Para tanto, realizou-se um estudo que teve como condição empírica fundamental o resgate da história de vida de quatro sujeitos: usuários de álcool e/ou outras drogas e trabalhadores. O fio condutor desta investigação baseou-se no estabelecimento de sentido para o fenômeno da drogadição em sua relação com o trabalho.

Além deste objetivo central, o trabalho se orientou em relação aos seguintes objetivos específicos:

- Compreender o uso de drogas no ambiente de trabalho, refletindo de forma aprofundada sobre os mecanismos relacionados a este fenômeno, com o intuito de apontar caminhos para o enfrentamento da questão, por parte tanto dos trabalhadores como das organizações;
- Resgatar as histórias de vida dos sujeitos participantes da pesquisa, compreendendo-as em seu sentido mais amplo, e não apenas com foco da problemática central do estudo;
- Analisar a influência do trabalho, por sua faceta de prazer e de sofrimento, nas subjetividades dos sujeitos;
- Compreender como as atuais configurações sociais e as transformações no mundo do trabalho repercutem no sujeito, ou seja, abordar o(s) sujeito(s) da pós-modernidade;
- Refletir sobre formas de superação em relação tanto ao fenômeno da toxicomania como às formas de opressão no ambiente de trabalho. A superação remete à possibilidade de ação dos próprios trabalhadores. Pode ser construída à medida que estes mergulham em suas próprias histórias de vida. Além disso, consideramos aqui o sujeito ativo, cuja dinâmica psíquica está em constante construção.

O uso de substâncias psicoativas pelos homens é longínquo e se faz presente ao longo de grande parte da história da humanidade. Segundo dados do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, os primeiros indícios de consumo de álcool pelo homem ocorreram aproximadamente no ano 6.000 a.C., de acordo com dados arqueológicos, o que caracteriza tal hábito como um costume que tem persistido por milhares de anos. A noção de álcool como uma substância divina, por exemplo, pode ser encontrada em inúmeros exemplos na mitologia, sendo, talvez, um dos fatores responsáveis pela manutenção do hábito de beber ao longo do tempo (OLIVEIRA, 2007). Carneiro (2009) destaca a relevância das substâncias psicoativas na história da humanidade, seja no papel dos grandes analgésicos, os inimigos da dor física e espiritual, os grandes aliados do sono tranquilo, como também em seu oposto, os estimulantes e provedores de energia para a caça, o combate e a resistência cotidiana dos males e incômodos da vida. O autor defende que a questão do uso de drogas não se restringe apenas a um “problema”, mas, sim, faz parte da cultura humana há milhares de anos como instrumento de estímulo, consolo, devoção, diversão e intensificação do convívio social. É necessário se observar os aspectos históricos, culturais, econômicos e sociais envolvidos no uso de substâncias psicoativas. Oliveira afirma que, por se negligenciar tais fatores, há, muitas vezes, uma dificuldade em se identificar os efeitos do uso dessas substâncias e suas repercussões na sociedade, como nas relações com emprego, educação e pobreza.

Sobre a relação entre o uso de drogas e o trabalho, Eltz e Carvalho (2008) expõem, em reportagem noticiada, sobre o modo como o crack vem se espalhando de forma silenciosa, não apenas nas grandes metrópoles, mas também pelo interior do país. Diante dessa constatação, os autores revelam que trabalhadores rurais do estado do Paraná utilizam o crack como forma de *doping* para a execução de seu trabalho. A droga é usada como “combustível” para a realização de uma atividade pesada e degradante, conforme depreende-se do relato dos próprios profissionais:

Eu usava mais pra dar potência, pra trabalhar, pra render mais o serviço, né? (trabalhador 1)

Se é pra gente arrancar hoje dez toneladas de mandioca, a gente arrancava vinte. Eu sentia uma energia, uma força, vontade mais ganância de saber que de tarde ganhava mais dinheiro. (trabalhador 2)

A pessoa tando com isto aí pode se machucar, pode se cortar, não sente dor, é um anestésico. (trabalhador 3)

O sol pode estar duzentos graus e eles não tão nem aí. E o rendimento deles é bem maior que o dos outros, quando estão drogados. (proprietário)

Hoje, o crack tá solta à vontade, alastrado. Posso te dizer assim, alastrado mesmo, e a tendência é só crescer. Eu acabo, mas o crack não acaba. (trabalhador 4⁴)

O uso de drogas pelos trabalhadores antes, durante ou, mesmo, após a jornada de trabalho é uma constatação que vem crescendo cada vez mais. Molivi (2003) destaca que o uso de drogas no local de trabalho é um problema mundial de saúde pública. Além dos inúmeros prejuízos que o uso da substância química traz ao trabalhador, há grandes repercussões também para as organizações.

A cada dia que passa tem se comprovado que o consumo de álcool e drogas tem afetado a vida de boa parte dos 82 milhões de trabalhadores brasileiros. As empresas também têm tido prejuízos enormes. Segundo cálculos do Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID), o Brasil perde por ano US\$ 19 bilhões de absenteísmo, acidentes e enfermidades causadas pelo uso do álcool e outras drogas. Estatísticas recentes apontam o Brasil entre os cinco primeiros do mundo em número de acidentes no trabalho. São em média 500 mil por ano e 4 mil deles resultam em mortes. (MOLIVI, 2003)

Karam (2003) defende que, em geral, as abordagens tradicionais sobre o uso de álcool e drogas restringem o problema à esfera doméstica, não levando em conta a primazia da dimensão política, em que se insere o trabalho. Para a autora, a intervenção sobre essa questão tem sido feita de modo a se negligenciar o “investimento em ações ético-políticas, voltadas para uma abordagem compreensiva do sofrimento humano em sua relação com o trabalho – vetor pelo qual entendemos a construção da cidadania” (KARAM, 2003, p. 473). A autora conclui que as

⁴ Numeração inserida pelo autor, com a finalidade de facilitar o entendimento do texto.

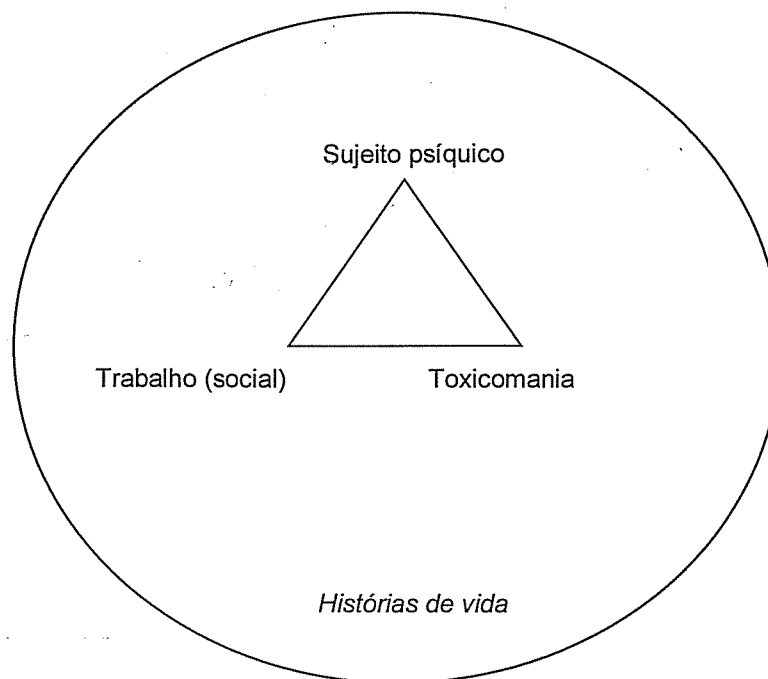
sociedades atuais enfrentam um estado de sofrimento relacionado à cultura da competitividade, narcisista e egoísta, que conduz os indivíduos a um quadro de embriaguez social. Nesta realidade, “a cidadania configura-se como uma ideia frágil, pois exatamente como no alcoolismo, constata-se a perda de liberdade face à substância química eleita para sedar o sofrimento por motivos bem mais complexos do que os orgânicos” (KARAM, 2003, p. 473).

Dentre os motivos que levam o indivíduo a essa busca de sedação do sofrimento, destaca-se o trabalho. Entende-se aqui o trabalho enquanto condição da construção do ser humano e por sua centralidade na vida homem. Entende-se ainda esta atividade pela riqueza e complexidade de sua dinâmica, que pode se configurar ora enquanto fonte de prazer, ora enquanto fonte de sofrimento, ora enquanto ambos. Para o entendimento desta complexidade, é necessário compreender a subjetividade humana, a qual se constrói, ao mesmo tempo em que é construída, nas situações concretas de trabalho.

Dejours (1993) destaca que, ao abordar a relação do homem no trabalho, o que se tem como referência são dinâmicas tanto de processos psíquicos como de processos sociais. Assim, o autor destaca que o funcionamento psíquico do homem não é divisível. Na medida em que o trabalhador se orienta contra o sofrimento no trabalho, ele mobiliza toda a sua bagagem subjetiva. “O homem que está engajado em estratégias defensivas para lutar contra o sofrimento no trabalho não abandona seu sofrimento psíquico no vestiário” (DEJOURS, 1993, p. 103). O autor destaca que toda a economia familiar é convocada como auxílio e forma de enfrentamento das contrariedades da situação de trabalho.

Condição similar ocorre em relação ao fenômeno da toxicomania em sua interface com o trabalho. A toxicomania resplandece como sintoma de uma história de vida, história que forma o sujeito psíquico e que se ancora nos fenômenos sociais. Desse modo encontra também respaldo fundamental no trabalho. Essa relação pode ser esboçada na tríade abaixo, estruturada com foco no toxicômano.

Figura 1: Tríade sujeito, trabalho e toxicomania



Fonte: Elaborada pela autora, inspirado no *triângulo da psicodinâmica do trabalho* (DEJOURS, 1993).

Nesse esquema, a toxicomania se estabelece tanto pelas construções do sujeito psíquico como por aquelas que se estabelecem no plano do social no caso, o trabalho. De forma semelhante, o trabalho media e é mediado pela toxicomania (enquanto sintoma da relação entre o plano psíquico e social) e pelo próprio sujeito psíquico, que também é mediado por estas relações. Essa tríade emerge das histórias de vida, que são construídas nas experiências de formação do psiquismo e nas experiências advindas do plano do social, com destaque para o trabalho, e pelas experiências advindas do uso de drogas. O círculo representa a inter-relação desses conceitos, que não são passíveis de apreensão quando concebidos de forma estanque ou sem a devida importância ao dinamismo desse processo.

Explicitaremos melhor essa ideia com base na discussão teórica que será apresentada. Esta é construída com base nos eixos toxicomania e trabalho. Para a

compreensão da toxicomania, o estudo tem como base de referência a teoria psicanalítica. Assim, são resgatados conceitos da Psicanálise que alicerçam a compreensão psíquica do processo de intoxicação, compreendendo-o como uma tentativa de retorno ao estado do narcisismo primário e de busca da plena satisfação. Paralelamente a essa discussão, esboçam-se reflexões sobre as configurações que o consumo de drogas adquire na sociedade do consumo.

O segundo eixo também se alicerça nos conceitos psicanalíticos. Neste, são resgatados conceitos da psicodinâmica do trabalho e discutem-se a relação do homem com o trabalho e o conceito de espaço público (DEJOURS, 1996, 2008; DEJOURS; MOLINIER, 2008). Nesta discussão, destacam-se a possibilidade de a organização do trabalho atuar como inibidora da obtenção de prazer pela atividade e as dificuldades encontradas pelo sujeito na sublimação pelo trabalho. Na ausência da possibilidade sublimatória, a substância psicoativa resplandece como método substituto de prazer, um meio rápido e eficiente de retirar do ego o que lhe causa sofrimento ou, ainda, um “amortecedor” para o trabalho alienando. Desse modo, o trabalho acaba se tornando uma repetição estéril do sofrimento original e fonte produtora de um sofrimento patogênico. Assim, a opressão no ambiente de trabalho inibe o estabelecimento do espaço público, facilitando o processo de intoxicação, na medida em que este fenômeno simboliza um bloqueio da passagem do sujeito da esfera doméstica para a esfera pública.

Há que se considerar, no entanto, a dialética prazer-sofrimento a que remete toda atividade de trabalho. “O estudo dos aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho não pode desprezar que as vivências de prazer-sofrimento decorrentes da organização do trabalho são dialéticas, e por isso não podem ser estudadas separadamente” (MENDES, 1995, p. 38). Desse modo, mesmo diante de uma organização do trabalho desfavorável é possível a construção de relações autênticas, processos sublimatórios, mobilizações subjetivas e demais processos que permitam a transformação do sofrimento e construções positivas em relação ao fenômeno da toxicomania.

Após os capítulos voltados para a reflexão teórica, é apresentada a metodologia do trabalho, que se pautou, prioritariamente, no recolhimento de histórias de vida. Assim, são apresentadas concepções sobre esta metodologia e a

vertente considerada na tese. Posteriormente, relata-se a experiência do doutorado-sanduíche na França e da pesquisa de campo lá realizada. Em seguida, apresentam-se o campo realizado no Brasil, as análises e as demais considerações tecidas. O capítulo posterior compara os resultados obtidos na França e no Brasil, relacionando-os e agregando também informações referentes à pesquisa feita com profissionais da saúde que trabalham com a toxicomania. Por fim, têm-se as reflexões finais deste estudo.

4. O SUJEITO E AS DROGAS

A compreensão da toxicomania por via da teoria psicanalítica tem como base inicial de entendimento a insaciável busca pelo prazer. Gurfinkel (1996) destaca que Freud escreveu pouco sobre a toxicomania, ficando o leitor com o “enigma do não-dito”. Em contrapartida, o autor nos deixou a herança da metapsicologia, o que nos oferece subsídio para a compreensão do uso das drogas e da toxicomania. Gurfinkel também destaca que para tal compreensão impõe-se a necessidade de uma “*volta aos princípios*, ou seja, de uma pesquisa nos alicerces que sustentam a construção teórica de Freud baseada no *prazer*” (GURFINKEL, 1996, p. 18).

A obtenção de prazer é algo constante na vida do homem. Para Freud (1930) o propósito e a intenção da vida do homem consistem na obtenção da felicidade. Os homens “querem ser felizes e assim permanecer”. Nesse sentido, Freud coloca que o que define este propósito de vida é o programa do princípio de prazer, o qual rege o aparelho psíquico, de modo que os objetivos da atividade psíquica são evitar o desprazer e proporcionar o prazer.

No início da vida, o princípio do prazer reina inteiramente. Neste estado, o aparelho psíquico constitui-se em id tudo é prazer. O bebê é o centro das atenções e não há interposição na realização de seu desejo. Neste momento, ele tem o seio da mãe, a mais desejada de todas as sensações. No ato de sugar, a criança recém-nascida tem uma das experiências mais importantes de sua vida, na qual ela satisfaz de uma só vez duas grandes necessidades vitais: o prazer erótico e o prazer de alimentar-se, que ocorrem sem interposições. “É como se estivéssemos vivendo num paraíso de delícias, sem nada que se opõem aos nossos desejos” (TOMÁS, 2008, p. 36). Tem-se então, a fase inicial do desenvolvimento, a do prazer primário. Assim, o estado primitivo se caracteriza pela ausência de relações com o meio, pela indiferenciação entre o ego e o id e entre o bebê e a mãe.

Tomás (2008) pontua como a ideia de um prazer total permeia o pensamento da humanidade, mesmo que inconscientemente. Na constituição do homem, na

lenda da origem da vida, as figuras simbólicas de Adão e Eva habitavam um paraíso – o paraíso original. Assim também se dá na constituição do psiquismo. O paraíso de Adão e Eva relaciona-se ao período do narcisismo primário – o paraíso inicial do nosso psiquismo “[...] o qual todos desejamos retornar, o paraíso do qual nossos antepassados foram expulsos ao comerem do fruto da árvore do conhecimento” (TOMÁS, 2008, p. 36).

No narcisismo primário, a criança toma a si mesma como objeto de amor, o que significa a crença na onipotência de seus pensamentos. A ideia de narcisismo primário corresponde, segundo definições escritas após a elaboração da segunda tópica⁵, a um primeiro estado de vida, anterior até a constituição de um ego, sendo a vida intrauterina o seu modelo, no qual não há a clivagem entre o sujeito e o mundo externo. Assim, uma criança recém-nascida ainda não distingue o seu ego do mundo exterior. Ela o aprende a fazê-lo gradativamente, reagindo aos diversos estímulos. Dentre estes estímulos, o que se destaca é a ausência do seio da mãe, que só reaparece como resultado dos gritos da criança. Neste processo, o ego é contrastado a um objeto, a algo que existe exteriormente a ele, afinal o seio não está presente o tempo todo. A criança tem, então, de lidar com a ausência de algo que lhe é fundamental, mas que não está nela. Inicia-se, desse modo, o desengajamento do ego para o reconhecimento de um mundo externo.

O desvendamento do mundo exterior é determinante no desenvolvimento do aparelho psíquico. Tomás (2008, p. 37) afirma que a saída do “paraíso” ocorre quando se toma conhecimento de si mesmo em oposição à realidade externa e suas exigências “[...] é como se tivéssemos comido do ‘fruto do conhecimento’, que nos permitiu o reconhecimento da realidade como algo distinto de nós mesmos”. A tomada de consciência do mundo externo faz perceber que há um outro e que se depende desse outro para a obtenção do prazer. Enquanto no narcisismo primário este outro era o próprio ser, que se realizava em si mesmo, agora só é possível realizar-se através do outro exterior.

⁵ Segundo Laplanche (2001) o termo *tópica* refere-se a uma teoria que supõe uma diferenciação do aparelho psíquico em certo número de sistemas (lugares psíquicos, metaforicamente) dotados de características ou funções diferentes e dispostos em determinada ordem em relação aos outros. Na primeira tópica freudiana, a distinção principal é feita entre inconsciente, pré-consciente e consciente, e na segunda, entre o id, o ego e o superego.

O reconhecimento da exterioridade é o primeiro passo na introdução de um **princípio de realidade**⁶.

Sabemos que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo **princípio de realidade**. Esse último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer (FREUD, 1920/2006c, p.20).

Laplanche (2001, p. 368) define este princípio como um dos que regem o funcionamento mental, formando par com o princípio de prazer e o modificando; “na medida em que consegue impor-se como princípio regulador, a procura da satisfação já não se efetua pelos caminhos mais curtos, mas faz desvios e adia o seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior”. Nesse sentido, o princípio da realidade se caracteriza pelo adiamento da gratificação, que é regida pelo princípio do prazer. O princípio da realidade ocorre pelo amadurecimento normal do indivíduo, que passa a reger-se menos pelo princípio do prazer, que reinava no estado inicial. É por ele que o indivíduo lida com as frustrações e exigências do mundo externo, suportando a dor e adiando a gratificação.

No entanto, nem sempre o indivíduo lida com o princípio da realidade de maneira adequada. Inevitavelmente, o choque com o mundo exterior proporciona “frequentes, múltiplas e inevitáveis sensações de sofrimento e desprazer, cujo afastamento e cuja fuga são impostos pelo princípio do prazer, no exercício de seu irrestrito domínio” (FREUD, 1930/2006d). Haverá, então, uma tendência a isolar do ego tudo que pode tornar-se fonte de tal desprazer, a lançá-lo para fora e a criar um puro ego em busca de prazer, que sofre o confronto de um exterior estranho e ameaçador. Tem-se aí o ponto de partida de importantes distúrbios patológicos: diante das frustrações inerentes ao mundo externo, o ego inicia um movimento em

⁶ Os realçes em negrito foram utilizados para destacar trechos considerados importantes no texto.

direção contrária e se separa do mundo externo; ou melhor, separa de si mesmo um mundo externo – há uma busca do retorno ao narcisismo primário.

Esse procurado retorno ao estado da onipotência narcísica corresponde então a uma fuga do sofrimento e do desprazer oriundos da exterioridade. Assim, de que recursos o homem disporia para remontar a uma fase primitiva do desenvolvimento do ego? Como resposta a este questionamento, Freud (1930/2006d) apresenta, dentre outros dispositivos “que nos fazem extrair luz das nossas desgraças”, o fenômeno da intoxicação. Freud afirma que a substância tóxica nos torna insensíveis ao nosso sofrimento, influenciando o corpo e alterando a sua química.

Freud aponta que os métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são aqueles que procuram influenciar o próprio organismo. Para o autor, o mais grosseiro, porém o mais eficaz, dos métodos de influência é o químico, a intoxicação. Freud completa que existem na intoxicação substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos, provocam diretamente sensações prazerosas, alterando as condições que dirigem a sensibilidade, de modo que o sujeito se torna incapaz de receber impulsos desagradáveis. Ainda, acrescenta:

O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupação’, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade (FREUD, 1930/2006d, p.85-86).

Todo indivíduo busca uma satisfação inatingível, um retorno ao estágio do reinado prazer. A intoxicação consiste num caminho mais curto para o encontro da satisfação. Tomás (2008) relaciona a toxicomania a uma busca do reencontro ao prazer primário, a uma tentativa de reconquistar a independência de qualquer oposição do mundo externo, e de realizar-se autoeroticamente. O retorno ao estado do narcisismo primário é ponto fundamental para a compreensão da toxicomania.

Gurfinkel argumenta que “a questão do narcisismo – especialmente a do narcisismo primário – está desde o início articulada com os paradoxos do originário [...]; ele é também, sem dúvida, um conceito-chave para compreender a toxicomania” (GURFINKEL, 1996, p. 73). Nesse sentido, Tomás (2008) afirma que a aquisição do princípio da realidade em detrimento ao princípio do prazer é justamente a função psíquica deficiente no toxicômano – é a sua incapacidade para a frustração. E completa:

O que está em jogo não é apenas a experiência de prazer que a substância química provoca no organismo, mas uma experiência de prazer correlata à interferência provocada pela droga na posição do sujeito em relação ao objeto/realidade, um tipo de prazer que poderíamos qualificar de narcisista. A droga é um objeto narcisista (TOMÁS, 2008, p. 40).

A autora defende que a intoxicação opera no reconhecimento de uma incompletude, que é inerente ao ser e que remonta ao complexo de castração, que, de modo geral, configura-se pela interdição. A dificuldade em lidar com a interdição, típica ao mundo externo – princípio da realidade –, desperta no sujeito o desejo de recuperar a perfeição narcísica. No entanto, a liberdade inicialmente desfrutada pelo usuário na relação de prazer com a droga torna-se progressivamente o seu oposto, uma prisão – a dependência. A dependência carimba novamente e de forma brutal no indivíduo a perda insuportável (que opera na abstinência) imposta pela realidade. Além disso, a substância química tampona algo que é inerente à própria constituição do aparelho psíquico: a frustração, que é intrínseca à condição humana.

Também é importante destacar que a busca de obtenção de prazer por via da droga remonta ao registro da oralidade, que remete tanto à regressão a fases mais primitivas do desenvolvimento como à própria fenomenologia do ato de drogar-se, que busca a satisfação pela incorporação de um objeto ao organismo, um “pôr para dentro” (GURFINKEL, 1995). A regressão a fases mais primitivas relaciona-se ao retorno ao narcisismo primário e é ponto fundamental para a compreensão da toxicomania. Assim, a busca do reencontro ao prazer primário operada pelo toxicômano e sua fuga às oposições do mundo externo remetem a uma fixação nesta fase narcísica, a uma impossibilidade na experiência do desmame e, em

consequência, a uma busca pela restauração de um estado primário de satisfação absoluta (ALBERTI; INEM; RANGEL, 2003).

Outro conceito importante para a compreensão da intoxicação refere-se à castração. Tomás defende que a intoxicação opera na incompletude que o uso da substância química busca tamponar, mas que é inerente à própria condição humana. Tal incompletude remonta ao complexo de castração, que se configura pela função interditória e normativa, que na toxicomania apresenta-se deficiente. Afinal, a toxicomania se relaciona a uma fixação na oralidade, fase marcada pela ausência do desprazer oriundo da exterioridade, que se edifica na figura da mãe, que garante toda a proteção e representa o não estabelecimento da frustração e do interdito, simbolizados pelo princípio da castração, ou seja, pela introjeção da lei do pai.

Assim, a toxicomania representa a dificuldade do sujeito em lidar com a frustração, em lidar com o interdito da castração. Pela falha da ação empreendida pela castração, a toxicomania se aproxima da perversão, ou seja, pela relação estabelecida com a função paterna, que, no caso, é deficiente. Para Alberti, Inem e Rangel (2003), encontrar a problemática paterna nas toxicomanias significa estabelecer os contornos da estrutura perversa no que esta comporta de negação da castração, no velamento ou recusa do mal-estar na cultura. Nesse sentido, a toxicomania se inscreveria em uma estrutura perversa.

Sobre a inscrição da toxicomania em determinada estrutura psíquica, é importante destacar que as relações estabelecidas pelos sujeitos com o objeto droga são singulares em suas formas e intensidades, assim como em sua inabilidade em lidar com o desprazer e o mal-estar, com a castração. As particularidades pelas quais cada indivíduo lida com a castração, identificam “[...] a maneira pela qual cada sujeito se inscreve nas estruturas psíquicas, identificando com isso o processo de construção das subjetividades, estejam elas ligadas ou não ao consumo de drogas” (ALBERTI; INEM; RANGEL, 2003, p. 16).

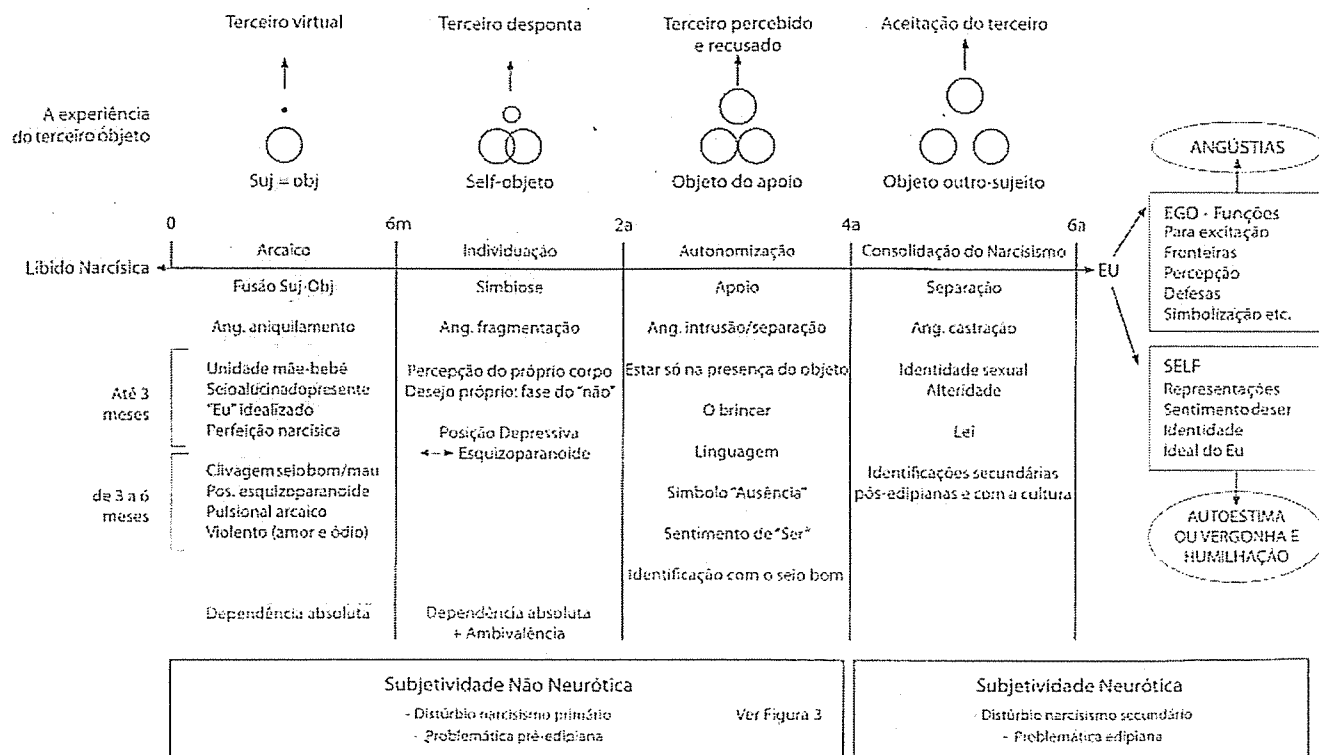
Paes de Paula (2010) apresenta uma forma de associação entre a toxicomania e as estruturas psíquicas. Para tanto, a autora se baseia no estudo de Minerbo (2009) que apresenta a ideia de posições subjetivas. A constituição do

aparelho psíquico ocorre por dois eixos: o eixo narcísico e o eixo objetal. O eixo narcísico corresponde ao processo de constituição do eu, ao período pré-edipiano, que antecede o período objetal. O eixo objetal envolve as vicissitudes da constituição do objeto do desejo. Paes de Paula destaca que as posições nestes eixos são flexíveis e cambiantes. Ele complementa que a posição em determinado eixo diz do sujeito neurótico e não neurótico.

[...] na história do processo de subjetivação todos nós já ocupamos as posições subjetivas presentes nestes eixos, às quais podemos retornar dependendo do nível de resolução de cada uma e também das circunstâncias. Os indivíduos cuja subjetividade se encontra no eixo narcísico, ou fase pré-edipiana, são por ela (Minerbo) considerados não-neuróticos, ou seja, estão no domínio da psicose, que abrange desde casos mais leves até casos mais graves. Os indivíduos cuja subjetividade se encontra no eixo objetal são considerados neuróticos (PAES DE PAULA, p. 20, 2010).

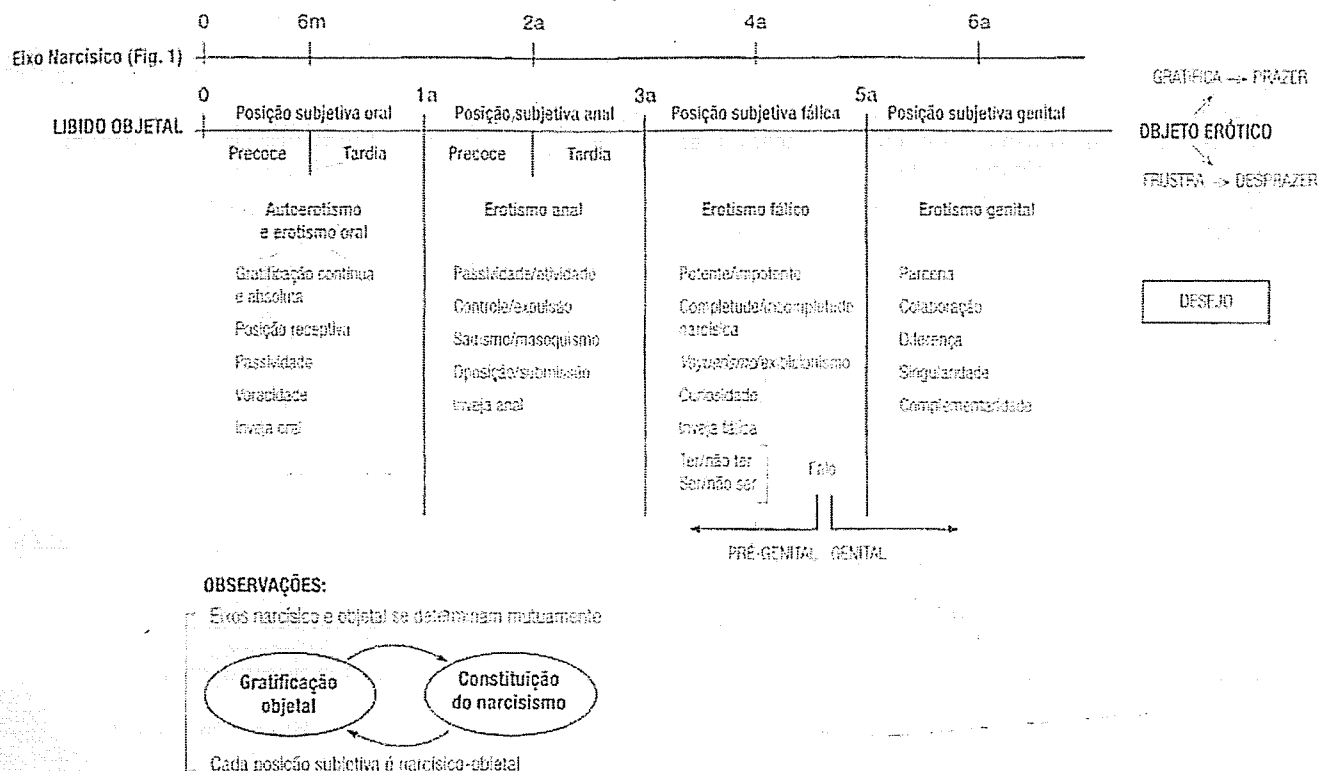
As figuras a seguir foram extraídas de Minerbo e ilustram como funcionam os mecanismos do eixo narcísico e do eixo objetal relacionados ao processo de desenvolvimento mental e, também, as posições subjetivas que o sujeito pode ocupar. Paes de Paula destaca que a chave para a evolução nesse processo é a inclusão do terceiro na relação mãe e filho, terceiro este que é simbolizado pelo pai.

Figura 2: Psicogênese. Eixo narcísico: a constituição do eu.



Fonte: Minerbo (2009, p. 459)

Figura 3: Psicogênese. Eixo objeta: a constituição do objeto do desejo.



Fonte: Minerbo (2000, p.460)

Paes de Paula destaca os seguintes trechos retirados de Minerbo que explicitam melhor sobre o desenvolvimento psíquico do sujeito segundo os eixos e sobre a constituição da subjetividade:

O aparelho psíquico cujo desenvolvimento ao longo do eixo narcísico chegou relativamente a bom termo indica uma estrutura psicopatológica normoneurótica. Diz-se que uma forma de subjetividade é normoneurótica quando conta com um Eu relativamente bem estruturado. O narcisismo

primário está bem constituído, o que significa que o Eu não se sente constantemente ameaçado em sua integridade, embora possa haver problemas mais ou menos graves com relação ao narcisismo secundário – aquele que depende das identificações obtidas a partir da travessia do Édipo. As principais dificuldades do neurótico podem ser localizadas ao longo do desenvolvimento do eixo objetal. As vicissitudes na constituição do objeto de desejo acabam por lhe impor limitações – maiores ou menores – com relação à possibilidade de obter prazer em sua relação com ele. São as inibições, os sintomas e as angústias...

A estrutura não-neurótica apresenta seus maiores problemas no eixo narcísico. O Eu não se constituiu de modo satisfatório, o que significa dizer que seu desenvolvimento estancou-se em algum momento do longo e trabalhoso processo de separação do objeto primário. O narcisismo primário ficou capenga. Por esse motivo, o sofrimento desses analisandos diz respeito à sobrevivência do Eu. Diante disso, a questão do prazer, no eixo objetal, fica em segundo plano. No melhor dos casos, o objeto e a excitação sexual são usados também para tamponar angústias que dizem respeito ao eixo narcísico (MINERBO, 2009, p.150-151).

Com base nos esquemas propostos por Minerbo, Paes de Paula discorre sobre a toxicomania e sua relação com a proposta de posições subjetivas, mutáveis e flexíveis, e o respectivo desenvolvimento psíquico do indivíduo. Assim, o sujeito neurótico, por exemplo, utiliza a droga como um recurso para aliviar o sofrimento neurótico, como uma “licença para perverter”, tendo em vista as principais características da neurose, que é o fenômeno do recalçamento. Nesse sentido, para Paes de Paula, a neurose obsessiva

[...] se caracteriza pela compulsão à repetição e a tirania do superego, o indivíduo aqui encontra submisso ao objeto-droga, em uma dialética viciosa de suspender a censura por meio da substância intoxicante para em seguida ser oprimido pela culpa que advém de um superego impiedoso (PAES DE PAULA, 2010, p. 23-24).

Na estrutura não neurótica apresentada por Minerbo, na qual os casos mais graves são representados pela psicose, que corresponde à regressão a fases mais primitivas da formação do aparelho psíquico, a droga se caracterizaria como forma de fazer suplência do foracluído. A foraclusão, conhecida como a foraclusão do nome do pai, corresponde à não inclusão do indivíduo na norma edípica. Nesse

caso, os sintomas, como os delírios, por exemplo, representam uma estrutura para substituir a lei, forma de suplência do nome do pai. Nos casos de toxicomania, esta suplência é feita pela droga.

Paes de Paula defende a ideia de que, assim como no esquema teórico proposto por Minerbo, no qual o indivíduo pode se mover nos eixos narcísico e objetal, uma vez que já os experienciou na formação de sua vida psíquica, situação similar também ocorre no fenômeno da toxicomania. “É este conceito de flexibilização que permite estabelecer posições cambiantes no que se refere às estruturas psicopatológicas que nos interessa para a explicação das posições subjetivas do toxicômano” (p. 26). Para tanto, a autora aborda, além das posições explicitadas por Minerbo, o fenômeno da perversão. Dentre outras características, Paes de Paula destaca “o fechamento total do sujeito à castração simbólica, que implica na recusa do pai e da lei” (p. 27). Assim, a estrutura perversa se caracteriza como uma patologia do laço social, apresentando como traços característicos o desafio e a transgressão à interdição paterna. A autora destaca que para a compreensão da perversão é importante se pensar em uma “montagem” perversa, e não em uma estrutura perversa fixa. Nessa perspectiva, mesmo os sujeitos neuróticos podem apresentar estas características: “neurótico mais neurótico, ou neurótico mais perverso”. Na figura 2 (esquema de Minerbo), Paes de Paula apresenta a fase da autonomização, que se refere ao momento em que o terceiro é percebido e recusado, como exemplificadora da perversão.

Diante do que foi colocado, Paes de Paula defende a ideia de posições subjetivas também no fenômeno da toxicomania. Assim, por exemplo, quando maior a dependência do toxicômano mais ele se aproximaria de um quadro psicótico; nessa perspectiva o sujeito deslizaria entre as estruturas psíquicas em função da evolução de sua dependência, ocupando diferentes posições subjetivas nesse processo. O quadro 1 elucida o pensamento da autora:

Quadro 1: Evolução da dependência

Psicose	Perversão	Neurose
Posição psíquica primária	Posição psíquica intermediária	Posição psíquica secundária
Fusão com o objeto	Fixação no objeto	Submissão ao objeto
Foracluir a castração	Recusar a castração	Contornar a castração
Foracluir o superego	Negar o superego	Lograr o superego
Princípio do nirvana	Gozo	Princípio do prazer
Defender-se do excesso de psíquico	Viver o que fantasia – <i>Acting out</i>	Defender-se do excesso de realidade
Dependência exacerbada	Ilusão de controle da Dependência	Princípio de dependência

Evolução da dependência

Fonte: Paes de Paula (2010, p. 29)

Com base no esquema proposto por Paes de Paula, quando o toxicômano ocupa uma posição subjetiva neurótica a droga é utilizada como forma de reduzir a severidade do superego, uma “licença para perverter”. A autora defende que estes sujeitos sofrem de um “excesso de realidade”, um estado no qual há uma angústia derivada de uma dificuldade em lidar com os afetos e o mundo interior. Assim, a droga atua como artifício tanto para lidar com o superego severo e suas altas

exigências de ideal como para acessar o mundo interior. No entanto, este efeito “organizador” da substância psicoativa acaba se configurando de forma frágil, tendo em vista seu efeito temporário. Além disso, na abstinência, ou “ressaca”, o superego volta a agir com força total. A autora destaca:

De qualquer forma, a “festa triunfal” da intoxicação aqui é uma espécie de triunfo sobre o pai, o que já denota o início de uma patologia do laço social. O jogo da dependência ainda está apenas começando: o indivíduo é submisso ao objeto-droga, mas ainda consegue se separar dele e o uso da droga se encontra no registro do prazer trazido pela redução das excitações e tensões (PAES DE PAULA, 2010, p. 29-30).

Com o aumento da dependência, o sujeito pode transitar por uma posição subjetiva perversa, na qual o indivíduo encontra-se em um estado de fixação no objeto droga. Este se torna o único meio encontrado para obter prazer. A droga se torna tão vital para esta pessoa que comportamentos de transgressão para consegui-la tornam-se justificados, como roubar, mentir ou, mesmo, matar. No entanto, assim como o sujeito perverso nega a castração e a inserção do terceiro, por seu sentimento de onipotência, o sujeito perverso toxicômano tende a negar sua dependência química. Sobre este sujeito, afirma Paes de Paula:

Encontra-se em uma posição do desenvolvimento psíquico em que ainda não separou totalmente da mãe e tem dificuldades em admitir este vínculo. O superego lhe coloca restrições, mas ele as ignora e recusa a existência das mesmas. Ele se rebela contra o laço social e deixa de se importar com os outros (PAES DE PAULA, 2010, p. 30).

Na posição subjetiva psicótica, a utilização da droga, marcada por uma dependência ainda mais severa que nas posições anteriores, se caracterizaria por uma busca de anulação de todo o desprazer, como uma espécie de anestesia perceptual, que levaria o sujeito ao nirvana, ao ápice do prazer. Nesse estado, o sujeito se encontra então mergulhado em sua subjetividade, em um “excesso de psiquismo” em que não há nenhum elemento perturbador à vista, pois a castração e

o superego foram foracuídos. Para Paes de Paula, nesse estado a dependência é total, pois

[...] o indivíduo se encontra fundido com o objeto-droga tal como um bebê ao corpo de sua mãe, regredindo ao estágio do prazer primário. Ele se desconecta do laço social e se rende à pulsão de morte. Dentro do espectro da psicose, nos casos menos graves é possível que a droga esteja fazendo o papel de suplência da lei, de modo que ainda há uma chance de inserir uma estrutura que a substitua, mas quando esta fusão total com o objeto se estabelece, o quadro pode ser considerado bastante grave e de difícil recuperação (PAES DE PAULA, 2010, p. 30).

Em síntese, o que esquema apresentado por Paes de Paula propõe é que há um grande dinamismo nas “estruturas” psíquicas, que, compreendidas dessa maneira, caracterizam-se como posições, e não por rígidas estruturas. Têm-se, então, o papel do desenvolvimento do psiquismo e história de vida do indivíduo nessa construção, mas não apenas. Sob a égide desse entendimento, o fenômeno da toxicomania também apresenta papel fundamental nessa relação. A partir da relação estabelecida com a droga e o grau de dependência, o sujeito cambia de uma posição subjetiva a outra, e vice-versa. Ou seja, a posição subjetiva em que o sujeito se encontra afeta a intensidade da dependência.

A intensidade da dependência química diz respeito à compulsão relacionada à ingestão da droga. Tal dimensão é singular a cada sujeito, relaciona-se à sua própria subjetividade e vai desde uma recorrência esporádica à regular, da dependência apenas psíquica à física de fato. A dependência física relaciona-se ao toxicômano, à dependência severa. Ocorre quando a dimensão compulsiva se faz fortemente presente, configurando-se a droga como a razão da vida do sujeito, na qual sua ingestão é compelida por forças físicas e psíquicas poderosas (ALBERTI; INEM; RANGEL, 2003).

Sobre esta questão, Gurfinkel (1995) discute a droga enquanto objeto da pulsão, que, como tal, representa a coisa na qual a pulsão pode alcançar sua satisfação, tornando-se lugar ou instrumento de busca do prazer. No entanto, o toxicômano, em contraposição ao usuário de drogas, por exemplo, apresenta uma

fixação da pulsão em apenas um objeto – no caso, a droga – sobre o qual gira toda a sua vida: “[...] a droga vai tirando, dispersando sua atenção de tudo. A cocaína, principalmente, passa a ser tudo para você: passa a ser sua família, passa a ser o seu carro, passa a ser sua comida, passa a ser tudo. É... a vida...” (Depoimento de Andréa, extraído de GURFINKEL, 1995, p. 108). Nesse caso, o objeto-droga se configura como o único capaz de proporcionar satisfação, em caráter de exclusividade e fixação do destino da pulsão. Assim, pensar no papel estruturante do trabalho na toxicomania significa, dentre outras relações, a possibilidade de mobilidade da pulsão (característica esta que lhe é própria, mas que se apresenta deficiente no toxicômano) do objeto-droga para outros lugares, como para a atividade do trabalho. Além disso, o trabalho ressitua socialmente o sujeito, trazendo-lhe outras possibilidades de vida para além da droga. A reflexão sobre a relação do trabalho para a saúde/adoecimento do sujeito será tratada mais adiante.

4.1 O sujeito pós-moderno – consumo e consumo de drogas

A dimensão compulsiva relacionada à ingestão da substância se alicerça em uma condição social em que outras compulsões se materializam, configurando-se o consumo de drogas em mais uma delas. Esta reflexão remete ao processo de construção das subjetividades, que ocorre por via do social e sua inter-relação na dinâmica dos mecanismos psíquicos. Para fundamentar essa reflexão, as discussões tratadas neste capítulo abarcam o sujeito reflexo da lógica mercadológica capitalista.

Dufour (2007) caracteriza este sujeito da atualidade como um sujeito pós-moderno. O autor afirma que o sujeito pós-moderno se constitui em uma organização capitalista de sociedade na qual o controle dos sujeitos vai além dos corpos. Atualmente, não se trata apenas de controle sobre corpos produtivos; o

progresso capitalista reside na redução dos espíritos humanos. Para Dufour, o capitalismo evolui segundo com base em uma lógica de consumo, que tende ao consumo de si mesmo. Nesta lógica, são consumidos não apenas os recursos, mas também os próprios indivíduos a que ela serve. Assim, observa-se o momento que o autor caracteriza de “redução das cabeças”.

Esse estado de “consunção dos espíritos” remete, dentre outros aspectos, às mutações relacionadas ao próprio sistema capitalista neoliberal, cuja maximização da mercadoria se torna um imperativo. A maximização da mercadoria incita um processo de dessimbolização, em que valores de ordem moral ou, mesmo, transcendental, esvaziam-se, tendo em vista a necessidade da troca mercadológica.

O valor simbólico é assim desmantelado, em proveito do simples e neutro valor monetário da mercadoria, de tal forma, que nada mais, nenhuma outra consideração (moral, tradicional, transcendente, transcendental [...]) possa entravar sua livre circulação. Daí resulta uma dessimbolização do mundo (DUFOUR, 2007, p. 13).

O enfraquecimento da função simbólica entre os homens contribui para promover alterações na própria condição humana. Afinal, o estar do homem no mundo irá ocorrer de acordo com os fluxos de mercadorias, os quais são móveis, flexíveis, instáveis e superficiais. As conexões múltiplas de fluxo das mercadorias substituem o sujeito neurótico freudiano (com suas falhas de identificação, que tendencialmente se cristalizam em formas antiprodutivas) por um sujeito aberto a todas as conexões. Tais questões serão retomadas logo a frente. É importante destacar que “esse novo estado do capitalismo é o melhor produtor do sujeito esquizoide, esse da pós-modernidade” (DUFOUR, 2007, p. 21). O sujeito esquizoide se caracteriza como um sujeito acrítico, precário e psicotizante, aberto a todas as flutuações identitárias e então preparado para todos os fluxos mercadológicos. No entanto, o cerne deste sujeito se funda no vazio, que aumenta progressivamente, visto que é guiado pelas flutuações de mercado.

Essas alterações na condição humana emanam de uma série de acontecimentos, que se multiplicam cada vez mais: domínio do mercado,

dificuldades de subjetivação e de socialização, toxicomania, multiplicação das passagens ao ato, explosão da delinquência, novas formas de violência, etc. (DUFOR, 2007). Tais acontecimentos não são novos nem exclusividade apenas desta época, até pelo contrário. No entanto, o que se discute aqui são os modos como eles são enredados atualmente, adquirindo uma trama particular, diferente de outros momentos históricos. O que se intenta demonstrar são as transformações na subjetividade relacionadas à atual conjuntura social, pois, defende Dufour, a condição subjetiva do homem está submetida à historicidade.

A emergência deste novo sujeito se alicerça em elementos significativos, como:

[...] o desenvolvimento do individualismo, a diminuição do papel do Estado, a supremacia progressiva da mercadoria em relação a qualquer outra consideração, o reinado do dinheiro, a sucessiva transformação da cultura, a massificação dos modos de vida combinando com a individualização e a exibição das aparências, o achatamento da história na imediatez dos acontecimentos e na instantaneidade informacional, o importante lugar ocupado pelas tecnologias muito poderosas e com frequência incontroladas, a ampliação da duração de vida e a demanda insaciável de plena saúde perpétua, a desinstitucionalização da família, as interrogações múltiplas sobre a identidade sexual, as interrogações sobre a identidade humana (fala-se, por exemplo, hoje, de uma "personalidade animal"), a evitação do conflito e a desafetação progressiva em relação ao político, a transformação do direito em um juridismo procedimental, a publicização do espaço privado (que se pense na onda dos webcams), a privatização do domínio público... (DUFOR, 2007, p. 25).

A mutação pós-moderna da subjetividade também se reflete nas relações do sujeito com o outro. O outro, enquanto ser fundante do sujeito, também se transforma. Nesta transformação, a própria mercadoria passa a ocupar este lugar. A mercadoria atua no intuito de satisfazer o desejo do sujeito, o qual pela própria natureza da pulsão, ao não ser completamente satisfeito, conduz a uma nova demanda. Assim alimenta satisfatoriamente não ao sujeito, mas ao fluxo mercadológico. Ademais, a busca pela mercadoria enquanto ocupante do lugar do outro na incompletude do sujeito reflete-se em outras consequências além das já comentadas. Afinal, o mercado não reconstitui laço social. Nesse sentido, o que ocorre de fato é um sujeito abandonado e imerso em um enorme vazio.

Uma das formas de suprir essa carência do outro consiste na adição. A palavra *adicto* vem do latim *addictu*, e refere-se ao homem que, para pagar uma dívida, se converte em escravo, por não dispor de outros recursos para cumprir com o compromisso assumido (GURFINKEL, 1995). Do mesmo modo, na adição o sujeito se torna escravo da droga, por um modo de inscrição do outro não mais na ordem do desejo, mas da necessidade. Afinal, tal inscrição ocorre por via da mercadoria, na qual a droga resplandece como uma mercadoria especial, tal como se opera no fenômeno da toxicomania. Nesse sentido, a toxicomania se caracteriza por uma busca simbólica pelo outro, a qual, por caminhos frustrados, acaba se transformando em dependência, visto que o outro é substituído pela substância/mercadoria, inserindo-se então no campo da necessidade, e não do desejo. Assim, a adição à droga atua como uma forma de remediar a falta do outro, característica da sociedade pós-moderna (DUFOR, 2007).

Rolnick (1996) expõe sobre os efeitos da globalização e das novas tecnologias, em especial as eletrônicas, nas subjetividades. Segundo a autora, estes processos implicaram a "pulverização das identidades locais relativamente estáveis, acompanhada de uma tendência a conformar as subjetividades assim desparametradas segundo 'identidades globalizadas flexíveis'" (ROLNICK, p. 6, 1996). A autora sugere que a globalização impõe ao sujeito um turbilhão de identidades, acelerado pelas tecnologias eletrônicas, independente do contexto nacional, geográfico, cultural, etc., as quais se tornam flexíveis, na medida em que mudam de acordo com os movimentos do mercado e na mesma velocidade. Também são flexíveis pois substituem identidades locais fixas outrora construídas.

A globalização e o avanço do sistema mercadológico impõem aos sujeitos variadas e fragmentadas identidades, que não implicariam, entretanto, o abandono de uma referência identitária. No entanto, a adaptação às mudanças da globalização torna-se necessária e acena para o perigo de se virar um nada caso não se consiga produzir o perfil requerido para se "gravitar na lógica do mercado". Ou seja, a reprodução de identidades pulverizadas torna-se um artifício de sobrevivência perante a lógica mercadológica, o qual acaba por infligir o esvaziamento de uma referência identitária própria, da própria subjetividade. Nesse sentido, as novas tecnologias e os novos produtos, hábitos, padrões, paradigmas, etc. não excedem

os contornos da subjetividade, impelindo-a a tornar-se outra, mas, sim, a degeneram e esvaecem a imagem completa de uma identidade, ainda que suposta. Assim, os vazios de sentido aumentam e se agravam cada vez mais, tornando-se insuportáveis. Tem-se aí uma contradição: a reprodução das diversas forças produtivas ao invés de construir uma diversidade de sentidos abala o próprio sentido e a ideia de um regime identitário de constituição da subjetividade (que nesta realidade é desconstruído) e impele o sujeito a um imenso vazio. Como forma de resistência, o indivíduo recorre a diversos meios, dentre eles o uso de drogas.

Tais experiências tendem então a ser aterrorizadoras: as subjetividades são tomadas pela sensação de ameaça de fracasso, despersonalização, enlouquecimento ou até de morte. As forças, ao invés de serem produtivas, ganham um caráter diabólico; o desassossego trazido pela desestabilização torna-se traumático. Para proteger-se da proliferação das forças e impedir que abalem a ilusão identitária, breca-se o processo, anestesiando a vibratibilidade do corpo ao mundo e, portanto, seus afetos. Um mercado variado de drogas sustenta e produz esta demanda de ilusão, promovendo uma espécie de toxicomania generalizada (ROLNICK, 1996, p. 6).

Neste cenário, as substâncias psicoativas resplandecem, em suas variadas facetas, sejam elas

(...) produtos do narcotráfico, proporcionando miragens de onipotência ou de uma velocidade compatível com as exigências do mercado; fórmulas da psiquiatria biológica, nos fazendo crer que essa turbulência não passa de uma disfunção hormonal ou neurológica; e para incrementar o coquetel, miraculosas vitaminas prometendo uma saúde ilimitada, vacinada contra o stress e a finitude. Evidentemente não está sendo posto em questão aqui o benefício que trazem tais avanços da indústria farmacológica, mas apenas seu uso enquanto droga que sustenta a ilusão de identidade (ROLNICK,, 1996, p. 6).

A autora destaca que outras drogas sustentam igualmente essa ilusão e estão amplamente disponíveis no mercado, embora não se apresentam como tal, por exemplo, aquela oferecida pela TV, pela publicidade e pelo cinema comercial, aquela oferecida pela literatura de autoajuda e aquela oferecida pelas tecnologias diet/light-que vêm juntamente com as fórmulas de purificação orgânica e de

produção de um corpo *top model*. Outro modo de resistência reside nos movimentos de reivindicação identitária de minorias (sexuais, étnicas, raciais, religiosas, etc.). Ainda nestes casos, busca-se, no plano da subjetividade, a defesa de identidades locais contra identidades globalizadas e pulverizadas. Em outro oposto, a síndrome do pânico também se configura como um reflexo do quadro descrito, pois representa o caos psíquico social e orgânico diante de toda desestabilização. "Neste estado de pânico, não basta apenas mais anestesiar a vibratibilidade do corpo, tamanha a violência da invasão de forças. Imobiliza-se então o próprio corpo" (ROLNICK, 1996, p. 4).

A crítica à sociedade do consumo enredada por Dufour e Rolnick, alerta para a adição e sua relação com a pós-modernidade. Nesse debate, um ponto principal consiste na retomada da historicidade enquanto transformadora da subjetividade e, neste sentido, enquanto determinante também das relações estabelecidas pelo sujeito no fenômeno da drogadicção. Como já apontado, o uso de substâncias psicoativas é algo que não se limita a época presente. "A utilização de drogas pelo homem é um fenômeno que não se limita à época atual e ao contexto sociocultural em que vivemos" (GURFINKEL, 1996, p. 26). Sua utilização é longínqua e remete a toda a história da humanidade. No entanto, o que se procura demonstrar aqui é como este fenômeno adquire configurações específicas, relacionadas diretamente à vida pós-moderna e às alterações sofridas nas subjetividades dos sujeitos relacionadas à lógica mercadológica.

A droga atua como mercadoria e reforça a compulsão pela substância, compulsão esta que, na atualidade, não se restringe ao objeto droga, mas a todos os demais que buscam suprir a carência identitária e do outro, reforçada pela vida pós-moderna. Este cenário, combinado com a angústia de frustração propiciada pela ausência da lei do pai, reforça o apelo à intoxicação como um silenciamento à dor. Assim, a droga resplandece enquanto substância que remete à onipotência narcísica, na qual a mãe, fálica e poderosa, garante a proteção em contraponto à realidade, que, no tempo atual, mostra-se tenebrosa, tendo em vista a perda das ideologias e a lógica mercadológica. Tais situações coadunam com a ideia de uma estrutura psíquica perversa e sua correlação com a toxicomania, que se estabelece na trama da pós-modernidade. Esta, por sua vez, enreda uma situação de falta do

interdito simbolizado na figura paterna e uma dificuldade em lidar com a frustração. Tem-se, então, a recorrência à mercadoria e ao consumo como formas de satisfação a uma necessidade de prazer constante. No entanto, o que decorre é uma sensação de satisfação e de prazer frágeis, visto que se fundam em uma ideia falaciosa de prazer total e sem intervenções da exterioridade – a onipotência narcísica – e são combinados ao esvaziamento de sentidos, decorrente da condição social.

5. O SUJEITO E O TRABALHO

Resgatadas as reflexões sobre o fenômeno da toxicomania, de que forma ocorreria então sua relação com o trabalho? Antes de entrar em tal discussão, fazem-se necessárias algumas considerações sobre o lugar do trabalho⁷ na vida do sujeito. Clot (2006) afirma que o trabalho não é uma atividade dentre tantas outras, na medida em que se diferencia pela centralidade que ocupa na vida do sujeito, adquirindo uma função psicológica. O trabalho configura-se como uma das principais dimensões da vida do homem. Interfere em sua inserção na sociedade, delimita espaços de mobilidade social e aparece como um dos fatores constitutivos da identidade dos indivíduos.

Lima (2002) sustenta que o trabalho é categoria central para a condição de o homem realizar-se. Viegas (1989) destaca que o trabalho representa a possibilidade de o homem crescer e realizar-se pessoalmente; ou seja, construir a si mesmo enquanto ser, enquanto indivíduo. Nessa concepção, o trabalho significa mais do que uma ocupação ou um ato de servir; também oportuniza o desenvolvimento e o preenchimento da vida do homem.

[...] quanto mais o homem coloca de si no mundo, mais conteúdo interior ele vai adquirindo. E é exatamente esse o sentido de trabalho vinculado à vida. Trabalho é a forma humana de fazer jus à vida, é a forma humana de produzir, não no sentido de criar objetos reificados, simplesmente, mas no sentido de criar significações. [...] o trabalho acrescenta o que sou ao que não sou, acrescenta o que não sou ao que sou. Ele dá uma dimensão virtual para o meu ser (VIEGAS, 1989, p. 10-11).

Dada a importância do trabalho e de sua centralidade na vida do sujeito, Clot (2006) enfatiza a necessidade do resgate da subjetividade e sua importância para o

⁷ A concepção de trabalho utilizada neste texto não se restringe à noção de emprego, salário ou, mesmo, de processo de produção. A ideia de trabalho utilizada aqui se relaciona à atividade humana de ação no mundo em que há a possibilidade de investimento libidinal pelo indivíduo.

entendimento da atividade laboral, que deve ser compreendida como inerente ao desenvolvimento humano. Para compreender a relação estabelecida do homem com o trabalho, é importante considerá-lo em sua interioridade, subjetividade e universo inconsciente (FREITAS, 2000). O trabalho pode ser palco de repetições vinculadas às vivências passadas, relacionadas a uma cadeia de significações pessoais, estando, muitas vezes, no campo do inconsciente. Dessa forma, uma representação passada não é abolida, e sim “deslocada”, permanecendo ativa. As situações passadas são ressignificadas no momento presente, e o sujeito repete sua história, a fim de responder a uma situação atual. Freitas (2000) destaca que as organizações são também lugares de transferência. Nestas, os indivíduos podem vivenciar relações novas e genuínas, mas podem também reatualizar seu repertório afetivo, resgatando motivações inconscientes, que possuem suporte em reminiscências de construções passadas.

Sobre tal questão, Dejours (1996) realiza uma articulação entre a organização da personalidade e a organização do trabalho, demonstrando a amplitude da incidência do passado do sujeito sobre sua conduta atual. Para tanto, resgata processos do desenvolvimento infantil. Dejours aponta que os obstáculos com os quais se choca o desenvolvimento psicoafetivo da criança ocuparão posteriormente um lugar central na relação psíquica do adulto com o trabalho, visto ser a infância um período de formação de personalidade e das experiências precoces. Para Dejours, a criança é altamente sensível à angústia dos pais, tomando-a para si e lutando contra esse sofrimento como se fosse seu. Para trabalhar esse sentimento, ela teria a necessidade de falar com seus pais sobre aquilo que a faz sofrer, mas não o faz, pois o que a faz sofrer também o faz a seus pais. Cristaliza-se aí uma zona de fragilidade psíquica, que se explica também pela própria angústia original, já descrita anteriormente, quando da introdução do princípio de realidade.

Uma forma de a criança lidar com a angústia é o jogo. A atividade lúdica encena o desejo dela de se compreender, para dar conta do seu sofrimento. Inesgotável, a atividade lúdica se torna uma forma maior de experimentação das teorias infantis. Posteriormente, o lugar do jogo para a criança dá lugar ao trabalho na vida adulta. “O trabalho é a ocasião de transportar mais uma vez o cenário original do sofrimento para a realidade social, num teatro menos generosamente

aberto, contudo, que o precedente ao livre voo da imaginação” (DEJOURS, 1996, p. 156). A transposição do teatro psíquico original para o teatro do trabalho, por intermédio do teatro do jogo, não é algo automático. Para que tal processo ocorra, é preciso que existam analogias de estruturas ou de formas, que não implicam necessariamente identidade nem equivalência absoluta.

Neste sentido, o trabalho funciona como uma ocasião de tornar a representar um cenário próximo ao inicial do sofrimento. Tem-se aí o que Dejours denomina de “ressonância simbólica”, a qual se refere à repetição de questões originárias na cena do trabalho. Esta pode ocorrer como repetição exata e estéril das questões essenciais ou como possibilidade de ressignificação, ou seja, o trabalho como uma possibilidade bem-sucedida entre o conteúdo singular do sujeito e o coletivo deste trabalho, como uma condição de reconciliação entre o inconsciente e os objetivos da produção. Tal possibilidade ocorre pelas vias da sublimação.

A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetal e consiste no fato de o instinto se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual original. A sublimação corresponde ao processo que canaliza os impulsos libidinais para uma postura socialmente útil e aceitável; é a capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados (FREUD, 1914/2006a, 1910/2006b). Freud (2006d) destaca que a sublimação, assim como a substância tóxica, atua como uma técnica para afastar o sofrimento, pois possibilita deslocamentos de libido, reorientando os objetivos instintivos de maneira que eludam à frustração do mundo externo. Dessa forma, “obtem-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual” (FREUD, 1930/2006d, p. 87).

Por meio da sublimação, é possível transformar o sofrimento original em sofrimento criativo, tendo em vista a função útil e socialmente valorizada deste mecanismo. No entanto, o que ocorre hoje em grande parte das organizações do trabalho é a repetição estéril do sofrimento original – um sofrimento patogênico no trabalho. Dejours relaciona este problema psicopatológico à organização taylorista do trabalho, com destaque para a separação entre trabalho de concepção e trabalho de execução, ou, nas palavras do autor, “clivagem entre corpo e pensamento”.

Neste tipo de trabalho são mínimas as possibilidades de elaboração do ser, visto que o sujeito é expropriado de seu saber, o que irá desencadear o sofrimento patogênico. Ocorre uma repressão pulsional; não há uma descarga adequada da pulsão, já que o sujeito é fragmentado por sua atividade. Nesse contexto, são restritas as possibilidades do trabalho psíquico e intelectual. Dejours aponta que uma das estratégias dos trabalhadores para lidar com a repressão da pulsão consiste em acelerar o ritmo de trabalho. Por esta via, satura-se o campo da consciência com uma sobrecarga perceptiva, de modo a criar um clima de torpor psíquico, do qual os trabalhadores têm, em geral, uma consciência dolorosa. Em consequência, este estado de anestesiamento psíquico e embrutecimento é perpetuado em outras esferas além do trabalho, como nas atividades domésticas.

Dejours reforça a importância de o trabalho possibilitar condições concretas de sublimação. Para o autor, tal possibilidade só é possível pela instauração de um espaço da palavra ao espaço público. Este processo consiste em existir no trabalho a possibilidade da palavra, da expressão autêntica do ser, da elaboração, da resignificação, que irá ocorrer então nos espaços públicos da atividade laboral. A questão é que este espaço tende a não ocorrer nos ambientes de trabalho. A falta de relações autênticas, o trabalho mecanizado e burocratizado, dentre uma série de questões, inibe o estabelecimento do espaço público. Nas palavras de Dejours (1996, p. 171), “para resumir esse enfoque do sofrimento criativo, seria possível dizer que a transformação do sofrimento em criatividade passa por um espaço público na fábrica. Em troca, cada vez que o espaço público tende a se fechar, a criatividade estará ameaçada”, e o sofrimento patogênico estará instaurado.

O espaço da palavra, que propicia aos sujeitos a transformação do sofrimento em iniciativa e em elaboração criativa, Dejours o considera convencional como um espaço público. Afinal, a ideia de um espaço da palavra significa a possibilidade da discussão coletiva, da inteligibilidade dos comportamentos. É pelo espaço da palavra que surgem conhecimentos sobre o trabalho real, que até então estavam ocultos pelo sofrimento e pelas defesas contra o sofrimento. Para a condução deste espaço, são fundamentais a transparência, a confiança e a solidariedade, que irão operar na construção de espaços de reconhecimento e afiliação, os quais são opostos ao individualismo e coadunam com a construção do coletivo de trabalho.

Fala-se aqui de uma condição diversa da técnica; fala-se da condição da ética das relações de trabalho. A condição ética constitui-se como condição necessária, apesar de não suficiente, para o estabelecimento das relações intersubjetivas entre os trabalhadores que lhes permitam construir defesas coletivas contra o sofrimento e dar a este a possibilidade da significação em sofrimento criativo.

E qual seria, então, a relação destas questões com a toxicomania? A relação é que a ausência de espaços públicos no trabalho está diretamente interligada com a intoxicação. Como base para esta discussão, expomos o trabalho de Karam (2003) sobre a questão da alcoolização. Para a autora, o fenômeno da alcoolização surge em seu aspecto patológico como um sinal de bloqueio da passagem do sujeito da esfera doméstica (eu-tu) para a esfera pública (nós). Ou seja, quando não há transformação da angústia original em processo criativo, quando não há elaboração da **palavra psicológica** à **palavra política**. Para tanto, Karam esclarece que é fundamental reconhecer não apenas a centralidade do trabalho para o homem, mas seu papel como operador de saúde mental mediante a promoção da cidadania no próprio local de trabalho.

Karam aponta questões importantes a serem consideradas ao se tratar do fenômeno do uso abusivo de álcool e substâncias psicoativas em geral. A primeira é que há um caráter massivo do ato de se alcoolizar, o qual está diretamente relacionado à suspensão da palavra no ambiente de trabalho: Pela suspensão da palavra, o sofrimento originário não pode ser elaborado. Por ser relativamente barato e socialmente aceito, o álcool se torna a substância eleita pelos trabalhadores para o alívio imediato do sofrimento decorrente da suspensão da palavra. Sua ingestão pelos trabalhadores fornece-lhes a sensação falaciosa de pertencimento, proteção e coesão do grupo. Além disso, a ingestão de álcool configura uma forma coletiva de administrar o sofrimento, atuando como *estratégia de defesa coletiva*. A autora afirma que, mais do que uma estratégia de defesa, o álcool se configura como **ideologia de resistência**, abordagem essa ainda pouco estudada. Dessa forma, Karam expõe sobre a necessidade de se pensar a alcoolização massiva enquanto um trabalho clínico coletivo e diretamente relacionado ao sofrimento no trabalho.

Diante do exposto, o consumo de álcool pelo trabalhador se relaciona a uma impossibilidade de sua construção enquanto sujeito social. Afinal para a construção

do cidadão a palavra é fundamental. A construção de um sujeito social é interrompida quando se suspende a possibilidade de cada pessoa significar no coletivo o seu fazer, o seu ato transformador da matéria.

[...] tal descartabilidade, suspende, ao mesmo tempo, e em decorrência, o trabalho de se significar no mundo. Ocupar a boca, e até mesmo todo o aparelho fonador, com o álcool em vez da palavra, não deixa de ser uma forma de injetar linguagem lá onde a palavra não circula [...]. Assim, o recurso a adicção, abdicando da dicção, isto é, a afasia operária, surge, então, como uma forma de regressão a fases anteriores do desenvolvimento para fins de administração e sedação do sofrimento. (KARAM, 2003, p. 472-473).

Um conceito importante na discussão entre sujeito e trabalho refere-se à ideia de mobilização subjetiva, proposta por Dejours. Tal conceito remete às possibilidades de negação do trabalho, que repousa no distanciamento entre trabalho prescrito e trabalho real e nas possibilidades de enfrentamento dessa situação pelos trabalhadores, em razão das condições de negação da realidade das dificuldades que essa distância lhes causa. A mobilização subjetiva consiste em uma ação espontânea, fundada na conquista da identidade individual, na qual o sujeito mobiliza sua inteligência e sua personalidade em função de uma racionalidade subjetiva particular, que também é possibilitada pela cooperação. Esta mobilização se baseia no par contribuição/retribuição, de modo que o sujeito espera em resposta a sua contribuição para a organização real do trabalho uma retribuição simbólica em termos de reconhecimento de sua identidade. Observa-se uma racionalidade da ação relacionada à realização de si mesmo (DEJOURS; MOLINIER, 1994).

A mobilização subjetiva não é algo prescrito na organização do trabalho, mas sim algo que cada trabalhador vivencia de forma singular. Por este movimento, o sujeito é capaz de transformar o sofrimento patológico por meio do resgate do sentido do trabalho. Este resgate ocorre pela possibilidade de ir além do trabalho prescrito e, assim, imprimir à atividade uma criação e elaboração próprias ao trabalhador, por sua capacidade imaginativa e de invenção. Além disso, para que a mobilização subjetiva ocorra, é necessária a cooperação entre os sujeitos, que se dá

por vias de um registro ético e de comunicação, a partir do estabelecimento de um espaço público (MENDES; COSTA; BARROS, 2003).

A mobilização subjetiva permite uma concepção de trabalho vinculada aos processos sublimatórios e à transformação do sofrimento (MENDES, 1995). Ela representa a possibilidade de elaboração do sujeito no trabalho e do resgate de um sentido na atividade. Tal possibilidade se configura de modo positivo na toxicomania, tendo em vista suas características sublimatórias e de significações autênticas para o indivíduo, o que implica a conquista de uma identidade individual e a atuação de um sujeito autônomo, e não autômato.

Pela mobilização subjetiva, o trabalho resplandeceria para o sujeito toxicômano como um meio de elaborações psíquicas pela atividade, as quais permitiriam um redirecionamento do objeto/droga enquanto objeto da pulsão para um outro objeto/lugar, o trabalho. Desse modo, o trabalho se caracterizaria como espaço de satisfação, de sublimação, na medida em que o sujeito transfere sua energia pulsional, até então fixada na droga, para outras relações sociais. Este processo envolve uma real mobilização do sujeito, espontânea, uma participação ativa e criativa, que é necessária para a criação de sentido na atividade.

Pela possibilidade da mobilização subjetiva, diminui-se a necessidade de estratégias de defesa, tendo em vista as possibilidades de construção pelo trabalho. Nesse sentido, a recorrência à substância psicoativa enquanto defesa contra o trabalho alienado torna-se desnecessária. Explica Mendes:

O sofrimento ou as defesas se instalam no momento em que os trabalhadores não têm a possibilidade de utilizar o processo de mobilização subjetiva, ou sentir prazer resultante do investimento sublimatório, seja por restrições de sua estrutura de personalidade, seja pelas imposições do modelo de organização do trabalho (MENDES, 1995, p. 38).

A não recorrência à toxicomania enquanto defesa se alicerça na possibilidade da mobilização subjetiva do trabalhador na atividade que lhe causa sofrimento. Ainda assim, é importante destacar dois fatores. O primeiro refere-se às restrições a esse movimento causadas pelas imposições do modelo de organização do trabalho,

conforme exposto na citação acima, o que remete ao fato de que este movimento do trabalhador encontra barreiras na esfera social e na esfera objetiva; ou seja, a dinâmica subjetiva não é por si só compensatória. O segundo refere-se à restrição pela estrutura da personalidade. Nesse sentido, ao se pensar no toxicômano, tem-se a condição da sua subjetividade, que pode, dependendo de seu momento de vida, atuar como inibidora da mobilização. Ainda assim, quando a mobilização subjetiva ocorre, observam-se condições fortemente favoráveis ao manejo do sofrimento impelido pela toxicomania.

É fundamental destacar que o trabalho ressitua socialmente o indivíduo toxicômano e possibilita, além da inclusão social, sua inserção política e a promoção de cidadania. Esta perspectiva remonta aos três universos nos quais se desdobra o trabalho: o objetivo, o social e o subjetivo (DEJOURS; MOLINIER, 1994). Segundo estes autores, o trabalho resplandece enquanto conceito central para a realização de si mesmo e a constituição do vínculo social, possuindo estatuto de um conceito indissociável de uma teoria da sociedade.

Godelier (1986) defende que o trabalho é uma atividade intencional; ou seja, tem finalidade de produção de valores, por meio do uso e da apropriação de elementos da natureza. O indivíduo produz para se reproduzir, reproduzindo tanto suas relações com a comunidade como a própria comunidade em si. Assim, pela atividade do trabalho o toxicômano se reconhece enquanto um agente e constrói uma série de referências que lhe possibilitam ocupar um lugar na cena social, resignificar-se enquanto sujeito político e estabelecer vínculos sociais além do objeto/droga, ampliando seu campo existencial. Desse modo, o trabalho se configura como possibilidade de construção do ser humano, tanto pelas vias subjetivas, objetivas e sociais, esferas em plena inter-relação.

É importante destacar também que o trabalho se configura enquanto elemento que se relaciona, de modo geral, ao princípio de realidade. Afinal, o mundo do trabalho é permeado por leis, regras e normas de conduta que dizem da realidade e se ligam à castração. Mendes e Araújo (2011) destacam que o trabalho é regido pelo princípio da realidade. "As regras, a disciplina e os controles são elementos constitutivos do mundo trabalho. A pulsão voltada para o prazer é

constantemente ressignificada nesse contexto. O limite, a lei e a castração são preços a serem pagos por trabalhar” (MENDES; ARAÚJO, 2011, p. 28).

Observam-se, todavia, diferentes formas de organização do trabalho, as quais podem ir desde estruturas mais rígidas e intransigentes até organizações de trabalho mais flexíveis. A prontidão para lidar com esses arranjos perpassa de maneira singular pelas construções psíquicas e histórias de vida dos sujeitos. Assim, organizações de trabalho mais rígidas e burocráticas, por exemplo, certamente exigirão dos sujeitos maior capacidade para lidar com a castração e com o princípio de realidade. Em contrapartida, situações extremamente flexíveis irão requerer sujeitos que se identifiquem com essa estrutura, ou que lidem bem com a falta de estrutura. Nesse contexto, Mendes e Araújo (2011) apontam que sujeitos que não estão operando com base no princípio da realidade podem se desestruturar pelo trabalho. Ou seja, o trabalho pode ser desestruturante para alguns sujeitos, ao passo que pode também, de outro lado, atuar enquanto estruturante psíquico para outros.

Todo esse quadro se delinea na toxicomania de forma específica. Afinal, o que já discutimos sobre o usuário de droga é, em geral, sua incapacidade de lidar com a frustração, com o princípio de realidade. Assim, para esses sujeitos uma situação de trabalho fortemente castradora, por exemplo, poderá incorrer em sua desestabilização, e, certamente, maiores investidas na droga. De outro lado, situações minimamente organizadas também não seriam benéficas, visto que o usuário de drogas pode necessitar de certa dose de organização.

Essa discussão também se apoia em minha experiência no CAPSad, organização que, enquanto centro de tratamento, possui suas regras, normas e formas de conduta necessárias ao convívio neste espaço, as quais correspondem, naquilo que diz respeito aos pacientes, por exemplo, a horários de entrada e saída, horários determinados para atividades e para refeição, além dos acordos de convívio, como não portar ou utilizar drogas dentro da organização e procurar estar são(ã) para o tratamento. Quando o cumprimento das regras era colocado de forma demasiadamente “frouxa”, permitindo, por exemplo, entradas fora do horário estipulado, participação dos pacientes nas atividades regulares da instituição sob efeito de álcool, isso, além de gerar enorme desconforto aos demais pacientes,

repercutia no próprio sujeito, de modo que havia a tendência de ele recorrer com maior intensidade ao uso de drogas. Assim, a ausência ou a frouxidão das regras não eram algo benéfico para o paciente. Tal situação acabava por reforçar sua dificuldade de lidar com a lei e a castração e de contribuir, em associação aos efeitos da droga, para a evolução de sua dependência.

Em contrapartida, situações de extrema rigidez e inflexibilidade com as normas estabelecidas também não eram bem aceitas e faziam, em geral, com que o paciente se afastasse da clínica e do tratamento, coadunando então com sua incapacidade em lidar com o princípio de realidade. É importante destacar que os pacientes que cito como exemplo são aqueles em tratamento de semi-internação (permanência-dia) e que só o fato de estarem nessa condição já os caracteriza por uma maior vulnerabilidade (casos de psicose evoluída em função da dependência, mas também se observavam as demais posições psíquicas). Também é importante destacar que não se parte aqui de uma regra sobre este processo, mas de constatações que serão mais bem elaboradas no decorrer da realização da pesquisa, principalmente, levando-se em consideração as singularidades de cada sujeito.

Assim, tem-se que formas, organizações e tipos de trabalhos podem estabelecer com os sujeitos usuários de drogas diferentes relações, bem como com o desenvolvimento psíquico de cada sujeito, que se constrói em função das diversas histórias de vida. As atividades de trabalho as que o sujeito experiencia podem ir desde situações fortemente estruturantes, configurando-se em uma faceta positiva do trabalho enquanto promotor de saúde mental, até situações que irão contribuir, reforçar ou, mesmo, desencadear um quadro de dependência química.

O modo de abordar metodologicamente essa questão será abordado no próximo tópico.

6. METODOLOGIA

O campo da pesquisa referente à tese foi construído processualmente, conforme destacado no capítulo 2. De forma mais sistemática, foram consideradas na trajetória empírico-metodológica desta investigação duas experiências: o recolhimento das histórias de vida das mulheres usuárias de álcool e outras drogas, referente à pesquisa da qual participei, sob a orientação da professora Ana Paula Paes de Paula⁸, aqui considerado como “pré-campo”, e o trabalho de campo propriamente dito, que será desenvolvido mais adiante.

O recolhimento das histórias de vida das mulheres usuárias de álcool e outras drogas foi de valiosa importância para o desenvolvimento do estudo de campo que será explorado posteriormente, objeto de estudo desta investigação. A vivência da minha inserção como pesquisadora nesta experiência contribuiu tanto para o meu amadurecimento nesta temática (tanto do álcool e drogas como da metodologia, pois trabalhamos com trajetórias de vida), como para a construção da tese em seu formato atual. As histórias recolhidas e as análises realizadas - o “pré-campo” encontram-se no Apêndice A.

O campo propriamente dito da tese desdobrou-se em três caminhos: a) recolhimento de histórias de vida de usuários de álcool e/ou outras drogas no Brasil e na França; b) entrevistas com profissionais, no Brasil e na França, ligados à saúde mental envolvendo álcool e outras drogas, em que foi possível discutir o problema de pesquisa da tese; e c) observação.

O recolhimento das histórias de vida ocorreu inicialmente na França, durante a realização do estágio de doutorado-sanduíche, e em seguida no Brasil. Na França, meu encontro com estes sujeitos se deu a partir de minha inserção em uma clínica do sistema público da saúde mental da região de Paris, a qual descreverei mais adiante. Trata-se de pacientes da clínica em regime de atendimento ambulatorial, na qual permaneci por um período de seis meses, com um vínculo de estagiária. No

⁸ Ver nota 3.

Brasil, o contato com os sujeitos participantes da pesquisa ocorreu por via do meu contato com o grupo de Alcoólicos Anônimos. Assim, todos os participantes brasileiros são membros de AA.

As entrevistas de histórias de vida ocorreram ao longo de um período de acompanhamento a cada participante da pesquisa de, aproximadamente, cinco meses, com encontros semanais e/ou quinzenais. Foram entrevistas em profundidade, que tiveram duração média de uma hora e 30 minutos. Pela natureza da metodologia, que será mais bem explicada no capítulo seguinte, não houve um roteiro de perguntas que dirigisse o encontro. O participante foi convidado a falar sobre sua vida: "Conte-me sua história?". Ainda que sem um roteiro que estruturasse o encontro, foi solicitado aos participantes que abordassem, ao longo de suas narrativas, três temáticas: "História familiar/pessoal", "História profissional" e "História com a droga". A condução de cada encontro foi sendo construída à medida que as entrevistas iam evoluindo. Os assuntos que apareciam nos encontros precedentes eram, em geral, pontos que orientavam as discussões seguintes. Também acontecia de eu sugerir uma temática para o encontro do dia, como exemplo: "Hoje podemos falar sobre seu emprego?!" ou "Hoje podemos falar sobre seu relacionamento com seu pai?!". Se fosse do desejo e consentimento do sujeito, assim ocorria. Essa conduta não era um impedimento para que outros assuntos/temas emergissem espontaneamente, o que frequentemente ocorria. É importante destacar que logo na primeira entrevista eram fornecidas aos sujeitos informações sobre a pesquisa, como: metodologia utilizada, problema de pesquisa, temática e objetivos da pesquisa e de que modo se daria sua participação. Havendo consentimento, iniciava-se a sessão.

As entrevistas com profissionais ligados à saúde mental envolvendo álcool e outras drogas foram realizadas na França com os profissionais da referida clínica onde estagiei. Foi realizada uma entrevista em cada modalidade (médico, psicólogo, assistente social, enfermeiro, educadora social), quando se discutiu, com base em um roteiro semiestruturado a temática da pesquisa (a relação entre uso de drogas e trabalho), assim como referencial teórico abordado. No Brasil, estas entrevistas foram realizadas da mesma forma com os profissionais do Centro Mineiro de Toxicomania (CMT), visto que no AA por sua estrutura e concepção, não há

atividade de profissionais da saúde. Os dados oriundos dessas entrevistas serão resgatados na seção intitulada “La France, o Brasil, les drogues, o trabalho”, na qual estes dados apoiam a síntese analítica das histórias recolhidas nos dois países, desenvolvida neste capítulo, em que se busca apontar elementos conclusivos acerca da temática tratada nesta tese.

O terceiro eixo, o da observação, consiste em minhas reflexões advindas de minha inserção nos campos acima citados. Na clínica francesa, é importante destacar que eu participava das reuniões da equipe, que aconteciam semanalmente. No AA estava também em contato frequente, semanal, inserida no ambiente de suas reuniões, em contato com outros membros em geral, e, mesmo, participando como ouvinte de algumas palestras e depoimentos. Estes contatos amadureceram meu olhar e me permitiram obter um conhecimento mais aprofundado sobre o universo no qual me debrucei. Assim, considero que as contribuições deste eixo estruturam minha inserção nos campos e as análises tecidas nesta tese.

Antes de adentrar nos dados do campo e análise, apresento na seção seguinte a metodologia de história de vida, a vertente considerada neste projeto, que alicerça o eixo da principal parte empírica da investigação.

7. CONTE-ME SUA HISTÓRIA?

Esta reflexão é essencialmente uma volta para si mesmo, um olhar para trás, para chegar ao interior – uma perspectiva narrativa fundada sobre a reminiscência: um olhar sobre o olhar (FERRAROTTI, 1990).

Esta seção apresenta informações mais consistentes a respeito da metodologia de história de vida. Para tanto, expõe-se inicialmente, uma contextualização histórica sobre o método. Em seguida, tecem-se considerações sobre as histórias de vida, nas quais se busca destacar a relação do sujeito com o processo de contar sua história e sua perspectiva de transformação. Posteriormente, resgatam-se os conceitos de historicidade e de experiência social, com o intuito de compreender a relação do sujeito com o social, universal/particular, objetividade/subjetividade. Tais conceitos alicerçam o trabalho com as histórias. Também, abordam-se nesta seção as diferenças entre história formal e história de vida, e tecem-se reflexões que apontam para a riqueza do método.

Sobre o motivo da escolha desta metodologia, destaca-se também um posicionamento segundo uma perspectiva reflexiva sobre o conhecimento – conhecimento que não é dado *a priori*, mas construído ao longo do processo de investigação. Busca-se, então, aproximar-se da organização complexa da realidade, tentando superar a ilusão de validade ou a legitimidade de um conhecimento por sua correspondência linear com dados factíveis, o que resultaria em fragmentação e simplificação da realidade social (GONZÁLEZ REY, 2005). Intenta-se buscar a construção do conhecimento, dando voz ao sujeito por meio do “contar sua história”, modo pelo qual se intenta compreender a perspectiva do sujeito sobre si e os fatos sociais, com base em sua própria capacidade de análise. Além disso, a partir das histórias de vida objetiva-se compreender a realidade sócio-histórica na qual se inserem os sujeitos, buscando demonstrar como estes, ao mesmo tempo em que a modificam, são modificados por ela, bem como compreender como as questões universais aparecem nas práticas individuais, e vice-versa.

Neste cenário, para a compreensão da reconstrução de histórias de vida, o analista/pesquisador atua como um intérprete que “coloca à prova a sua pré-compreensão hermenêutica junto ao texto e a corrige até que dois ‘horizontes se fundem’”. Os horizontes fundidos entre aquele que conta e o analista/pesquisador edificam-se em experiências intersubjetivas, construídas a partir da subjetividade de cada um.

O recontar da história de vida, alicerce da metapsicologia freudiana, funda-se no que Habermas define como **experiência da reflexão**, que remete para a dialética entre o conhecimento do mundo e o autoconhecimento. Na psicanálise, a história de vida individual se apresenta como o caminho para a experiência da reflexão, na medida em que possibilita que o sujeito atribua sentidos a seus próprios dramas e, então, aprende sobre o mundo. “Em um processo de formação nós só aprendemos sobre o mundo aquilo que experimentamos ao mesmo tempo em nós mesmo como sujeitos que aprendem” (HABERMAS, 2009, p. 285). A experiência da reflexão é um processo que só ocorre por meio da própria reflexão do sujeito sobre si: “[...] o sujeito também precisa contar a sua própria história; pois o estado final de um processo de formação não é alcançado antes que o sujeito se lembre dos caminhos de identificação e alienações, nos quais ele se constituiu”. Uma investigação, assim, funda-se numa perspectiva de ciência que, segundo Habermas, não tem por metas teorias gerais no sentido das ciências experimentais rigorosas, mas sim um sentido interpretativo geral (ao exemplo da Psicologia), que tem por metas a reflexão e o esclarecimento quanto ao próprio processo de formação: um interesse cognitivo emancipatório.

7.1 Contextualização

A pesquisa em histórias de vida data do início do século XX, com a Escola de Chicago (EUA), quando os relatos biográficos passaram a assumir status de material de pesquisa sociológica. Desde então as histórias de vida sofreram muito em seu desenvolvimento, em decorrência, principalmente, do predomínio da filosofia positivista nas ciências sociais, ocorrido após a Segunda Guerra Mundial. Nessa época, o uso das histórias de vida mantinha-se atrelado à simples coleta de dados empíricos. No entanto, a partir da década de 1970 inicia-se uma utilização mais ampla do método, que passou a caminhar para um novo limiar epistemológico. Nesse novo patamar, as histórias de vida passaram a considerar não apenas os indivíduos, mas também a análise sociológica de grupos. A experiência histórica do grupo é, então, compreendida por meio das histórias singulares. Observa-se “uma ruptura importante para passar de uma leitura tradicional, ilustrativa ou realista das histórias de vida, para a captação e compreensão multidisciplinar e mais profunda das suas mensagens diversas oriundas da história de um grupo” (MARRE, 1991, p. 137).

O uso do método biográfico na pesquisa científica é amplo e perpassa diversas áreas do conhecimento, como Sociologia e História. Dentre as muitas modalidades do uso de dados biográficos, este trabalho versará sobre a história de vida na perspectiva da Psicossociologia e da Sociologia Clínica, em que a história de vida se apresenta como material privilegiado de pesquisa enquanto material primário, e não de segunda categoria. Assim, a história de vida não se presta a um caráter meramente ilustrativo ou, como é comumente utilizada, por recortes de trechos de histórias que elucidam teorias. Para Ferraroti (1990, p. 30), nesta perspectiva a pesquisa em história de vida abre uma nova fase de pesquisa em ciências sociais, na qual o método não se coloca “como conjunto de elementos ilustrativos do que já é conhecido, apêndice facultativo sob a forma qualitativa de resultados adquiridos por meio das técnicas de standardização de medidas exatas”.

É importante diferenciar a abordagem de história de vida de outros modos de trabalho com dados biográficos, como as entrevistas temáticas e as entrevistas de trajetórias de vida (NEVES, 2001). A história de vida constitui-se em depoimentos aprofundados em que se busca reconstituir por meio do diálogo a história do sujeito desde sua infância até os dias atuais. As entrevistas temáticas focam experiências ou processos específicos ou podem constituir-se em desdobramentos dos depoimentos de história de vida. As trajetórias de vida consideram depoimentos de história mais sucintos e menos detalhados.

Mesmo com a diversidade de abordagens e disciplinas que tratam do assunto, é na vertente da Psicossociologia e da Sociologia Clínica que se dão a análise e compreensão da “personalidade biográfica”, que se relaciona ao modo como os indivíduos são autores de sua própria biografia, sendo ao mesmo tempo transformadores das condições sócio-históricas que a regem (BARROS; MIRANDA, *em vias de publicação*). Esse olhar, que é, em geral, carente nas outras disciplinas, constitui uma grande contribuição ao se considerar as histórias de vida como pesquisa.

7.2 As histórias e o sentido de transformação

A história de vida consiste na busca de conhecimento a partir da experiência do sujeito (BARROS; SILVA, 2002). É uma maneira de recolocar o indivíduo no social e na história. Inscrita entre a análise psicológica individual e a análise dos sistemas socioculturais, a história de vida permite captar de que modo os indivíduos fazem a história e modelam sua sociedade, sendo também modelados por ela (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Pela narração de sua história, o sujeito se afirma como “existindo”. Ao contar sua história, o indivíduo pode “trabalhar” a sua vida, reconstruindo o passado,

suportando o presente e embelezando o futuro. Reconstruir o passado significa mudar a relação com ele, ressignificar sua existência, “remexer”, transformar. Contar a vida é um modo de ser refazer. Esse aspecto constitui uma importante faceta das histórias de vida. Afinal, tem-se na própria pesquisa científica a possibilidade de ressignificação e transformação do sujeito, visto que ao contar sua história este olha para si. Ou seja, ao olhar para trás, para suas vivências, olha para dentro de si. Neste sentido, há um caráter terapêutico relacionado a esta perspectiva metodológica que apesar de não ter como objeto a clínica em si, abre espaço para uma elaboração, em que os participantes são conduzidos a utilizar esse conhecimento para refletir sobre seu próprio destino.

Entrar na complexidade de uma vida é analisar o conjunto das influências, mais ou menos contraditórias, as quais o sujeito foi confrontado no curso de sua existência. Como ele se “fabricou” uma identidade própria a partir de sua identidade familiar e social [...]. Como ele foi produzido pelas múltiplas contradições que atravessaram a história de seu grupo de pertencimento, de sua família, de sua existência; contradições externas de seu meio de vida, mas igualmente contradições internas na medida em que ele interioriza o mundo do qual ele pertence. (GAULEJAC, 1996, trad. p. 4)

Para Ferraroti (1990), nos relatos de história de vida a situação clínica é vivida no modo mágico e mítico da comunicação. Segundo o autor, há um polo clínico no relato biográfico que se relaciona à hermenêutica de uma interação. A situação clínica vislumbrada no recolhimento de história de vida remonta àquela que se coloca na relação paciente-terapeuta, o que revela importante faceta deste método: a relação ao outro. Ferraroti destaca que esta relação não se dá por um encontro entre um sujeito ativo (pesquisador) e um objeto passivo (pesquisado), “mas antes como um casal no qual os dois parceiros jogam com papéis alternados”. A constatação de Ferraroti reforça a importância da transferência na relação entre o pesquisador e o sujeito que narra sua história. O recolhimento das histórias de vida ocorre de fato quando há a transferência.

Barros e Miranda (*em vias de publicação*) destacam que recolher histórias de vida é uma relação sob o mesmo pé de igualdade, um processo que envolve vínculos recíprocos de confiança, e não uma simples coleta de informações sobre o

outro. Tal relação não é possível sem o envolvimento real do pesquisador. Afinal, não é apenas o pesquisado que se transforma, mas também o pesquisador, que se torna, ao mesmo tempo, objeto e sujeito de pesquisa. A investigação com história de vida se transforma, assim, numa situação de reflexão e desenvolvimento também para o próprio pesquisador. "Eu não posso compreender a situação de classe de uma pessoa ou de um grupo familiar se eu não me interrogo primeiro sob a minha própria condição de classe" (BARROS; MIRANDA).

7.3 Historicidade e experiência social

Outro aspecto de destaque do método é a sua função de historicidade (GAULEJAC, 1996, trad. p. 4). Para Gaulejac (2005), a função de historicidade significa a possibilidade de o indivíduo analisar e compreender os elementos que o constituem como sujeito histórico, reconstruindo sua relação com sua história. Para o autor, o homem é história, visto que tanto é produzido por ela como é produtor de sua própria história.

Ao se trabalhar com história de vida, é importante destacar o que Ferraroti (1990) considera "dialética do social", que consiste na complexa relação entre as condições de vida e o vivido. Ou seja, deve-se ter mente que a biografia individual encontra-se numa relação dialética com a situação histórica datada e vivida. Reconhecer a influência do social é fundamental para o trabalho com histórias de vida.

Sobre a relação entre sujeito e social, Dubet (1998) afirma que há na Sociologia Clássica uma posição na qual o sujeito se constitui pela interiorização do sistema. Nessa perspectiva, a socialização corresponde à totalidade das práticas e do pensamento, sendo a subjetividade concebida como a interiorização da objetividade. Na perspectiva clássica, não há, portanto, então espaço entre o sujeito

e o sistema, nem há, de fato, uma subjetividade. Assim, não é o sujeito que fala; é o sistema que fala nele. Nesse patamar, o sujeito se assemelha a uma “esponja”, pois incorpora o mundo por meio das emoções e das sensações, mas não o constrói.

Uma possibilidade de reflexão acerca da relação entre sujeito e social pode ser abstraída do conceito de experiência social exposto por Dubet (1996). A experiência social é definida pela combinação de várias lógicas de ação; insere-se em uma heterogeneidade. A experiência social se forma no caso em que a representação clássica da sociedade já não é adequada. Ou seja, ela se forma no reconhecimento de que não há uma unidade dada. Nesse sentido, há no sujeito uma capacidade crítica, uma distância de si mesmo, que é socialmente construída na heterogeneidade das lógicas e das racionalidades da ação.

Do ponto de vista da Sociologia Clínica, a relação entre sujeito e sistema ocorre de modo que o sujeito possa se colocar a distância, refletir, retornar a si mesmo, não sendo reduzido à socialização e a sua posição social. Se o sujeito não é reduzido às estruturas do sistema, há uma pluralidade de lógicas de ação. Cada uma dessas lógicas de ação é “objetivamente” determinada, ao modo da Sociologia Clássica, mas, ao mesmo tempo, pertence a cada indivíduo, que combina e produz, assim, um senso próprio a sua ação. Dubet (1996, 1998) defende que a combinação das lógicas de ação implica o trabalho do ator, que num distanciar-se, distanciar-se socialmente construído, que é espaço de uma Sociologia Clínica, de uma prática engajada no retorno do ator a ele mesmo.

Para Dubet, a ação não é puramente individual, na medida em que ela é reconhecida, partilhada e confirmada pelo outro. Também, a ação resulta de um duplo processo paradoxal – de socialização de uma parte e de subjetivação de outra, na qual a subjetivação é ela mesma um processo social. De outro lado, mesmo os fatos mais objetivos são produtos de uma atividade subjetiva. Tal processo se configura de forma ambivalente, no qual se tem, de um lado, a ação individual, inefável em caso extremo, misteriosa, irracional, manifestação romântica do ser único e da sua história particular, e, de outro, a ação concebida como a recobertura da consciência individual pela sociedade.

Segundo o autor, a subjetividade constitui a consciência que os atores têm do mundo e deles próprios. Não há conduta social que não seja interpretada pelos próprios atores, que não deixam de se explicar, de se justificar, mesmo que para dizerem, por vezes, que suas condutas são automáticas ou tradicionais, que são o que são porque é assim que devem ser. A subjetividade dos atores não deve ser identificada como a imagem frouxa e vaga do vivido em que a consciência é reflexo de sentimentos que, presume-se, exprimem uma personalidade "autêntica", refreada pela sociedade. Também os sujeitos não vivem uma adesão imediata do social, pois se reconstróem sempre numa distância a eles próprios. Por isso, é possível a reflexividade, isto é, a capacidade de se repensar e transformar a relação com o mundo.

A relação entre o sujeito e o social se faz de forma dialética: o homem determina a sociedade e ao mesmo tempo é determinado por ela. Ao se abordar sobre história de vida, é fundamental admitir a ideia de uma subjetividade ativa e transformadora, mas que ao mesmo tempo se constrói numa base material e histórica de existência. Afinal, a história expressa uma vivência individual, singular, que perpassa, transformando e sendo transformada pela condição sócio-histórica concreta. Dessa forma, é trabalho da investigação descobrir, nas determinações de cada narrativa, sua pergunta específica e sua universalidade (Dubet, 1996).

7.4 A perversão das histórias

Um ponto fundamental sobre as histórias de vida consiste em sua diferenciação das histórias oficiais. As histórias de vida vão além de uma simples sucessão de fatos cronológicos que remetem a uma concepção empobrecida e ossificada da realidade social. Também vão além da história humana comumente representada como história dos cumes ou das elites. Para Ferraroti (1990), as histórias de vida compreendem uma concepção mais rica e mais vasta da

historicidade, uma historicidade “não historicista”. Para o autor, a história historicista corresponde justamente a essa visão da história humana como história das elites, em que se aponta para uma única história possível e linear. Vistas na perspectiva uma história historicista, as narrativas são reduzidas unicamente ao estado de objeto de pesquisa e seu sentido corresponde a verificar ou a falsificar as hipóteses do pesquisador, como condição de instrumentalização da pesquisa. Em contrapartida:

A história de vida como um método autônomo implica necessariamente uma historicidade não historicista. Em outros termos, ela implica uma ruptura com a concepção de história enquanto sucessão diacrônica para a pretensa verdade de um sentido geral detido pelas elites que seriam os depositários exclusivos do valor (FERRAROTTI, 1990, p. 31).

Esse sentido “historicista” é justamente a perversão das histórias, a sua utilização como modo de manutenção da ordem vigente. Além disso, essa perversão também apresenta histórias em “preto e branco”, descarnadas, ossificadas, que buscam a verificação do fato em seu estado puro, o que não existe.

Contar a vida consiste em um encadeamento de recontares, de modo que fantasia e realidade, objetividade e subjetividade, lembrança real e lembrança transformada se misturam, tornando dubitável o que é verdadeiro e o que falso, sendo tal distinção não passível de vir da narrativa ela mesma – “O homem resiste a ver a realidade como ela é; ele ama travesti-la de acordo com seus desejos, com seus medos, com seus interesses ou sua ideologia” (GAULEJAC, 1996, trad. p. 4). No entanto, ao se tentar diferenciar real e imaginário, não se pode perder de vista que o imaginário é também a realidade e que este abre para uma possibilidade de sentidos, de significações, de direções e de explicações. Além disso, o que se busca em um relato de vida não é um espelho do social, e sim o modo como o indivíduo se apropria dele, projetando a sua subjetividade. Nesse sentido, ao pedir ao sujeito que conte a sua história, o que se busca é compreender o universo do qual ele faz parte, segundo o seu ponto de vista - ou seja, a sua subjetividade em relação aos fatos sociais. Na história de vida, é o sujeito que ocupa o lugar central do que se conta. Tem-se aí uma das contribuições da Psicanálise para histórias “não perversas”: a “veracidade” do fato não é o foco, e sim o desejo que envolve o relato.

As histórias de vida ajudam a ultrapassar os limites das histórias oficiais (BARROS; SILVA, 2002). Como ressalta Bosi (2003), a história que se apoia apenas nos documentos oficiais não pode dar conta das paixões individuais que se encontram atrás dos episódios. E acrescenta:

Qual versão de um fato é a verdadeira? Nós estávamos e sempre estaremos ausentes dele. Não temos, pois, o direito de refutar um fato contado pelo memorialista, como se ele estivesse no banco dos réus para dizer a verdade, somente. Ele, como todos nós, conta a *sua* verdade. Ser inexato não invalida o testemunho, diferentemente da mentira, muitas vezes exata e detalhista (BOSI, 2003, p. 66).

Reforça-se aqui a história de vida como método rico e diversificado, cuja abrangência vai além da pesquisa, englobando intervenção e formação. O método biográfico permite compreender o que há entre o universal e o singular, entre o objetivo e o subjetivo, entre o geral e o particular, entre o positivismo e o subjetivismo psicologizante. O material produzido pelas histórias de vida expressa as determinações sociais nas trajetórias individuais e a relação dos atores com essas determinações. Também, permite compreender a relação entre o indivíduo produto da história e o indivíduo agente da historicidade (GAULEJAC, 2005).

Destaca-se, ainda, a grande contribuição do método biográfico, que consiste na percepção de um sujeito ativo, que participa ativamente do processo de construção da pesquisa, inclusive da análise. A atenção a este ponto é fundamental no processo do sujeito de olhar para si, de olhar para trás e, então, para seu interior, de ressignificar seu passado e transformar seu presente, de se refazer, aspectos diretamente relacionados à possibilidade de mudanças. Nesse sentido, caminha-se para um novo patamar na ciência, no qual se retira do pesquisador sua condição de detentor dos saberes explicativos, ilusoriamente objetivos e susceptíveis de serem colocados a serviço de estratégias de dominação, e levam-se em consideração a imprevisibilidade e a complexidade das condutas humanas, o que implica uma nova postura do pesquisador não apenas em relação à pesquisa em si, mas também, e principalmente, sua posição e sua função na sociedade.

8. LES HISTOIRES FRANÇAISES

No cronograma de meu estágio doutoral na França, eu havia planejado fazer o recolhimento de história de vida de um sujeito francês. Como ficaria por volta de um ano por lá, haveria tempo suficiente para realizar este campo, o que me traria riqueza de informações, maiores possibilidades de análise e a oportunidade de já ir amadurecendo a pesquisa com a realização de entrevistas e a discussão do caso com minha tutora, outros professores e demais colegas do núcleo de pesquisa.

No início do semestre letivo 2011-2012, Pascale Molinier me sugeriu que o mais interessante fosse que eu realizasse um estágio em alguma clínica ou instituição que trabalhasse com a questão da dependência química. Ela expôs essa situação ao grupo do laboratório e, por intermédio de outra professora da *Université Paris XIII*, eu fui para o *Centre Boucebci*.

8.1 Le Centre Boucebci

O recolhimento de histórias de vida na França envolveu os pacientes do *Centre Boucebci*. O *Centre Boucebci*, é uma clínica em estrutura de CSAPA *en ambulatoire*. Os CSAPA (*Centres de soins, d'accompagnement et de prévention en addictologie*) consistem em centros de cuidado, acompanhamento e prevenção em adictologia. O Boucebci é um CSAPA em regime de atendimento ambulatorial. A clínica funciona no *Hôpital Avicenne*, ligado ao sistema de saúde pública francês, que se localiza em Bobigny, no subúrbio norte de Paris. Trata-se de um hospital franco-muçulmano, que atende de forma considerável, além de franceses de baixa

renda, imigrantes e descendentes de imigrantes, principalmente árabes e africanos, que constituem em grande parte a população que habita no local.

Meu contato inicial com a clínica ocorreu com o médico chefe do serviço, por intermediação da professora da *Université Paris 13*, que fez minha indicação e solicitou a possibilidade de um estágio. Em dezembro de 2011, fiz minha primeira visita à clínica, quando expus ao coordenador do serviço minha pesquisa, o estágio de doutorado sanduíche na França e a necessidade de realizar entrevistas de histórias de vida com alguns pacientes que se dispusessem a participar da minha pesquisa. Além disso, seria para mim também uma excelente oportunidade de obter conhecimento e experiência acerca de um serviço de tratamento de toxicomania do sistema de saúde pública francês. O coordenador, Dr. Pierre, me permitiu livre acesso aos pacientes, para apresentar minha pesquisa e conseguir possíveis voluntários, e as salas para a realização das entrevistas. Ele me convidou a participar das reuniões da equipe realizadas semanalmente às terças-feiras. Assim, acordamos que eu teria um vínculo de estagiária com a clínica para a realização de todas essas atividades, possibilidade que me deixou imensamente satisfeita. Meu estágio na clínica ocorreu de janeiro de 2012 até o fim de junho de 2012, período no qual encerrei minhas atividades do estágio de doutorado no exterior.

O primeiro contato com os pacientes da clínica para conseguir voluntários para minha pesquisa foi algo, pelo menos inicialmente, um tanto quanto penoso. A questão do idioma, a minha posição de estrangeira e as diferenças culturais foram alguns dos fatores que eu sentia como dificultadores dessa minha aproximação com os pacientes e, também, com a equipe (salvo com o coordenador do serviço, que foi desde o princípio e por todo o tempo um grande facilitador e incentivador do meu trabalho), que também ficou com um “pé atrás” diante da chegada da estudante brasileira em seu território. Minha presença na clínica e o modo como seria minha abordagem com os pacientes chegaram a ser pauta de algumas das reuniões da equipe, das quais eu participava. Lembro-me de um episódio no qual uma paciente que aguardava atendimento na sala de espera me disse que não iria me conceder uma entrevista, pois eu “não falava a língua dela”. Sem me ater às questões nacionalistas que pairam sobre a França neste momento específico e a todo o movimento em relação à presença do estrangeiro no país, o que é importante

destacar é que houve, em geral, uma situação de estranhamento em relação à minha chegada na clínica.

Com o tempo, essa situação foi se amenizando e ao final do meu estágio eu já me sentia bem mais à vontade e integrada à equipe, principalmente, o que facilitou bastante o desenvolvimento de minhas atividades. No contato com os pacientes, consegui três voluntários para participar de minha pesquisa: Jean, Vincent e Guillaume. Com Guillaume, infelizmente, não consegui realizar as entrevistas de recolhimento de histórias de vida. Com um histórico de saúde já bastante agravado, ele teve uma complicação em seu quadro clínico, o que o levou a uma internação prolongada e ao conseqüente afastamento da clínica. Conseguimos realizar apenas uma entrevista inicial, na qual nos conhecemos e discutimos sobre os objetivos da pesquisa. Desse modo, não considerarei esse caso na tese. Com Jean e Vincent foi possível realizar um acompanhamento mais duradouro, feito ao longo de todo o meu *séjour*, período de estágio na clínica. É o que conto nas seções seguintes.

8.2 *L'histoire de Vincent*

Meu primeiro contato com Vincent ocorreu em janeiro de 2012, na sala de espera da clínica, enquanto ele aguardava por seu atendimento. Apresentei-lhe um texto que explicava de forma resumida do que se tratava minha pesquisa e ele prontamente se dispôs a participar. Vincent se mostrou desde o início muito colaborativo e simpático ao meu trabalho. Marcamos o primeiro *rendez-vous* (encontro) ainda no mês de janeiro. Realizamos no total três entrevistas. Ao longo do período que acompanhei Vincent, ocorreu de, algumas vezes, ele não comparecer à entrevista. Suas faltas estavam, em geral, relacionadas ao seu estado emocional, que oscilava bastante. Em resumo, se não estava num bom dia, não

comparecia. Isso acabou prejudicando o número de entrevistas programadas. Ainda sim, os encontros realizados foram muito proveitosos. Além de muito colaborativo com meu trabalho, Vincent apresentava grande capacidade analítica sobre sua própria história, o que nos levou a um bom aprofundamento sobre o que conversávamos. Era também sempre paciente com a questão do idioma, buscando falar de forma pausada para que eu o compreendesse bem. Infelizmente minhas entrevistas com Vincent foram interrompidas, pois ele foi preso durante esse processo devido a um pequeno furto.

Vincent é paciente do CSAPA – *Centre de Soins, d'Accompagnement et de Prévention en Addictologie* há 6 meses, aproximadamente. Ele tem 52 anos e é usuário de drogas desde os 24 anos. De origem africana, mudou-se para a França aos 12 anos de idade. Nasceu no Senegal. Quando era bebê, sua mãe o deu a uma tia, irmã de seu pai, para que ela o criasse, mas depois o pegou de volta quando ele tinha 6 anos. Estudou até o fim do *lycée*⁹ e trabalhou em atividades formais até cerca dos 24 anos. Trabalhou em um hospital como agente hospitalar, função que ele descreve de forma positiva, mas que o desconfortava por se tratar de um serviço de saúde mental para tratamento de pessoas depressivas (diz que esse ambiente o incomodava). Em seguida, trabalhou como vendedor em uma boutique de luxo em Paris, situação que ele relaciona ao início de sua dependência. É soro-positivo, tendo contraído o vírus por meio da utilização de drogas. Já passou 15 anos, aproximadamente, encarcerado, em três passagens pela prisão, em decorrência de seu envolvimento com as drogas, desde tráfico até furtos realizados para comprar a substância. Hoje, faz tratamento para a dependência química e também para a AIDS. Mora em uma residência protegida oriunda de um *centre thérapeutique résidentiel*. Não trabalha atualmente e recebe dinheiro da CAF - *Caisses d'Allocations Familiales*¹⁰, por sua situação de *handicapé*.

Em seu primeiro relato sobre a família, descreveu a mãe como uma “mãe superpresente ou mesmo superprotetora” e o pai como uma figura ausente. Referiu-se às mães, em geral, como a base de toda a família e da família como a base da vida em geral. Vincent apresentou num primeiro momento, um discurso idealizado

⁹ Estágio escolar correspondente ao ensino médio no Brasil.

¹⁰ Sistema de proteção social do governo francês.

sobre a mãe e a família, com exceção do pai. Contou que o pai separou-se da mãe e que esta era a responsável pela criação dos filhos e sustentação da família. Ele enalteceu a mãe em sua fala. No entanto, em entrevistas posteriores este discurso se alterou, passando a referir-se à mãe como a pessoa que o abandonou. Disse que sentia um trauma pelo fato de a mãe tê-lo deixado com a tia para depois recolhê-lo de volta. Ele contou que chamava a tia de “Maman” e a mãe biológica de “Tia”. Com 6 anos, teve de inverter essa relação. Relatou que foi o único filho que a mãe deu para alguém e que isso lhe causou muita mágoa. Pensava ser o filho menos amado e se sentia diferente e estranho entre os irmãos. Sobre os irmãos (duas mulheres e quatro homens), contou que todos estudaram, se formaram e que nenhum teve ou tem envolvimento com drogas e a criminalidade. Sentia-se em sua infância um “estranho no ninho”. Sobre o sentimento de abandono que apresenta em relação à mãe, diz que hoje procura perdoá-la por isso, mas que percebe que esse sentimento (do abandono) é algo que o acompanha e o relaciona à sua dificuldade em se envolver com mulheres e de manter um relacionamento duradouro, pois pensa que elas vão abandoná-las, assim como fez a mãe. De outro lado, mesmo com relato dos traumas de infância, disse de sua dificuldade para romper com os laços familiares (*lien familial*): “Família é a coisa mais preciosa da vida” (fala do sujeito), romper o “cordão umbilical” (fala do sujeito).

A ambiguidade da relação de Vincent com a família, com destaque para mãe, é um ponto importante para a compreensão de sua dependência química. Sua dificuldade em cortar o cordão umbilical e a representação idealizada que tem da mãe, como superprotetora, diz de um desejo de retorno ao narcisismo primário, a fases iniciais do desenvolvimento, fases narcisistas demarcadas pelo estado fusional entre o bebê e a mãe, nas quais o sujeito busca realizar-se autoeroticamente em detrimento das frustrações do mundo externo, devido a suas dificuldades em lidar com o princípio de realidade – comportamentos característicos, em geral, do sujeito dependente químico: desejo de retorno a um estado de prazer absoluto no qual a droga opera como veículo para essa transposição. No entanto, essa busca de retorno ao estado de narcisismo e de retorno ao aconchego materno é ainda mais falaciosa no caso de Vincent. Afinal, a mãe o abandonou e o entregou aos cuidados da tia, ainda bebê. Assim, ele buscou nas drogas o retorno a um estado ilusório, ou um estado que é fruto de um desejo, mas que não ocorreu. A mãe superprotetora

que Vincent deseja, pelo que ele relata até aqui, não existe. A mãe real é a mãe que o abandona. Assim, o drogar-se atua como um mecanismo que camufla duas duras realidades: dificuldade em lidar com a frustração, tendo em vista a falha na interiorização da função paterna, que diz respeito à autoridade, e da interdição, que se ligam ao princípio da realidade; e o conseqüente desejo de retorno ao aconchego materno, que é fruto do seu desejo, mas que não se operou em sua história.

Sobre a relação de Vincent com o trabalho, ele afirmou que é em decorrência de sua última atividade (como vendedor de loja) que começou seu problema com as drogas mais pesadas. Declarou que antes usava apenas drogas mais leves, como haxixe, e que após essa experiência começou o vício em substâncias mais pesadas, como a heroína. Ele descreveu que a loja onde trabalhou era de luxo, localizada no *6ème arrondissement*, segundo ele, um “*cartier burgeois*”¹¹ de Paris. Na época, tinha cerca de 24 anos. Apesar de já passado um longo tempo, ele descreveu com detalhes essa atividade. Contou que o proprietário da loja possuía outras cinco lojas na mesma rua em Paris. Era uma loja de roupas de luxo. Ele disse que gostava dessa atividade e que era um excelente vendedor. No entanto, contou que tinha problemas com horários e que por isso seu chefe o demitiu. Além disso, o chefe reclamava de suas roupas, pois achava que ele tinha que se vestir como um *bourgeois*. Falou também (mas nega ao mesmo tempo, possivelmente como estratégia de defesa) sobre sofrer preconceito por sua raça. Disse que possuía ótimas relações com o proprietário da loja, mas uma relação difícil com o gerente, seu chefe, e que este o despediu na primeira oportunidade que teve: “*Quand il a eu l’occasion pour me jeter il m’a jeté,*”¹². Ele falou que chegava atrasado, mas que ainda assim trabalhava uma carga horária elevada – de segunda a sábado, das 10 às 17h30. Contou que ficou muito revoltado com essa demissão, pois achou injusto, visto que dava o melhor de si, dava toda a sua energia. Relatou sobre suas dificuldades em lidar com a autoridade do chefe e que após essa experiência não quis mais um trabalho no qual houvesse um patrão, um chefe.

Relatou também sobre as diferenças socioeconômicas entre ele e o público que ele atendia, o que gerava nele um grande incômodo. A clientela da loja era a

¹¹ “Bairro burguês” (tradução para o português).

¹² “Quando ele teve a oportunidade de me descartar ele me descartou” (tradução para o português).

aristocracia parisiense – cantores, artistas, jornalistas, pessoas com muito dinheiro e com o nível de vida completamente diferente do que ele estava habituado. Contou: “[...] minha mãe nos criou para ter um par de sapatos durante todo o ano. Na loja, uma criança tirava 300 euros, por exemplo, do bolso e comprava uma calça” (como quem compra uma bala, por exemplo). Ele veio de uma realidade humilde e simples, e o contraste da realidade de luxo na qual ele trabalhava gerou nele um choque e desconforto. “Eram dois mundos completamente diferentes”. Além disso, achava ser o mundo *bourgeois* bastante superficial, com alto nível de consumo e regido pelo poder do dinheiro. Ele disse que, devido a esta situação, começou o consumo alto de drogas pesadas (usava com colegas de trabalho).

As dificuldades no trabalho relatadas por Vincent refletem questões similares àquelas que ele vivenciou em relação à sua história de vida, envolvendo a questão da autoridade, o fato de ter de lidar com frustrações e o princípio de realidade (características da atividade de trabalho em geral). Sobre seu trabalho como vendedor enfatizou que após essa experiência seu desejo era apenas viver sua vida segundo suas próprias regras, seus próprios desejos e sua verdade – relação com suas dificuldades com o chefe (figura de autoridade) e com as regras ligadas ao trabalho (por exemplo, os horários). Há também outros aspectos do trabalho citados por Vincent, como a superficialidade das relações, o consumo e o poder do dinheiro, que dizem da falta de relações autênticas no trabalho e que reforçam a relação entre o vício do sujeito e sua atividade de trabalho (o que é apontado diretamente por Vincent em sua fala). Mesmo o trabalho anterior de Vincent, no hospital, no qual ele tinha de lidar com pacientes depressivos, e se incomodava por isso, pode refletir suas dificuldades em lidar com sua própria dimensão depressiva, ponto que se relaciona à toxicomania. As dificuldades de Vincent relacionadas a sua história familiar repercutem em sua trajetória profissional e em sua história com as drogas. Ele reproduzia no trabalho um comportamento que dizia respeito a registros da infância e que estava imbricado também na questão de sua dependência química. No entanto, o trabalho na loja como vendedor não significou uma ressignificação de seu sofrimento, não possibilitou uma transformação bem-sucedida entre seu conteúdo singular e o coletivo do trabalho.

A questão do consumo, bem destacada por Vincent em sua fala - consumo capitalista da mercadoria (trabalho na loja) - também tem relação com o consumo da droga, que se relaciona a uma dimensão compulsiva da subjetividade do sujeito, que tem forte alicerce na sociedade atual e nos mais variados tipos compulsivos de consumo da sociedade capitalista. Essa questão aponta também para a importância de dar atenção ao processo de construção das subjetividades, que ocorre por via do social e de sua inter-relação na dinâmica dos mecanismos psíquicos. Assim, há de se refletir também de que modo as configurações sociais da sociedade atual refletem em Vincent e são reproduzidas por ele, tendo vista sua dependência química. É importante destacar que Vincent se sente, quando é demitido, descartado (ele diz várias vezes isso) assim como se descarta uma mercadoria que não tem mais valor. Têm-se, assim, três cenários que estão completamente imbricados: em nível macro - as questões de consumo da sociedade mercadológica capitalista; em nível meso - as dificuldades vivenciadas no trabalho na loja, relacionadas à superficialidade das relações, ao preconceito e às dificuldades com o chefe; e em nível micro - suas experiências singulares relacionadas à sua história de vida, ligadas ao abandono da mãe e à ausência do pai.

O abandono da mãe é a castração colocada de uma forma mais real do que Vincent pode suportar. A realidade concreta do abandono é o excesso de realidade, que ele não suporta. E, por não ser capaz de simbolizá-la, foge dela, por meio da droga. Ele tem uma questão com a castração. Há um excesso de real, e a experiência na loja trouxe isso à tona. Afinal, dinheiro é poder, é falo. E, mais uma vez, ele teve uma experiência gritante que o denunciava como castrado pela desigualdade social que revelava sua "impotência financeira", seu lugar de menos-valia na sociedade, como o que ele vivenciou com a mãe em relação aos irmãos, segundo a interpretação que ele faz do que viveu. A dificuldade em lidar com chefe, horário e qualquer outro limite parte daí. Todo limite o denuncia como castrado. O grito de sobrevivência, de "estou vivo", a demonstração de alguma potência pra ele só é possível pela quebra com essa lei, o limite. Então, ele atrasa, ele não quer obedecer ao chefe: é a sua materialidade, seu status de sujeito que está em jogo, e essa é a forma de se pôr no mundo, de ser visto. Quando ele não rompe com a regra, não é visto. Quando ele rompe, torna-se visível, e, portanto, vivo.

A prisão de Vincent é um fato que merece ser considerado. Todavia, não foi possível ter acesso a elementos que permitissem maior aprofundamento nessa questão. No último encontro que tive com ele, anterior ao episódio do roubo, Vincent estava visivelmente abatido. Contou que passada por momentos de maior melancolia. Ele dizia: "*il y a le jour sans et le jour avec*", expressão que queria dizer que existem dias mais completos e dias mais vazios. Num desses dias mais pessimistas, um "*jour sans*", cria-se, penso eu, a situação para cometer o roubo. Seu psiquiatra contou em uma das reuniões de equipe sobre a prisão de Vincent que ele utilizava desse subterfúgio como forma de contenção. Ou seja, quando estava em momentos mais depressivos, nos quais seria mais fácil a sua recorrência à droga, cometia pequenos furtos para, assim, passar uma temporada na cadeia. A prisão é algo que materializa a contenção de que ele necessita, o limite para a não utilização da droga.

8.3 *L'histoire de Jean*

Meu primeiro contato com Jean ocorreu da seguinte forma: uma médica da clínica me procurou, dizendo que um de seus pacientes podia contribuir muito para minha pesquisa, pois apresentava uma rotina de trabalho bastante ativa. Assim, ela fez as apresentações; Jean, ainda que de maneira mais resabiada que Vincent, concordou em participar da pesquisa. Começamos nossos encontros em março de 2012. Eu o acompanhei até o final de meu estágio, em junho do mesmo ano. Realizamos seis entrevistas de recolhimento de história de vida, agendadas nos dias em que ele era atendido por sua médica na clínica, pois era para ele dificultoso para ele deslocar-se para o Centro. Isso acabou restringindo a possibilidade de encontros semanais, visto que suas consultas eram quinzenais e, algumas vezes, com intervalos de três em três semanas. De toda forma, as entrevistas com Jean foram também bastante proveitosas. Encerramos pelo tempo do fim de meu estágio

doutoral e do retorno ao Brasil, e não pelo esgotamento do conteúdo de sua história, o que certamente não se encerraria jamais. Mas vamos à história!

Jean está na clínica há cinco anos. É um dos mais antigos pacientes do *Centre Boucebeci*. A procura pela clínica se deu em função do uso de vários tipos de substâncias psicoativas, com destaque para a heroína. Frequenta a clínica, em geral, a cada 15 dias, para as consultas com a psiquiatra e para pegar o medicamento que utiliza em substituição à heroína, a **metadona**¹³.

Jean é francês, tem 55 anos de idade, mora em Paris, mas nasceu na região da Bretanha (região administrativa do oeste da França), assim como seus outros irmãos: dois homens e duas mulheres. Sua família se mudou para Paris na década de 1950, pois não havia naquela região e naquela época muito trabalho. O pai é hoje aposentado, mas trabalhou durante grande parte da vida na SNCF – *Société Nationale des Chemins de fer Français* (Sociedade Nacional dos Caminhos de ferro Franceses), como condutor de trem. A mãe se ocupava dos trabalhos domésticos e de cuidar dos filhos.

Jean contou que começou o uso de drogas (inicialmente, haxixe) quando tinha 14 anos de idade, época da internação de seu irmão (fato que será mais bem descrito adiante) em que começou a sair de casa e a conviver com outros jovens na rua, mais velhos do que ele e que, segundo conta, o teriam influenciado no uso da substância. Com 17 anos, começou a usar heroína, hábito que durou mais de vinte anos. Não usava muito cocaína, pois era mais cara: "Cocaína é para ricos". Comentou sobre a dependência da heroína, que é física, diferente da cocaína, que

¹³ *Metadona* é o nome da substância utilizada no tratamento de toxicodependentes da heroína e outros opióides, em substituição à substância ilícita. É um narcótico, do grupo dos opióides; é uma substância sintética e tem efeitos anestésicos. Com uma ação de duração elevada (24 horas em geral) sua administração evita que o paciente sofra com a "síndrome da abstinência" causada pela retirada da heroína. "As vantagens da prescrição de metadona integrada em bons programas de tratamento são a redução do uso de droga ilícita, a diminuição do consumo de opiáceos ilegais, dos comportamentos criminosos e da mortalidade dos toxicodependentes. Além disso, os doentes organizam mais facilmente outros aspectos das suas vidas. A metadona não tem os efeitos euforizantes da heroína. Como não produz os mesmos efeitos psicológicos e exige uma única dose diária é compatível com uma vida ativa, estável e organizada. A maior estabilidade dos pacientes resulta da supressão dos sintomas da síndrome de abstinência e do acompanhamento psicoterapêutico incluído nos programas de tratamento. A administração legal também evita que os toxicodependentes estejam em contato com pessoas e ambientes do consumo de heroína". (Fonte: <http://www.fcsh.unl.pt/> - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa).

apresenta uma dependência psíquica. Seus dentes são estragados devido ao uso da droga e seus braços são marcados pela injeção da substância.

Mesmo durante os períodos de utilização mais intensa da heroína sempre trabalhou. Fazia, no momento de nossas entrevistas, cinco anos de sua última decisão de interromper o uso de heroína (tentativa que já havia feito por diversas vezes). Nestes cinco últimos anos, conta que “está limpo” e que vem administrando a ausência da droga com o uso da metadona, substância cujo uso ele tenta interromper também. No entanto, diz que quando interrompe bruscamente o uso da metadona ocorrerem recaídas (situação que ele já vivenciou). Então, hoje ele busca no atendimento psiquiátrico a retirada gradativa dessa substância.

Quando Jean estava com 14 anos, aproximadamente, seu irmão adoeceu de meningoencefalite e ficou cerca de um ano em coma no hospital. Contou que foi justamente neste período que começou a usar drogas. Na época, haxixe e bebida alcoólica. Segundo relatou, como os pais ficavam a maior parte do tempo no hospital com o irmão, ele ficou sem ter o controle e a vigilância destes, e assim começou a conviver com pessoas mais velhas do que ele e que o teriam influenciado no uso das drogas. Com 17 anos Jean iniciou o uso de heroína, substância que será a principal utilizada em sua história de dependência.

8.3.1 L'histoire du travail

A época em que Jean iniciou o uso da heroína foi também aquela em que começou sua carreira profissional e, segundo conta, a se destacar na atividade que exercia. Foi próximo a esse período, em 1974, por volta dos 17, 18 anos, que começou a trabalhar, num primeiro momento, como aprendiz e, em seguida, como mecânico. Seu primeiro trabalho, como mecânico de automóveis caros e luxuosos. Trabalhou na Mercedes, na Porsche, e na Jaguar. Na época, o patrão o levou para

trabalhar em Stuttgart, Alemanha, na fábrica da Porsche, onde permaneceu durante seis meses. Trabalhava em carros de corrida. Profissionalizou-se como mecânico. Como era jovem, seu patrão queria formá-lo para esse ofício – mecânico de automóveis de corrida. Mas, devido às bebidas e às drogas, acabou abandonando esta oportunidade e a carreira como mecânico em geral. Com a renda advinda do trabalho como mecânico pôde viajar à Índia, aos 18 anos, por cerca de dois, três meses: “Ganhava muito dinheiro! Era “*mecanic-auto*” (*mecanicien automobile* - mecânico de automóveis, em português). Consertava carros, ganhava muito dinheiro. Era uma boa época!” (Jean, traduzido do francês).

A saída deste trabalho marcou um período na história de Jean em que seu uso de drogas foi intenso. Nesta época, ele passou a trabalhar com o tráfico de drogas. Ao relatar este período, declarou: “Trabalhava com o tráfico, mas nunca agredi as pessoas” (Jean, traduzido do francês). Nesta atividade, comprava haxixe na Holanda e vendia na França. Não havia na época tantos estrangeiros vendendo drogas como atualmente. Contou que nesta época não existiam nem mesmo muitos estrangeiros na França e que eram os próprios franceses que detinham o monopólio da droga: era mais barato adquirir a substância (determinada quantidade custava o equivalente a 25 euros; hoje, custa 40 euros).

No início da década de 1980, Jean conseguiu uma licença para dirigir máquinas de grande porte e iniciou o trabalho como *cariste*¹⁴; operando máquinas empilhadeiras que realizam o carregamento de caminhão. Nesta função trabalhou em três sociedades. Inicialmente, em uma sociedade de informática, na qual permaneceu por aproximadamente dez anos. Era uma sociedade francesa, mas com parte de capital americano. Na época, François Mitterand era o presidente da França. Contou que quando os socialistas passaram ao poder ocorreu um processo de nacionalização das empresas no país; razão pela qual os americanos saíram da sociedade, e com isso muitos empregados foram demitidos.

Atualmente, trabalha já há dez anos em uma empresa na qual seu cargo é chefe-encarregado. Trata-se de uma revendedora e distribuidora de peças para

¹⁴ *Cariste* é o termo em francês para a profissão de motorista – o condutor de máquinas que realiza o transporte de mercadorias.

aquecimento interno, como aquecedores, e também de peças para banheiros, como banheira, lavabos, pias e duchas, possuindo cerca de 100 funcionários, sendo que destes 40 atuam especificamente na loja onde ele trabalha. Iniciou nesta empresa com a função de *cariste*, realizando, como operador de empilhadeira, o carregamento de cargas para posterior despacho.

Ao longo de seu trabalho nesta empresa, Jean foi progredindo na carreira. Hoje, Jean coordena uma equipe de quatro operadores *caristes*. Sua atividade principal é coordenar desses funcionários. Trabalha diretamente no computador e não mais operando máquinas empilhadeiras. É o responsável também por abrir a empresa para o início das atividades de seu setor e por fechá-la ao final do expediente. Exerce um cargo de confiança e apresenta boa relação com seus superiores (estes, conforme relata, nem ninguém da empresa sabe de seu envolvimento com a heroína).

Jean contou que o uso de heroína já o ajudou a realizar sua atividade de trabalho. No período em que trabalhava como condutor de empilhadeira, iniciava sua atividade ainda bem cedo, por volta das 5 horas da manhã. Costumava fazer bastante frio, principalmente nos dias de inverno mais rigoroso, dentro da cabine da máquina, assim como muito calor nos dias mais quentes. A droga funcionava como um anestesiador para essas condições e lhe permitia trabalhar bem sob quaisquer circunstâncias. Com a heroína, acordava em forma, mesmo se estivesse fazendo frio: "Com a heroína se trabalha mais e como se fosse uma criança. [...] Se você utiliza a heroína, você trabalha muito, mesmo se está doente" (Jean, traduzido do francês). Ele descreveu como era a atividade que desempenhava como condutor de empilhadeira: de manhã, chegava à empresa às 5h30 e já começava a carregar os caminhões. "Por isso te disse que a droga ajuda. Não tem aquecimento dentro do caminhão. Faz frio: -5 graus, -6 graus... Quando faz calor, é o contrário, 40, 42 graus dentro da máquina" (traduzido do francês). Assim, a heroína o ajudava tanto nas altas quanto nas baixas temperaturas, de modo a amenizá-las. "A droga ajuda no trabalho duro" (Jean, traduzido do francês). Jean contou que na função de *cariste* ele carregava ao longo da jornada cerca de dez caminhões: "Fazia 20 toneladas". E, também, trabalhava no controle das mercadorias.

Trabalhar no controle de mercadorias lhe permitia roubá-las para vender e, assim, ter uma renda a mais para financiar seu vício. Ele retirava mercadorias do estoque, sem que percebessem. Conforme contou, era possível fazer essas retiradas sem que se fosse acusado em outras esferas. As mercadorias que retirava da empresa eram vendidas diretamente aos clientes da empresa – decoradores, arquitetos, etc. - a um preço bem abaixo que aquele praticado pela organização. Como eram favorecidos neste esquema, tais clientes mantinham sigilo sobre esta operação. Conforme conta, tudo sempre correu bem. Ele nunca foi pego. Hoje, enquanto coordenador, uma de suas funções é justamente fazer o controle para que os atuais *caristes* não cometam atitudes desse tipo. Segundo relatou, hoje ele já não participa mais desses esquemas.

Sobre o pagamento na empresa onde trabalha, Jean contou que lá circula muito dinheiro. Dessa maneira, o patrão o paga em pequenas quantias, quando ele mesmo precisa e pede. Tal procedimento lhe permite ter sempre dinheiro em mãos, o que Jean afirma ser prejudicial para o toxicômano, pois dinheiro disponível facilmente e em espécie ajudava-o a comprar drogas.

A licença de motorista como *cariste*, que o habilita a conduzir máquinas pesadas, requer a formação de um ano. Jean ressaltou o orgulho de possuir essa habilitação, pois apenas quatro pessoas na empresa onde ele trabalho possuem essa permissão. É importante ressaltar que para o exercício desta atividade é feita uma rigorosa vigilância, mesmo pelo Ministério do Trabalho francês, tendo em vista os altos riscos de acidentes que envolvem a função. Assim, destaca-se o acompanhamento regular, que deve ser feito pela empresa e pela Medicina do Trabalho, a fim de constatar se o trabalhador está hábil ao desempenho da função e verificar aspectos como: exame de aptidão para dirigir (realizado pelo médico do trabalho), controle dos conhecimentos e saberes necessários para a condução segura e manejo do equipamento. Interessante frisar que, apesar de todo o cuidado com o cargo e de toda atenção necessária para o desempenho da tarefa, Jean realizava o trabalho sob o efeito da heroína e, segundo contou, sem que nenhuma pessoa da empresa tivesse ciência da sua condição de toxicômano.

Quando Jean assumiu o cargo de encarregado, atividade que demandou dele habilidades, começa a buscar diminuir o uso da heroína, pois nesta nova função a

droga o atrapalharia. De outro lado, disse que seu trabalho não reforçou a dependência, mas que “também não é que ajudou...” (Jean, traduzido do francês).

Hoje, seu grande desejo é aposentar-se e se mudar para a Bretanha, sua região de origem. Quer ficar perto do mar. Seus pais possuem uma casa no local (que era a casa de seus avós), para onde ele deseja se mudar. Em cinco anos ele vai se aposentar e, então, realizar este desejo (Jean cita recorrentemente esse fato ao longo das suas entrevistas).

8.3.2 L'histoire de la famille

Jean é divorciado (o divórcio veio em decorrência da utilização de drogas). Tem um filho de 26 anos, que irá se casar em breve. Disse que tem um bom relacionamento com a ex-esposa, e que vê o filho regularmente e que sempre buscou preservar bem essa relação. Enquanto o filho era criança, ele o via todas as quartas-feiras (dia em que não há aulas nas escolas francesas), na casa de seus pais (por decisão judicial, devido ao seu envolvimento com as drogas). Atualmente, vê o filho cerca de duas, três vezes na semana. Contou que o filho trabalha. “Eu disse a ele, se quer ganhar dinheiro, tem que trabalhar”. O filho sabe a história do pai: “Eu falei com ele. Eu me expliquei porque eu me divorciei” (Jean, traduzido do francês).

Jean casou-se aos 22 anos. Na época trabalhava também como *cariste*, mas em outra empresa. Ganhava bem na época, cerca do correspondente a 3.000 euros hoje, e que sua esposa também tinha um bom salário como funcionária da prefeitura de Bobigny (cidade dos arredores de Paris que faz parte da região de Île-de-France). No entanto, gastava todo o dinheiro com as drogas. Não chegou nem mesmo a adquirir um imóvel próprio, coisa que ele tinha na época condição de fazer. A esposa tentou ajudá-lo a livrar-se da dependência, mas após um tempo ela achou “que não

valia mais a pena". Ficaram casados por sete anos. Hoje, tem uma companheira, mas não vivem na mesma casa.

Atualmente, mantém uma relação muito boa com os pais, que vieram do interior da França, da Campanha, para trabalhar em Paris. Não conheciam as drogas. O pai, quando descobriu que Jean estava usando drogas, expulsou-o de casa. Sobre este episódio, contou que quando estava tomando banho seu pai viu as marcas (da injeção da droga) em seu corpo. Bateu nele e, em seguida, o expulsou. Na época, ele tinha por volta dos 20 anos e era já usuário de heroína. Começou usando outras substâncias. Inicialmente, haxixe e, posteriormente, LSD, antes de chegar ao consumo de heroína. Quando perguntei o que ele sentiu quando o pai o expulsou de casa, respondeu que sempre teve muito a família em torno dele, que mesmo quando o pai o expulsou, acompanhava-o, perguntando dele para outras pessoas. Queria saber se ele estava bem. Em sua infância, era fortemente ligado ao pai, tanto que escolheu a mesma profissão, a de mecânico. Eram fortemente ligados, mas a droga representou uma ruptura considerável nessa relação. Ficaram por um longo período sem se falarem e, até mesmo sem se verem. A mãe, figura menos dura e mais carinhosa, o acompanhou mais proximamente neste período após o episódio da expulsão de casa. Relatou que, em geral, sempre manteve uma boa relação com a mãe, mas que hoje a relação é positiva com ambos. Justifica a incompreensão e intolerância do pai em relação à sua drogadicção por ser um sujeito humilde e vindo do interior, sem conhecimentos acerca das drogas, e, também, por sua cultura e criação, em que drogar-se é um comportamento inaceitável. Contou que, posteriormente, o pai, por influência de outros familiares e amigos, foi suavizando sua postura, vindo os dois a reatar os laços.

O irmão que esteve hospitalizado na infância (situação à qual ele atribui seu envolvimento com a droga) saiu do coma e hoje trabalha: cuida de crianças deficientes. Todas as irmãs são funcionárias públicas: uma está no Ministério de Finanças, em Bercy, e as outras no Ministério do Interior. Elas começaram a trabalhar nas respectivas atividades na idade de 18 anos. Entraram como secretárias e foram subindo de cargos na empresa. Jean conta que ele é o único filho que se envolveu com drogas

8.3.3 Et Alors?!

Jean é um homem marcado pela heroína: apresenta marcas na pele em decorrência do uso da seringa e seus dentes são bastante danificados pelo uso da substância. Sua trajetória pessoal é marcada pela droga, assim como sua relação com seus entes e a relação com o trabalho. Destaca-se neste último que o trabalho também interfere na relação que ele estabelece com a droga.

Sobre a história de Jean, é interessante destacar que o início do consumo de drogas relaciona-se diretamente ao período de hospitalização do irmão. Como os pais não estavam por perto para controlá-lo, ele foi para as ruas e assim começou a drogar-se. Possivelmente, há em Jean um sentimento de abandono, que é construído nessa situação e que o impulsionou a procurar a droga. Com as drogas, o abandono que até então habitava o imaginário de Jean, vem à tona, materializando-se em sua expulsão de casa pelos pais. É o momento de um rompimento com estes, rompimento iniciado na ausência dos pais, que “só ficam no hospital para cuidar do irmão”, e que culmina na saída de Jean de casa. Nesta saída, a droga acaba atuando nele enquanto um amortecedor para o sentimento de perda. Assim, recorre-se ainda mais ao seu uso, como em um círculo vicioso: pais ausentes, o que o leva a procurar pela droga, e droga que faz aumentar a distância deles. Além disso, pode-se destacar também o drogar-se como uma maneira de “chamar a atenção” dos pais, que naquele momento dedicavam-se mais ao outro filho.

Outro ponto que traz elementos da análise dessa história refere-se à relação de Jean com a droga e com o trabalho. A droga é claramente algo que o ajuda no desempenho de sua atividade quando o mesmo como *cariste*. Ela tem uma função importante neste cargo, e por isso possa talvez ter passado tantas vezes despercebida aos olhos de seus superiores. Ela o ajuda a render no trabalho, ela tampona não apenas os vazios existenciais de Jean, mas também as situações de

trabalho sacrificantes às quais estava exposto. À medida que seu cargo muda na organização, altera-se também sua relação que Jean com a droga. Enquanto encarregado de setor e trabalhando sob melhores condições ambientais (trabalho de escritório, em parte) a heroína não se torna mais eficiente. Então, ele busca meios de manter-se “limpo” (por via do tratamento na clínica, por exemplo) para não ser prejudicado no trabalho. Nesta situação, já se destaca a relação que se busca aprofundar: uso de drogas – trabalho. Também cabe salientar a relação que Jean estabelece com o próprio trabalho: o trabalho é algo de grande importância em sua vida, pois ele sempre trabalhou, mesmo nas situações mais difíceis da dependência. Para não ser prejudicado na atividade laboral, ele se veste de forças para diminuir e, mesmo, interromper o uso da heroína.

Jean esteve por um período de três meses internado em uma comunidade terapêutica para desintoxicação. No entanto, ele não fornece mais detalhes sobre essa experiência. Aliás, não apenas sobre essa, mas também sobre outras situações que nos permitiria adentrar de modo mais aprofundado nas análises aqui tecidas. As entrevistas com Jean vinham em um contínuo, no qual ele se abria aos poucos, cada vez um pouco mais. Porém, tivemos de interrompê-la devido à finalização de meu estágio de sanduíche na França. Findamos os encontros pela necessidade cronológica do término do trabalho, mas não pelo esgotamento de suas histórias (fato semelhante ocorreu nos recolhimentos das histórias dos sujeitos brasileiros, que contarei mais adiante). Há também que se considerar o peso cultural que interferiu nesse processo: Jean é francês, cultura, em linhas gerais, marcada por um comportamento mais reservado quando comparado ao brasileiro, por exemplo. Além disso, apesar de Jean estar em tratamento na clínica, ele não estava em psicoterapia. Seu tratamento era psiquiátrico, ligado principalmente à administração de um medicamento, a metadona. Assim, não era um processo comum para ele falar sobre sua história. Este foi um processo lento, gradual. Soma-se a esta situação minha condição de estrangeira, o que cria barreiras, seja em meu entendimento de questões diversas a mim no que tange à cultura, seja, mesmo, na dificuldade associada ao idioma.

9. AS HISTÓRIAS BRASILEIRAS

Recém-chegada da França, encontro-me diante da necessidade de recolher as histórias no Brasil. As dificuldades encontradas para a realização da pesquisa em algumas clínicas da saúde pública brasileira de atividades semelhantes às aquelas desenvolvidas no *Boucebeci* acabaram por criar a ocasião para que eu chegasse até os Alcoólicos Anônimos (AA).

O contato com o AA ocorreu em agosto de 2013, por telefone, via escritório geral de Belo Horizonte. Logo na primeira ligação, fui convidada a ir até lá pessoalmente para conhecer e saber mais sobre o grupo e suas atividades. Foi o que eu fiz, exatamente naquele mesmo dia, tendo sido muito bem recebida, inclusive com “carta branca” tanto para realizar minhas entrevistas naquele espaço como para abordar os sujeitos interessados em participar da pesquisa.

No Brasil, ao contrário da França, as pessoas, de modo geral se mostraram interessadas em participar. Muitas queriam me contar suas histórias. Comecei o trabalho com aqueles com os quais tive os primeiros contatos logo que cheguei. Conheci em maior e menor profundidade as histórias de quatro pessoas: Rita, Rui, Jorge e Carla. No entanto, abordo nesta tese apenas a história de duas delas: Rita e Rui. Com os demais sujeitos não foi possível atingir recolhimentos aprofundados de história de vida. Com Carla realizei apenas uma entrevista e com Jorge, três. Pelas dificuldades deles em relação ao tempo e disponibilidade para entrevistas, não foi possível dar continuidade às entrevistas e, assim, conseguir o aprofundamento necessário à um recolhimento de história de vida. Por este motivo, deixo de apresentar suas histórias aqui.

9.1 Os Alcoólicos Anônimos

"Concedei-nos, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos, e sabedoria para distinguir umas das outras". (Oração da serenidade¹⁵)

O Comitê de Área dos Alcoólicos Anônimos, ou ESL / BH - MG, cuja sede abarca a representação do grupo no estado de Minas Gerais, é o local onde são realizadas as atividades de coordenação e planejamento geral, assim como as reuniões do Comitê Trabalhando com os Outros (CTO), que tem por finalidade organizar, estruturar, padronizar e facilitar a divulgação da mensagem de AA à comunidade em geral, de modo que as pessoas saibam o que representa o grupo e possam ser ajudadas. O CTO volta-se, em suas atividades, à "estratégias de comunicação", que visam tanto a um trabalho externo, que busca tornar o AA conhecido na comunidade, como a um trabalho interno, que objetiva conscientizar os membros para que busquem concretizar o máximo de suas possibilidades dentro das Comissões (fonte: <http://www.alcoolicosanonimos.org.br>). Para tanto, são realizadas reuniões semanais com temáticas diversas, ligadas ao trabalho do grupo, e a assuntos de interesse dos membros de AA em geral.

Participam do CTO representantes dos diversos distritos, que correspondem a representações dos grupos locais de AA de determinada região. A unidade básica em AA é o grupo local, autônomo, que pode ser tanto de um bairro como de uma cidade. Os grupos são democráticos, com "comitês de serviços" de mandato de curta duração. Nenhum grupo de AA tem uma liderança permanente (fonte: Informativo "Alcoólicos Anônimos em sua Comunidade"). Sobre essa questão da liderança, Rui ilustra:

¹⁵ A oração da serenidade é a prece invocada no início de todas as reuniões dos grupos de grupos de AA.

Aqui nós trabalhamos com regime nenhum de chefe. Nós não cumprimos ordem. Nós cumprimos metas, e eu me ofereci para executar. E esta prestação de contas é feita numa plateia, que tem que ter consciência, que nós denominamos consciência coletiva, que vai julgar, que vai dar o parecer final.

Rui descreve também, em uma de nossas entrevistas, a organização burocrática e os encargos na Irmandade:

Nós temos, por exemplo, um custódio. O que é um custódio? É custodiar a região nordeste, por exemplo, em todas as ações que eles precisarem de ajuda, de defender alcoólicos anônimos em outras atividades. Os grupos Rio, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo. Este custódio, ele, vamos chamar assim, é o servidor de confiança que representa AA no seu todo em termos de serviço. Ele foi eleito para isso. Abaixo do custódio tem o delegado, abaixo do delegado tem um coordenador de área, e tem um diretor administrativo. Diretor administrativo é empresa. Coordenador de área é grupos. Quando os grupos têm problemas, eles recorrem ao coordenador de área pra resolver. Aí, diz assim, nessa tradição, fazer pelo grupo, o escritório fazer pelo grupo o que o grupo não pode fazer. Porque o grupo, ele não tem nenhuma condição jurídica. O escritório é uma empresa jurídica pra resolver os problemas que o grupo não pode resolver. É uma estrutura muito delicada, muito bem feita. Existe um relatório mensal de todas as atividades do AA no Brasil: prestação de contas dos escritórios para o grupo. Outra coisa muito importante em AA, Alcoólicos Anônimos: têm lá a Junta Nacional de Alcoólicos Anônimos do Brasil. A maior autoridade em Alcoólicos Anônimos é o grupo. Não é o escritório nacional, não; o grupo manda. Manda, não; ele dirige o distrito, dirige o setor, dirige a área e dirige a Conferência Nacional dos Serviços Gerais. Conferência Nacional dos Serviços Gerais determina em votação uma consciência nacional: O que é que a junta deve fazer? Tem a junta de custódia, tem o escritório de serviço gerais no Brasil. (Rui)

Alcoólicos Anônimos é uma irmandade mundial, composta por homens e mulheres que compartilham suas experiências sobre sofrimento e recuperação do alcoolismo. Assim, ajudam-se mutuamente a manter a sobriedade. A irmandade começou nos Estados Unidos e hoje está em aproximadamente 180 países. O AA preocupa-se com a recuperação pessoal e a contínua recuperação individual de quem procura ajuda na irmandade.

O programa de AA baseia-se na sugestão de "Doze Passos", que consistem em um grupo de princípios, de natureza espiritual, "que se praticados como um modo de vida podem expulsar a obsessão pela bebida e permitir que o sofredor se

torne íntegro, feliz e útil” (OS DOZE..., 1953, p. 11). Estes compreendem: “1º passo - Admitimos que éramos impotentes perante o álcool, que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas; 2º passo - Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade; 3º passo - Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos; 4º passo - Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos; 5º passo - Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano a natureza exata de nossas falhas; 6º passo - Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter; 7º passo - Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições; 8º passo - Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados; 9º passo - Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem; 10º passo - Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente; 11º passo - Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade; 12º passo - Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades” (OS DOZE..., 1953).

Além dos “Doze Passos”, há também as “Doze Tradições”. Estas dizem respeito à vida da própria irmandade, delineando os meios pelos quais o AA mantém sua unidade e se relaciona com a sociedade em geral (OS DOZE..., 2012). Estas são as seguintes: “1ª tradição - Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de AA; 2ª tradição - Somente uma autoridade preside, em última análise, o nosso propósito comum, um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar; 3ª tradição - Para ser membro de AA, o único requisito é o desejo de parar de beber; 4ª tradição - Cada Grupo deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros Grupos ou a AA em seu conjunto; 5ª tradição - Cada Grupo é animado de um único propósito primordial, o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre; 6ª

tradição - Nenhum Grupo de AA deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de AA a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem de nosso propósito primordial; 7ª tradição - Todos os Grupos de AA deverão ser absolutamente autossuficientes, rejeitando quaisquer doações de fora; 8ª tradição - Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar funcionários especializados; 9ª tradição - AA jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém, criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços; 10ª tradição - Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias à Irmandade; portanto, o nome de AA jamais deverá aparecer em controvérsias públicas; 11ª tradição - Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes; 12ª tradição - O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades”.

É importante destacar que no AA não existem posições de autoridade sobre o outro e nem governo central na organização que determine as regras. A unidade e a eficácia do grupo e suas atividades mantêm-se em razão deste conjunto de princípios, baseados em tradições e não em aparatos legais (OS DOZE..., 2012).

Rui acrescenta:

Olha, tudo que você faz na vida, não interessa pra que e nem por que, você tem que obedecer a alguma coisa. Aqui chama-se princípios. Tenho o hábito de dizer em reuniões, aqui ninguém manda, todos obedecem. Mas não é assim. Aqui todos obedecem às tradições (Rui).

O AA surgiu nos Estados Unidos, em 1935, quando dois sujeitos (um corretor da bolsa de Nova Iorque e um médico de Ohio), ambos com problemas de alcoolismo, decidiram criar uma comunidade de entreatajuda para apoiar aqueles que também apresentavam problemas com a bebida e desejavam se manter sóbrios. A essência da “cura” em AA está no compartilhamento das experiências, que ocorre

pela conversa. Rita relata em uma de nossas entrevistas sobre a história do grupo que os fundadores do AA começaram a conversar e a contar sobre seus problemas. Daí perceberam que enquanto estavam conversando sentiam-se melhores, acolhidos e que não estavam bebendo. Surgia, assim, a semente do trabalho que hoje ocorre nos grupos locais. “O coração de AA é um alcoólico levando a mensagem a outro alcoólico” (fonte: <http://www.alcoolicosanonimos.org.br>).

9.2 A história de Rita

“Você fez eu voltar né, na minha infância. Têm coisas boas, né... e aquela pobreza, aquela infância, aquelas mininaia... Você fez eu andar descalço lá terreiro da minha casa, no barracãozinho... e fez eu voltar às ruas. Você fez eu voltar... aonde que eu estou hoje, né (Rita).

Minha primeira entrevista com Rita ocorreu no final de agosto de 2012. Acompanhei-a até dezembro deste mesmo ano, quando encerramos as entrevistas pela necessidade de fechamento da tese, e não pelo esgotamento do assunto em si. Rita é bastante aberta e colaborativa nas entrevistas e se mostra corajosa para relatar sua história. Realizamos no sete encontros, que marcávamos com intervalos de quinze dias, aproximadamente. Assídua às entrevistas, faltou em apenas uma delas, no dia que estava se mudando de casa.

Rita tem 48 anos e participa do grupo de AA devido à sua questão com o alcoolismo. Com sérios problemas com a bebida alcoólica, agravados por volta dos 17 anos quando foi expulsa de casa, Rita relatou que mantém-se sóbria há onze anos, período no qual começou a frequentar as reuniões do AA. Atualmente, executa serviços gerais em uma empresa, há aproximadamente um ano, mas a principal atividade profissional ao longo da maior parte da sua vida foi a de empregada doméstica. Logo que começamos as entrevistas, Rita disse uma frase

que irei sempre lembrar: **“Os alcóolatra são os melhores trabalhadores”**. Pensemos melhor sobre esta relação ao longo da análise de sua história.

Rita é a mulher mais velha de uma família de dez filhos e a sétima filha pela ordem de nascimento. De origem simples, pai alcoólatra e mãe também com costume de fazer uso de bebida regularmente, conta que começou a beber ainda criança, pois no Natal o pai dava um pouco de vinho para os filhos, para que eles não “aguassem”.

Aí, eu lembro que meu pai comprava um garrafão de vinho. Todo ano no Natal ele comprava um garrafão de vinho e dava nós um pouquinho só, meio dedo, pra nós não aguar. Aí, então, quando chegava assim o Natal eu ficava naquela euforia, não pelo Papai Noel, pelo presente, é pela aquela dose de vinho que ele ia me dar. E ele me dava aquela dose, eu já ficava, assim, programando: “Nossa, faltando ainda 365 dias”. **Numa cabeça de uma criança, né?! “365 dias pra mim tomar um vinho de novo”** (Rita).

Depois, começou a beber mais do que aquele vinho do Natal, principalmente na adolescência. Bebia na escola, quando ia para o colégio. Bebia vodca com groselha porque não dava “cheiro nem gosto”. Aos 17 anos, teve uma “gravidez indesejada”, como conta, e o pai, por não aceitar aquela situação, expulsou-a de casa. Viveu um tempo na rua, período em que seu vício com a bebida intensificou-se fortemente: “E o meu pai vai e me colocou pra fora de casa. Eu, grávida, na rua, aí, bebi. Aí, fui bebendo, bebendo.” Seu período como moradora de rua durou até o momento em que foi para o hospital dar a luz ao bebê. Em sua condição de moradora de rua e de alcoólatra, passou muito mal para ganhar o bebê. Foi levada por policiais ao hospital. No hospital disseram-lhe que o bebê nasceu morto. Sem a chance nem ao menos de ver seu filho, Rita acredita na possibilidade de seu bebê ter sido levado e de não estar morto, segundo a história que lhe contaram. Recusou-se até mesmo a dizer o nome do hospital na entrevista. Neste hospital, após passar por uma cirurgia de cesariana no parto, Rita conheceu Lúcia, a mulher que viria a ser sua futura patroa, que a acompanhou no hospital naquele momento. Lúcia sensibilizou-se com o caso de Rita e resolveu acolhê-la em sua casa, oferecendo-lhe um trabalho como empregada doméstica.

Rita descreve esse episódio:

Porque eu acho que quando eu fui internada eu morava na rua. Como é que eles iam me dar uma criança e eu voltar pra rua com criança no colo? Aí, foi aonde que eu conheci minha patroa, né. Minha patroa tava lá. Tinha levado num sei quem na época lá no hospital. Aí, eu tinha recebido alta e ela falou assim: "Essa menina vai pegar uma infecção na rua". Aí, ele [um policial] falou assim: "**Então, leva pra você**". Ela falou assim: "Eu vou levar ela comigo". Aí, perguntou pra mim se eu queria morar com ela, trabalhar, ter um salário. Hoje, agradeço muito a Deus, porque tudo que eu passei Deus sempre me amparou, que mesmo eu morando na rua, eu nunca fui abusada sexualmente. Bebia muito, né, apagava, porque a minha fuga ali no momento era o alcoolismo. Grávida, não arrumava emprego. Então minha fuga era o alcoolismo, e na rua, porque a pessoa que mora na rua é triste demais. Hoje, se for pra mim morar na rua, acho que vou morrer, porque eles tão tacando é fogo, né?! **Aí, essa minha patroa foi e me pegou**. Foi onde é que ela me acolheu (Rita).

Na casa de Lúcia, Rita trabalhou dos 17 aos 45 anos, aproximadamente, com intervalos nos quais se ausentou da casa da patroa (como quando estive em Santa Catarina, por doze anos, episódio que relatarei mais adiante). Enquanto trabalhou com Lúcia, Rita também residia na casa da patroa. Lá, após aproximadamente um ano de trabalho, ela engravidou novamente e deu a luz a Graziela, sua filha que hoje tem 28 anos. Rita é atualmente casada com um também membro de AA. Vive em uma casa, ela e o marido, em endereço próximo ao de Graziela.

Quando, há onze anos, foi levada até o AA, estava no "fundo do poço", não tinha mais disposição para trabalhar e bebia cada vez mais. Necessitava beber cachaça assim que acordava:

Então, meu organismo tava tão acostumado com aquela pinga de manhã que eu tinha que tomar. E eu coloquei na minha cabeça que a pinga de manhã, pra mim, era o meu remédio. Se eu tomasse um copo de leite, eu passava mal, tremia, vomitava, e a pinga, não. A pinga me dava aquele ânimo, sabe (Rita).

Algumas falas de Rita exemplificam bem sua relação com a bebida e com este momento de sua vida que antecede sua procura pelo AA:

Aí, eu lembro, Fernanda, que um dia eu fui tão humilhada também. Eu tava com o dinheiro no bolso, eu fumava, aí, eu cheguei no bar, pedi o moço lá pra me vender uma pitchulinha de pinga. Ele não vendeu essa pitchula de pinga pra mim. Sabe, é uma garrafinha de pinga. Eu falo pitchulinha. É aquela garrafinha de pinga. E ele não vendeu essa garrafa de pinga pra mim. Falou: **"Some daqui! Vai embora". Me tratou assim, como cachorro, lixo mesmo, porque a lata de lixo você põe ela pra dentro, né, e o bêbado você põe pra fora.** Aí, eu, com dinheiro, eles não me vendiam uma pinga. (...) Meus irmão tavam tudo muito chateado comigo, com a minha maneira de beber. Aí, eu não fazia nada do que aquilo que eu pensava. Aí, o pessoal chegava lá em casa e falava: "Oh, Dirceu, sua irmã tá caída lá em cima". Aí, meu irmão ia me buscar. Eu tava urinada, defecada. Meu irmão me pegava, me levava pra casa. Aí, foi aonde que um dia eu pensei assim: "Quer saber, eu vou dar um fim na minha vida". Que eu não tinha disposição pra nada. Eu não tinha disposição pra trabalhar, pra nada. "Eu vou dar um fim na minha vida". Aí, foi aonde que eu coloquei na minha mente aquele dia que eu ia enfiar debaixo de um carro. E a minha irmã apareceu assim do nada (Rita).

Foi nesse momento da vida de Rita que sua irmã a conduziu para o grupo de AA e ela começou seu processo de interrupção da bebida. Durante seus estados mais graves do alcoolismo, Rita passou por situações de roubos, brigas e agressões físicas trocadas com outras pessoas, principalmente durante a embriaguez. Era como se visse um monstro dentro de si, em vista da agressividade de seus atos com os outros.

9.2.1 História profissional ou história familiar? - *"Os melhores profissionais são os alcoólatras. Os melhores"*.

Fazer tal separação na história de Rita é algo delicado. Afinal, sua história familiar e sua história profissional são esferas diretamente imbricadas. Não que elas não se relacionem na vida de outros sujeitos, até pelo contrário, mas na vida de Rita fazer essa separação, ainda que para fins de escrita e de organização das informações, é complicado, pois uma e outra se inter-relacionam direta e

continuamente. A natureza da atividade de trabalho de Rita contribui bastante neste sentido: empregada doméstica morando na casa da patroa. Além disso, uma de suas patroas, a mais marcante em sua trajetória, assume papéis em sua vida para além da relação laboral. Discutiremos a questão mais adiante.

O trabalho como empregada doméstica é a atividade desempenhada por Rita na maior parte de sua vida. Mesmo antes do trabalho na casa de Lúcia, ela já fazia alguns “bicos” como faxineira diarista. No entanto, o trabalho mais marcante, que é enfatizado diversas vezes na fala de Rita, é aquele realizado na casa de Lúcia, onde ela iniciou suas atividades após sair do hospital, quando teve seu primeiro filho. Antes disso, foi moradora de rua por um tempo, durante a gestação, e estudante.

Rita cursou até a 8ª série. Chegou a iniciar o segundo grau, mas foi expulsa, aos 16 anos, por perder aulas, falsificar a assinatura da mãe e dizer mentiras, dentre outros fatos. Foi a única dentre os irmãos a estudar em escola particular, em função de uma bolsa de estudos conseguida pelo pai e sorteada entre as filhas. Mas acabou perdendo a bolsa devido às atitudes comentadas.

O emprego como doméstica, inicialmente na casa de Lúcia, merece destaque. Rita morava na casa de sua patroa, mesmo local onde realizava suas atividades de trabalho. A relação de Rita com a patroa assemelha-se à de mãe e filha, na qual ela ocupava a posição de receber cuidados de Lúcia. A patroa, além de cuidar dela cuidava de sua filha, Graziela. Durante seu trabalho na casa de Lúcia, Rita passou por muitas indas e vindas. Saiu para morar em Santa Catarina onde ficou doze anos, em outras ocasiões, em outras cidades. Nesses períodos, Lúcia que acabou assumindo a maternidade da menina. Graziela chama, ainda hoje, Lúcia de mãe – “mãe Lúcia”. O nome da menina foi Lúcia que escolheu. Mesmo durante suas grandes crises com a bebida, insistia em mantê-la por perto e em preservar seu emprego. O vínculo empregatício formalizado só ocorre após algum tempo em que Rita já estava no emprego. Antes disso, trabalhava sem carteira assinada e recendo uma remuneração abaixo do que lhe era de direito. Todavia, não via como injusto, pois tinha a casa e a comida, além do afeto da patroa, que lhe “tirou” da rua e a tratava como filha. Segundo Rita, a fala da patroa era: **“Eu tenho você como uma filha, não como uma empregada”**.

Dentre algumas idas e vindas da casa de Lúcia, quando Graziela contava com dois anos de idade, aproximadamente, Rita resolveu mudar-se de Belo Horizonte. Em conflitos com os patrões, devido ao uso abusivo do álcool, ela não aguentava o controle do patrão, marido de Lúcia: "Falei assim: 'Oh, você não é meu pai. [...] O senhor não é meu pai. Não vai me mandar e tudo". E o patrão respondia: "Mas você está na minha responsabilidade, [...] então vai ter que me obedecer". Rita resolveu partir com uma amiga para o Sul e deixou Graziela aos cuidados de Lúcia, que pediu para ficar com a menina. Rita pensou: "Ah, já que essa menina tá bem agora, cuidada, vou viver minha vida".

Sem rumo na vida, "como folha seca no vento", como descreve, e de carona com um caminhoneiro, Rita chegou sozinha (pois no meio da viagem a amiga desistiu e voltou para Belo Horizonte) a uma cidade do interior de Santa Catarina. Ao chegar, Rita encontrou então Célia que, comovida com a história criada por Rita sobre como foi parar lá, convida-a Rita para trabalhar em sua casa como doméstica. Em condições de trabalho semelhantes àquelas vividas na casa de Lúcia, como falta de pagamento adequado, ausência de registro em carteira de trabalho e residindo na casa da patroa, Rita permaneceu por doze anos nesse emprego. Célia era casada e tinha três filhos. Rita assumiu assim as tarefas domésticas do lar e de babá das crianças.

Eu tava na estrada há uma semana, mas não tava procurando ninguém, não. Aí, ela pegou e conversou comigo, [...] essa mulher falou assim comigo: "Ó, Rita, ó, eu não tenho condições de te pagar porque eu sou..." Ela era costureira. "E eu já ganho pouco. Eu não tenho condições de pagar, não. Mas se você quiser ficar lá em casa um tempo..." (Rita).

Neste emprego Rita desenvolveu uma relação patroa/mãe, patrão/pai, empregada doméstica/filha, bastante similar àquela construída na casa de Lúcia. Passados doze anos, Rita resolveu voltar para Belo Horizonte. Em sua volta, reencontrou a filha que a reconheceu. Contou que estava em um bar, bebendo para tomar coragem de chegar à casa de Lúcia e rever a filha. E a filha a reconheceu ali: "Você é a Rita? Sou sua filha". Disse que não era aquela a cena dos seus sonhos. Não queria que a filha a encontrasse num bar. **A cena que imaginava era a filha**

chegando, ela a esperando na cozinha da casa de Lúcia e esta dizendo: "Graziela, vai lá ver quem está na cozinha te esperando".

Nesse retorno, Lúcia acolheu novamente Rita, que voltou a trabalhar em sua casa, lá permanecendo cerca de doze anos.

Após uma saída difícil da casa de Lúcia, Rita começou a trabalhar em uma empresa, prestando serviços gerais de limpeza. Sobre as dificuldades relacionadas ao rompimento deste vínculo, Rita contou que todas as vezes que ia falar sobre a saída acontecia algum fato que a impedia de dizer. Em uma das vezes procurou a patroa para conversar sobre sua saída, encontrou-a rezando. Assim que começou a falar a patroa disse: "Estava rezando, pedindo para que você nunca me abandone". Rita disse que chegou a perder uma vaga de emprego porque não tinha coragem de dizer à Lúcia sobre sua vontade de sair, pois sempre que pensava em abordar o assunto Lúcia argumentava sobre o desejo de que Rita nunca a abandonasse. Certo dia, Rita toma coragem e disse à Lucia que ia sair do emprego. Lúcia disse para ela ir, mas que iria torcer para não dar certo, para ela voltar. Segundo relatou Rita, Lúcia chegou a passar mal após sua saída:

Aí, a menina tava lá fazendo a faxina. Disse quando escutou um barulho: "Ai". Ela chegou no quarto, tava caída lá [Lúcia]. Pegaram, arrumaram um álcool, passaram um álcool, levaram no médico. [...] Aí, o médico perguntou pra ela se ela tinha perdido alguém da família, e não sei o quê. "Ah, tinha uma pessoa que morava com ela sempre, saiu de lá agora." "Ah, então é saudade" (diz o médico) (Rita).

Em várias entrevistas, Rita ressaltou as dificuldades em sair da casa de Lúcia: "Eu deixei o emocional passar na frente. Eu gosto dela, eu amo ela tanto que eu não tinha coragem de deixar". As dificuldades de Rita em romper com este vínculo ligam-se a diversos fatores, mas prioritariamente, ao vínculo maternal que Rita estabeleceu com Lúcia:

Falei pra ela que se eu ganhasse na Mega Sena não ia sair da casa dela, não, mesmo sendo podre de rica. Mas procê ver como é a emoção, sabe,

então eu deixei falar muito na frente, porque é o carinho, o amor que eu não tive da minha mãe ela passou pra mim, e nós tivemos um elo muito forte nas duas, né? E amigas. Então, assim, eu deixei o emocional... (Rita).

Tais tentativas de rompimento ocorreram em diversos momentos da vida de Rita. São cortes que se dão processualmente. Antes da ruptura maior, representada pela saída recente para trabalhar na empresa, Rita deixou; de morar na casa da patroa (mas ainda continuou trabalhando lá), quando se casou com um companheiro de AA. Lúcia e o marido são padrinhos de seu casamento. Essa saída foi um corte difícil para Rita, que não queria casar, que queria só "ficar", sem compromisso sério. Foi pelo desejo do noivo que acabou concordando. Mesmo casada, prosseguiu o vínculo com a moradia, pois Rita foi morar no barracão dos fundos da casa da irmã de Lúcia, que ficava grande parte do tempo nos Estados Unidos e precisava de alguém que tomasse conta da casa. Assim, Rita morou ainda um tempo nessa condição, sem pagar aluguel, contribuindo com despesas de água e luz, e ligada, de certa forma, à patroa. A ruptura mais forte ocorreu mesmo na saída do emprego. No trecho seguinte Rita descreve essa dificuldade e, também, a precariedade de seu vínculo de trabalho:

Quando eu saí de lá, eu pensei que não ia aguentar aquele outro lugar, porque eu sentia muita falta. Por isso que eu falo, é todo dia, todo aí a convivência. Outro dia, eu fui, eu trabalhava lá na casa da dona Lúcia. **Era domingo e tava lá, férias. Eu tirava minhas férias, eu ficava lá.** Pessoal, fico assim "Gente isso não pode não, que na hora que uma morre...". Meu marido falava: "Na hora que uma morre, a outra morre atrás. Cê tem que desligar. Pode ser assim, não. Eu sei que você tem gratidão, cê gosta muito dela. Continue tendo muita gratidão, continue gostando dela, só que você tem que seguir seu caminho. Não pode ficar bitolada ali". Ah é porque me ajudou, foi ela que me estendeu a mão. "Não pode ser assim. Cê tem que seguir seu caminho. Tenho certeza que ela vai ficar feliz" (Rita).

Rita relata que mesmo em suas férias, ou finais de semana, ficava por perto, na casa de Lúcia, e chegava mesmo a trabalhar para a patroa, escondida do patrão que desabonava isso:

Eu trabalhei na dona Lúcia tantos anos! Eu nunca faltei no serviço, nem nas minhas férias. Eu ia pra lá domingo... eu ia pra lá. Ela ficava assim olhando o portão. "Que se o seu João (patrão) vir a senhora, fala, viu?" **E eu ia nas minhas férias, eu passava roupa, lavava banheiro pra ela lá.** (Rita)

Por que, Rita? (Fernanda)

Porque eu ia lá ajudar ela... [...] O meu patrão é muito certinho: férias é férias. E se acontece alguma coisa de eu cair no banheiro ali e machucar? [...] Aí, o Ministério do Trabalho vem e "ó" no meu patrão. Ela ficava assim olhando, eu limpava banheiro pra ela, passava pano em casa, passava a roupa, e nós fazia tudo escondido. Eu e ela, né? Aí teve até um dia que ele chegou lá e eu ta'va lá. Ele: "Uai! Que cê tá fazendo aí?". "Não, é que eu tava fazendo uma visita pra dona Lúcia" (Rita).

A patroa tinha problema de coluna. Por isso, Rita sentia-se responsável em ajudá-la na limpeza durante suas férias, mesmo com uma faxineira que ia duas vezes na semana. A patroa era obsessiva com a limpeza: **"doença, que tinha até que fazer tratamento, da limpeza que as pessoas têm que ter tudo limpinho"**.

Segundo Rita, o que o que a fez sair da casa de Lúcia foi uma vontade de crescer, de progredir profissionalmente: "É a melhora do emprego, porque onde eu tô Fernanda, eu posso estudar e crescer lá dentro. E o meu pensamento é esse, crescer".

Atualmente, Rita trabalha, há cerca de um ano, em uma empresa privada responsável pela manutenção dos veículos do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), realizando serviços gerais. Anteriormente, trabalhou por cerca de um ano em outra empresa, no cargo de assistente de cozinha e, posteriormente, como cozinheira (o primeiro emprego que teve quando saiu da atividade de empregada doméstica, na casa de Lúcia). Esta empresa fornecia refeições para hospitais e cadeias/presídios. Rita trabalhava dentro de um presídio, o que a desagradava, pois achava perigoso. Quando teve a oportunidade de mudança, deixou este emprego.

Em seu emprego atual, Rita desenvolve atividades ligadas majoritariamente à limpeza geral: limpeza dos banheiros, escritórios e outras acomodações. Trabalha na garagem, onde ficam estacionadas as ambulâncias e ocorre sua manutenção, como troca de óleo. Neste local trabalham cerca de 60 pessoas. Conta que: "era meu sonho trabalhar em empresa".

A relação de Rita com sua chefe atual, segundo seu relato, é mais madura e profissional que aquelas desenvolvidas outrora. No entanto, ainda hoje mantém alguns padrões das relações anteriores. Nesse sentido, relata situações que demonstram os sentimentos de afetos que nutre pela chefe, ligados a amizade, intimidade e, também, cuidados e atenção que recebe da chefe, que acaba atuando no imaginário de Rita como uma cuidadora.

Em uma de nossas últimas entrevistas, Rita relatou a possibilidade de mudar de função. Contou que a recepcionista seria promovida para trabalhar no Departamento de Pessoal e que ela seria indicada substituí-la na função, pois a empresa mantém a política de nessas situações valorizar e dar oportunidades aos funcionários da casa. Contou com muita satisfação esta notícia, pois é a primeira vez que terá a oportunidade de desempenhar atividades que não estejam ligadas a serviços de faxina e/ou cozinha. Ressaltou a expectativa de trabalhar de roupa social, salto, etc. No entanto, em nossa última entrevista, Rita relatou que sua promoção não ocorreu, pois como ela havia mudado de casa, o horário de trabalho do novo cargo não era compatível. Disse que “abriu mão” da oportunidade e que não estava tão triste pois “quis dar chance para a outra menina”, uma novata que entrou na empresa. Percebeu no relato deste acontecimento sua dificuldade: seja no enfrentamento do novo, seja talvez em assumir a frustração que pode ter sido a de ela não ter conseguido a promoção.

A mudança de casa foi narrada por Rita com grande entusiasmo. Dentre os motivos da alegria, ressalta, o fato de ter saído do aluguel e a possibilidade de estar mais próxima da filha, que agora é sua “vizinha de porta”. Contou que hoje mantém um relacionamento mais próximo com Graziela, pois quando ela era alcóolatra a filha tinha vergonha dela, não contava para os amigos que ela era sua mãe. Aprofundemos um pouco mais na história de Rita com sua família.

9.2.2 A família - "Eu era a ovelha negra da família"

Rita vem de uma família pobre e numerosa (dez filhos), pai alcólatra, mãe também envolvida em problemas com a bebida. Dos dez filhos, cinco ainda têm ou já tiveram envolvimento com o álcool. O pai veio da roça para ganhar a vida em Belo Horizonte. A mãe veio em seguida com os quatro filhos nascidos até então. Rita é a filha mais velha das mulheres e a sétima na ordem de nascimento. O pai era pedreiro e mãe cuidava dos filhos e da casa.

As lembranças da infância:

E que eu me lembro da minha infância nós apanhava demais. Que meu pai dizia e minha mãe ficava desesperada do meu pai e daquele jeito dele. Todo dinheiro que meu pai ganhava ia pro buteco... custava muito pra levar o alimento pra casa, passando muita necessidade. Não tinha roupa, não tinha sapato. A mãe, naquele desespero, né? Daí começa a beber também. [...] E minha mãe começou a beber cachaça (Rita).

Sobre a lembrança do "apanhar" na infância, Rita a remete principalmente à lembrança de sua mãe. O pai, mesmo alcólatra, era menos agressivo, como conta.

O aprendizado, assim, foi muito difícil... Nós sofria demais. [...] tinha dia que eu tava na escola, a professora ensinando, eu falei assim "na hora que eu chego em casa hoje, mãe vai me bater". Acho que minha mãe bebia demais. Minha mãe bebia e, sei lá, ficava violenta com nós dentro de casa. O meu pai, não, meu pai era calmo. O meu pai quando bebia, ele caía, urinava todo, mas dormia. E minha mãe era violenta (Rita).

A mãe a colocou para trabalhar ainda nova, em serviços domésticos, nas casas de outras pessoas. Rita recorda os fatos e os relata com a mesma reminiscência da mãe agressiva.

Quando eu tinha sete anos, minha mãe me colocava aí pra lavar panela, lavar roupa dos outros. Aí, teve um dia que eu cheguei em casa coçando a cabeça, né [...] nós era uma piolhada, uma bichaiada, era uma misera né. Aí eu lembro que eu cheguei em casa assim, coçando a cabeça: "Mãe, dona Madalena me bateu com a panela na cabeça." Minha mãe falou: "Porque ela te bateu?" "Ah, ela disse que eu não lavei a panela direito". "Bem feito! Cê quer apanhar mais?". E me dava mais panelada na cabeça (Rita).

Rita também aborda o medo que sentia da mãe, medo de chegar em casa após a volta da escola quando de uma nota ruim, medo dos pais alcoólatras, medo de como poderia encontrá-los: "O filho de alcóolatra cê sabe como é que é. Nós tamo ali na escola, mas nós tamo pensando como vamos chegar em casa e encontrar nossos pais. **Medo, medo de chegar em casa**".

Segundo Rita, sua mãe remetia a ela como a ovelha negra da família, quando da época de sua gravidez: "Que lá em casa minha mãe falava que eu era ovelha negra da família, quando eu engravidei". Este tratamento, essa tentativa de rebaixamento do outro, no caso de Rita, é também lembrado em relação a Lúcia, a ex-patroa, Rita contava que também era agredida nesse sentido: "você é pau torto. Não tem conserto". "Galho torto". Sobre a mãe, conta, ainda:

Desespero era aquela mulher nervosa. Tudo pra ela tava ruim. Tudo que eu fazia não tava bom. Chegava e falava que eu apanhei de outra pessoa, ela falava: "Bem feito". Tá entendendo? Que hoje, quando alguém bater na Graziela, eu vou atrás. Que a gente, né, quer defender as cria, mas pra minha mãe, não... Hoje eu entendo por causa do alcoolismo... [...] Então, e era assim. Não era só comigo, não; era com todos. Meus irmãos chegavam "Mãe, fulano me bateu" "Bem feito! Tem que apanhar mesmo. Cês não vale nada." E jogava essas coisas na cara da gente. Assim "**cês não vale nada. Eu não sei pra que que vocês foram nascer**" (Rita).

Os pais faleceram há cerca de doze anos. A mãe faleceu primeiro e o pai logo em seguida. Em ordem inversa, contou que quando o pai para de beber, ao entrar para os Alcoólicos Anônimos, a mãe interrompe também em seguida. Afirmou que o amor do casal era enorme.

Mostra-se ressentida e, por vezes, culpada por não ter perdoado o pai ainda em vida por ele a ter expulsado de casa e a mãe por não ter dito que a amava. Contou que carregou por muito tempo uma carta que a mãe lhe deixou antes de morrer onde dizia: "Minha filha, eu sempre te amei, desde quando você estava dentro de mim. Eu só não sabia demonstrar esse amor por você".

Dos irmãos dependentes químicos, disse que um deles é também viciado em cocaína e que isso a faz sofrer. Contou que o irmão homossexual só assumiu sua sexualidade após a morte dos pais e que sobrinhos também se assumiram da mesma forma.

Interessante destacar que Rita parou de beber um dia depois do aniversário de seu pai. Sobre seu período de alcoolismo, relatou que se sentia "**morta espiritualmente**".

Mas eu já estava morta espiritualmente. Aquela tristeza, aquela depressão que eu estava sentindo, aquele vazio, uma dor que eu sentia na alma, uma dor [...] sabe, aquela dor, aquele vazio, é porque eu tinha assim... É que nem eu falo: eu tinha morrido espiritualmente. (Rita)

9.2.3 As dependências: química, afetiva e laboral

A "morte espiritual" mencionada por Rita parece estar presente em sua vida não apenas nas cenas do alcoolismo, mas também em todas as outras nas quais ela se posiciona em situações de dependência, em destaque as familiares e as de trabalho, tão entremeadas em sua trajetória. Os vazios de Rita construídos na cena familiar são por ela preenchidos nessas duas situações: trabalho e bebida. Rita recorreu à bebida desde bem cedo, ainda na adolescência, como manejo para lidar com as situações que a ela se apresentavam na época. Certamente, os motivos relacionados a um caso de alcoolismo são altamente complexos e vão além das

relações que por ora apresento. No entanto, atendo-me aqui aos fatos trazidos por Rita e ao que me foi possível recolher de sua história nos encontros tivemos, o que não restringe nem diminui a análise aqui pretendida.

Para enfrentar as situações de violência vivenciadas em casa, Rita recorria à bebida. Além disso, ela repetia o modelo que vivenciava em casa, o dos pais alcoólatras. Era o modo de escape e de lidar com a vida que ela “aprendeu” enquanto criança diante das atitudes dos pais. Pode-se pensar, de certa forma, que não há um rompimento desse padrão. Ela repete em sua vida a história dos pais (talvez mesmo até como forma de obter o amor destes), e a repete também com sua filha. A situação de violência e de agressividade familiar é ampliada quando ela é expulsa de casa, o que a faz recorrer ainda com mais intensidade à bebida alcoólica. É importante destacar que a precariedade dos vínculos familiares de Rita é, em grande medida, reforçada nas problemáticas sociais: pobreza, falta de acesso à educação e a uma série de serviços básicos necessários a uma condição digna de sobrevivência. Família numerosa, miséria, desigualdades econômicas e sociais escancaradas e marcadas em Rita no serviço como doméstica (pela diferença entre sua condição e a condição da patroa Lúcia, que tinha boas condições econômicas financeiras), além de toda uma série de fatores que ainda balizam a maioria do povo brasileiro, são fortes colaboradores nas situações experienciadas por este sujeito em sua história. “Nenhum médico jamais me disse que a fome e a pobreza podem levar ao distúrbio mental. Mas quem não come fica nervoso, quem não come e vê seus parentes sem comer pode chegar à loucura” (trecho do filme “Bicho de Sete Cabeças”).

O trabalho como empregada doméstica era a possibilidade que estava ao mais fácil alcance de Rita em sua trajetória. Nela, Rita se deparou com uma patroa que se apresentou como a substituta, seja da mãe agressiva, seja da mãe pobre, pela oportunidade de oferecer-lhe condições de vida para além da miséria e da pobreza às quais ela estava habituada. Com todos esses ganhos, Rita se posicionou em uma situação de dependência na cena profissional, assim como a dependência da bebida. Era um vínculo precário, por todas as condições objetivas que o engendram (baixo salário, sem registro profissional em carteira de trabalho, moradia na casa dos patrões, sem gozo genuíno de férias, etc). No caso de Rita, ainda mais

precário, tendo em vista o vínculo afetivo que a mantém nessa situação. Tal vínculo afetivo aprisionava na situação de filha/empregada. A precariedade de seu vínculo seria, então, reflexo de sua precariedade também enquanto sujeito – sujeito frágil em relação à bebida e à condição de trabalho. Em relação a seu vínculo com o trabalho como doméstica, Rita ainda se mostra como uma criança que procura a mãe, que anseia por seu amor.

Nessa dinâmica, Lúcia se encaixou perfeitamente nos sintomas de Rita: assumiu o papel da mãe, levou Rita para casa e a aceitou como sujeito dependente (da bebida e na vida em geral). Essa dependência a atendia de certo modo, pois assim ela podia manter o vínculo com a filha/empregada doméstica. É como se no trabalho de doméstica Rita não tivesse a possibilidade de romper seus fantasmas infantis, ligados à dependência alcoólica e à situação de filha abandonada. Ela continuava a encenar a situação da filha na busca pelo amor da mãe. A manutenção dessa situação de dependência é corroborada por Lúcia. Por vezes, o que se percebe no discurso de Rita é um quadro em que as duas se misturam. É como se uma se apropriasse da vida da outra. Como exemplo, cita-se a filha de Rita, cujo nome é escolhido por Lúcia, assim como sua criação. Do outro lado, Rita relata um episódio que merece ser destacado:

Teve um dia que ela falou comigo assim: "Ó, Rita, nós vamos pra Lagoa Santa". Não, Sete Lagoas, que eles iam ser padrinhos de um pessoal que ia casar. Aí, tá. Foram. Só que na metade do caminho o carro do meu patrão estragou. Aí, na hora que ele foi descer, ele enfiou o pé na lama, e foi uma confusão. Ele falou: "Ó, Lúcia, vamos avisar que nós não vamos poder ir ser padrinhos, não, porque nós, carro estragado, nós tamo tudo sujo". Minha patroa já tinha molhado o cabelo dela todo que ela tinha arrumado no salão. "Então, vamos voltar". [...] E sabe o que eu fiz, Fernanda?! Eles saíram de casa sexta-feira e iam voltar só no domingo. Aí, eu peguei e falei assim: "Vou dar uma faxina nessa casa, que não sei o quê. Aí, vou tomar uma caipirinha". Peguei uma pinga, limão, açúcar, gelo e comecei a beber. Aí, eu fui indo, fui indo, me deu um fogão assim, sabe?! Um fogo, menina. Falei: "Você quer saber?! Eu vou descansar um tiquinho. Depois eu acabo o serviço, porque não tem ninguém em casa mesmo. Se eu não fizer hoje, eu faço amanhã". Pra você ver a irresponsabilidade. Aí, eu peguei, dormi. Quando eu acordei, eu tô escutando uma voz: "Rita! Ó, Rita!" **Eu tava dormindo na cama da minha patroa. Tinha vomitado a cama dela toda.** E a vergonha?! E ela lá falando: "Rita!" Quando eu abri o olho assim, ela falou: "Ó, Rita, que que tá acontecendo aqui em casa? Toda escura?" Isso aí era umas onze horas da noite. Quando eles chegaram, tava tudo aberto, sabe?! A porta da sala aberta, janela, e eu toda vomitada. Eu imagino. De vez em quando, eu olho pra ela com muita vergonha das coisas que aconteceu comigo no alcoolismo na casa dela, que ela nunca falou nada

comigo, não. Ela falou: "Ó, minha filha, vai tomar um banho". Aí, me levou no banheiro, me deu um banho, me deitou eu lá, minha cama lá. Não tocou mais no assunto. E a vergonha depois pra entrar dentro de casa?! Eu fui lá, um dia, falei assim pra ela: "Dona Lúcia, eu não vou ficar mais na casa da senhora, não. Eu vou embora". Ela: "Por quê? Eu te fiz alguma coisa, Rita?" "Não que eu não vou ficar aqui, não, que é vergonha demais, sabe?!" Porque na hora que abri o olho, tava ela, meu patrão e os dois filhos, fiquei sem sabê aonde enfiar a cara. Se eu falasse que não tinha bebido, a prova tava ali na cama dela, toda vomitada. O quarto tava exalando álcool. Aí, eu fiquei com muita vergonha. Ela falou: "Por quê? Eu te dei motivo pra você ir embora? Por que que você quer ir embora?" E ela teve essa paciência comigo e nunca tocou no assunto (Rita).

A cena em que Rita é encontrada dormindo na cama de Lúcia exemplifica bem essa situação de "mistura" da vida das duas e, mesmo, o desejo de Rita de se apropriar da condição de Lúcia. De outro lado, a cama também pode significar aconchego, o aconchego de mãe, da cama da mãe.

O atual emprego de Rita na empresa representa a possibilidade de rompimento desse vínculo, que a coloca em uma situação "menor". As condições concretas do trabalho em uma organização permitem a Rita maior profissionalização em sua atividade o que colabora para um corte em seu posicionamento de filha/dependente, afetiva e socioeconomicamente, como no emprego como doméstica. A possibilidade de crescimento hierárquico dentro da empresa é também um fator que corrobora nesse sentido. Ainda assim, nesta atividade, Rita mantém resquícios dos posicionamentos outrora construídos ao longo de sua trajetória, fato percebido quando ela descreve sua atual patroa e diz que elas têm um ótimo relacionamento, que são "como irmãs". De toda forma, mesmo com essa repetição, esta atividade é bastante significativa em seu processo de rompimento com as figuras paternas/patrões.

O trabalho no AA é uma atividade que merece ser bastante destacada na trajetória de Rita, pois é a partir dela que Rita para de beber. A interrupção da bebida, a saída da dependência química, está correlacionada à saída do seu posicionamento de dependência de filha e se inicia nesta experiência. Sobre os mecanismos relacionados ao AA que contribuem para melhorar o quadro de dependência química, podem-se citar vários. No entanto, ater-me-ei aqui nos pontos

que se relacionam ao objeto de investigação desta tese: a troca estabelecida no grupo e a atividade de trabalho desempenhada por Rita nesta instituição.

As trocas no grupo de alcoólicos anônimos são os momentos em que Rita tem a possibilidade de estabelecer relações mais genuínas com seus pares, seja pelo compartilhamento de experiências similares, seja pela autenticidade de expressão que é permitida neste espaço. Nessas condições, é possível inferir que Rita se estabelece ali em espaços públicos da palavra. Este espaço é também onde Rita desenvolve ainda hoje parte de suas atividades profissionais. Na sede do AA de Minas Gerais, membros de grupos de AA estão envolvidos em diversas atividades profissionais ligadas ao desenvolvimento desta instituição e baseiam-se para o desenvolvimento destas atividades em preceitos da autogestão. É nestes espaços (como trabalhadora no AA, como membro de AA e no trabalho na empresa) que Rita inicia e dá continuidade ao seu processo de rompimento com a bebida alcóolica e com Lúcia, pelo fim do emprego de empregada doméstica e da posição infantil mãe-filha engendrada nesta situação. A conquista da autonomia de Rita se constrói em sua busca de rompimento com estas três situações, que estão diretamente interligadas:

Saída da posição infantil ↔ parar de beber ↔ mudança de emprego

Por fim, sobre a colocação de Rita de que: “os alcoólatras são os melhores trabalhadores”, há uma gama de possibilidades de reflexões a respeito. No caso dela, o que faz ser a “melhor trabalhadora” se relaciona à sua dependência (química e afetiva), que, por sua vez, está ligado à sua busca de amor e de reconhecimento, busca essa que engendra na cena laboral. Nesta posição, ela irá dar “tudo de si” para obter amor e reconhecimento, ainda que essa busca a mantenha em sua posição de dependência e submissão, seja aos patrões, seja à bebida alcóolica.

9.3 A história de Rui

“Porque, você perde uma casa, por exemplo, você perde dois carros, você perde uma empresa, você perde o convívio familiar, você perde os amigos, **você perde você na multidão**” (Rui).

Conheci Rui na sede do grupo AA, no final de agosto de 2012. Contei-lhe sobre minha pesquisa e Rui expressou prontamente seu desejo em participar. Devido à sua disponibilidade de tempo, realizamos as duas primeiras entrevistas em sábados, na UFMG. Já os encontros seguintes ocorreram na própria sede do AA, em intervalos que variaram de semanais a quinzenais, em geral, segundo nossas disponibilidades. Tivemos no total seis encontros, nos quais realizamos o recolhimento de sua história de vida. Nossa última entrevista ocorreu em dezembro de 2012.

Rui tem 73 anos de idade. Frequenta o grupo de Alcoólicos Anônimos devido à sua dependência de álcool, que durou cerca de 22 anos. Começou a fazer uso de bebida alcóolica aos 24 anos, aproximadamente, mais especificamente após seu casamento. Conta que anteriormente não bebia e que foi após casar-se que iniciou o hábito de ingerir bebida alcóolica:

Até 1964 eu não bebia nada, nem cerveja. Bebia refrigerante só, exclusivamente, e água. Não sentia necessidade de beber, e meus colegas da época ficavam assim: ih, você tá parecendo (até me chamava dum termo...) seria, então você é fresco. Fresco é como se fosse um viado hoje. Ah isso, aquilo. Aí eu falei assim: “o dia que eu casar eu vou beber e vou fumar” (Rui).

Rui estudou até o quinto ano do então, na época, curso de admissão. Possuidor de boa condição econômico-financeira, atuou na maior parte de sua trajetória profissional no ramo autopeças. Trabalhou como empregado em lojas desse ramo e chegou ao cargo de gerente. Como gerente, no ápice da sua carreira

na empresa onde trabalhava, saiu deste emprego e montou seu próprio negócio. No caso, também uma loja de autopeças. Alcoolista também durante o trabalho no período em que ele adquiriu sua própria loja, Rui viveu seus momentos de uso mais abusivo da bebida. Desses momentos resultou até mesmo a perda da própria loja, que ele se viu obrigado a vender, pois com a intensificação do vício acabou ocorrendo também o abandono do trabalho. Imerso em grande dificuldade financeira, decorrente da perda da empresa e de outros bens, resultado do agravamento do quadro de alcoolismo, sua mulher, que até então se ocupava das atividades domésticas, passou a trabalhar fora de casa para o sustento da família. As repercussões deste período também atingiram os filhos, que saíram da escola particular para estudar na escola pública. Nessa ocasião, Rui permanecia praticamente todo o seu dia na rua bebendo, em bares e, principalmente, com moradores de rua, que se tornaram nessa época suas companhias preferidas.

Eu bebia, vamos chamar assim, entre aspas, social. Depois, eu passei a beber 50% social, 50% fora. Depois foi pra 60, 70, 80, 90, 100 por cento. Quando eu passei pra 100 por cento, tudo que eu havia construído em vinte, vinte e dois anos, eu perdi em seis anos ou menos de seis anos. Eu perdi tudo, tudo, tudo! Eu tinha uma empresa. A primeira coisa que eu fiz pra me sentir mais tranquilo, pra ficar nos bares, foi vender a empresa. E o dinheiro sumiu. Quando o dinheiro sumiu, acabou, eu comecei a vender as coisas de valor. Aí, vendi carro, vendi casa, vendi objeto, vendi... Tudo que eu tinha de valor foi vendido. Aí, passei a não fazer nada, a ficar no botequim o dia inteiro. A minha mulher nunca tinha trabalhado. Ela assumiu toda a responsabilidade da casa. Ela voltou a trabalhar. Meus filhos estudavam no Colégio Batista, eles passaram a estudar na escola pública. Minha mulher foi ser sacoleira. Manteve a casa durante o período todo que eu vivi na rua [...] Então, eu passei a beber com os mendigos que ficavam na Rua Mato Grosso. Sentava com eles dentro daquelas cabanas que eles faziam. Eu ainda tinha um carro. Eu colocava as coisas no porta-malas, chegava ali, abria o porta-malas e tirava cachaça, uísque, salgado, tudo. Sentava com eles no chão lá e comia as porcarias que eles faziam lá, do mesmo jeito. Vivia uma vida, pra te dizer com toda sinceridade, a que eu mais gostava, que era estar sob o efeito da bebida e viver com eles. Não é diminuindo não, é colocando igual a eles mesmo. Eu falo mendigo, mas é uma verdade mesmo (Rui).

Nessa época mais crítica, sua esposa, que, segundo ele, até então não criava muitos atritos, começa a se queixar. Um certo dia, avisa-lhe que iria sair de casa e levar os filhos caso ele não parasse de beber: "Então, eu fui vivendo uma vida. Uma época, ela chegou perto de mim e falou comigo assim: "Eu quero falar com você

pela última vez. Não se assuste se um dia você chegar em casa e não nos encontrar mais" (Rui). A partir desse momento, Rui iniciou seu processo de interrupção da bebida.

No dia 7 de setembro de 1986, eu saí de casa sete e meia da manhã. Minha mulher falou assim: "Ó, você vai ali comprar pão e leite pros meninos tomar café de manhã". Eu fui. Ela me deu dinheiro e eu fui. Sabe que horas que eu voltei? Dez horas da noite. Esse dia foi o dia que eu mais tive medo de chegar em casa e não encontrar ninguém. [...] Cheguei, abri o portão, abri a porta, entrei com a luz apagada e sentei na entrada da porta. Tinha uma poltrona ali, me sentei ali. A hora que levanto a cabeça assim, eu vejo no escuro uma imagem de Cristo. Ele olhava pra mim e falava assim: "Não tenho nada com isso, não. O problema é seu". Então, ele me deu naquela hora ali um susto tremendo. Pô, ele parece pra mim aqui e fala que o problema é meu. Aí, veio logo assim na cabeça: "não vou beber mais não". E fiquei ali refletindo, refletindo e comecei a sentir que estava sozinho. Meia hora depois a porta abre e minha mulher entra com os filhos. Aí eu tive um alívio: "Graças a Deus ainda não perdi família". [...] Começou uma mudança da minha vida e na minha vida a partir daquele momento. E fiquei sentado refletindo, refletindo. Quando foi determinada hora da madrugada, levantei e fui dormir. Tomei um banho e fui dormir. No outro dia cedo, que era uma segunda ou terça-feira, sabe onde eu estava sete e meia da manhã? No bar. A hora que eu ia tomar a primeira dose que eu lembrei que eu tinha prometido pra mim que eu não ia beber mais. Inventei uma desculpa qualquer e não bebi. Não me pergunte o que aconteceu nesse dia que eu não sei. [...] E nessa perturbação mental as coisas começaram, como se diz, começou a arrumar a casa, mas deu uma organizada de maneira tão grande que eu fui descobrindo, fui descobrindo. Graças a Deus eu não tive essa intenção que outros já tiveram e, "pá", acaba com a vida e, pronto, acabou (Rui).

O ponto chave nesse processo ocorreu quando Rui, que costumava frequentar um Centro Espírita Kardecista, mesmo na época em que bebia, recebeu, em visita a este Centro, uma mensagem de um médium que o aconselhou a procurar pelo grupo de Alcoólicos Anônimos.

E mesmo quando eu bebia, eu gostava muito de ir no Centro Espírita Kardecista, toda quarta-feira. E as coisas começaram a mudar minha a partir daí. Nessa quarta-feira, após eu ter falado que eu não ia beber mais, na hora que eu tava entrando no centro, o médium, que era o médium que coordenava, disse: "Ô, num entra não que eu preciso falar com você". A primeira coisa que deu na cabeça: Será que eu fiz alguma coisa errada? Aí, terminou a conversa, e ele falou comigo desta maneira: "Olha, eu quero te passar uma informação que a partir de hoje eu não quero ver você mais aqui." Aí, eu assutei e falei com ele assim: "Uai, por quê? Que que eu fiz de errado?" Aí, ele falou assim: "Eu vou te explicar": Você hoje está recebendo um diploma sobre seu alcoolismo. Hoje, eu posso te contar tudo que estava acontecendo com você. Você foi escolhido para ter uma vida de alcoólatra.

Você passou por todas as experiências de vida sobre o alcoolismo. Quando eu disse pra você que eu não quero ver você aqui mais, você hoje vai procurar Alcoólicos Anônimos. O companheiro Pimenta já tá te esperando e ele vai te acompanhar". Companheiro Pimenta é um espírito desencarnado. Eu fiquei curioso e falei com ele assim mesmo: "Eu não contei nada pra ninguém que eu parei de beber. Como é que o senhor sabe?" Ele falou assim: "Depois você vai lembrar. Agora, tá muito tumultuada sua mente" (Rui).

Desde essa época Rui é frequentador de AA. Por sua inserção nos grupos de AA Rui consegue então afastar-se da bebida. Mesmo após a interrupção do vício, assim como Rita, ele continua até hoje um membro assíduo do grupo. Além da participação nos grupos de depoimento de história de vida, Rui também trabalha no AA, atualmente, atua no Comitê de Área ESL/BH-MG, que representa a sede regional do grupo no estado de Minas Gerais. Rui também desempenha atividades no CTO. Quando começou a se recuperar, foi se entusiasmando cada vez mais com o programa de Alcoólicos Anônimos. De todas as funções de serviço do AA, relata que há apenas uma que ainda não exerceu: a de custódio regional. As demais, foi passando como em uma escala: inicialmente, membro, depois servidor, que é formado no grupo, segundo ele, por meio de um processo chamado "**consciência coletiva**", que seria a verificação no grupo das capacidades administrativas e dos conhecimentos acerca do que é o AA do membro que pleiteia se tornar um servidor. Rui destaca que os servidores de AA trabalham em um esquema de nivelamento hierárquico, em que todos, independente da função que desempenham no grupo, tratam-se de forma igualitária: "Aqui ninguém manda e todos obedecem. [...] Aqui ninguém paga nada. **Aqui ninguém é mais do que ninguém.** São todos nivelados. [...] Então, fala do servidor, que ele não é autoridade. Ele foi eleito para servir, e não para dar ordens" (Rui). Além de servidor do AA, Rui atua como conselheiro da Secretaria Nacional de Drogas.

Conheçamos um pouco mais sobre a história familiar desse sujeito.

9.3.1 História com o álcool, história familiar – “Por que eu não tinha liberdade? Por que eu era tão vigiado?”

Rui nasceu em Nova Lima, no dia 6 de maio de 1939. Veio de família simples e numerosa: 11 filhos (ele é o quinto na ordem de nascimento). Lutavam com dificuldades, mas era uma vida alegre: “Uma vida muito alegre, muito divertida, mas com muitas dificuldades”. O pai trabalhava inicialmente como garçom. Depois, foi trabalhar em um hotel. Em decorrência disso, mudou-se com a família para Raposos.

Rui relembra a infância associada a afetos positivos e boas recordações, mas relaciona-a ao controle e vigilância dos pais: “**Eu tinha uma vida sobre os olhos dos meus pais**, e não era só eu não, todos os nossos irmãos”. Todos os irmãos obtiveram a formação superior, com exceção dele e do irmão mais novo. Ele não quis estudar. Preferiu trabalhar com automóveis (entra nesta atividade quando a família passou a viver em Belo Horizonte).

Recorda-se de que desde novo já assumia responsabilidades e que era vigiado para verificação da realização destas:

Então, eu já comecei com seis anos o começo de responsabilidade. Eu já tinha uma coisa que pra mim era uma alegria total: sair de Raposos, ir a Nova Lima buscar leite no lactário para as crianças. Fazia isso todo dia. E de Raposos a Nova Lima tinha um bonde. Quando não tinha energia, tinha que ir e voltar a pé. E a primeira vez que eu fui, o meu irmão mais velho foi **me vigiando**, sem eu saber. E eu cheguei em casa e meu irmão não chegou. Então, em vez de ficar com medo de eu perder, foi ele que perdeu. E aí eu começava, brincava com ele, **me sentia vitorioso** (Rui).

Os pais, pela fala de Rui, pareciam ser severos. As palavras *responsabilidade* e *respeito* são recorrentes em sua fala quando ele se recorda deste período de sua vida. Na infância/adolescência, já realizava algumas atividades profissionais, que serão descritas na seção seguinte, sobre a trajetória profissional. O dinheiro que Rui

obtia dessas atividades era integralmente entregue à sua mãe, que fazia o controle de seus gastos.

Aos 18 anos, ingressou no exército: “Aí é que eu passei a ser responsável por mim”, mas “sempre **respeitando os pais**”. Tinha muita vontade de servir ao exército, e nessa experiência começou a “conhecer algumas malandragens”. Conta episódios nos quais foi detido no quartel por fazer “muita bagunça: “Participar de uma bagunça era comigo mesmo”. Serviu doze meses o exército, e que desses em oito ficou detido, detenção que correspondia a ter de permanecer dentro do quartel. Mas essa penalidade não se concretizou totalmente na prática, pois Rui costumava pular o muro, sair para a rua e voltar apenas nas horas de revista da tropa. Ele relatou outras experiências nas quais burla o controle militar, seja por não cumprir penalidades, seja por realizar “travessuras” (de brigas na rua a diversos episódios de “molecagem” no quartel). Teve oportunidade de fazer carreira no exército, mas não sentiu interesse. Narrou um episódio de quando seu regimento foi convocado a ir em Goiás para ajudar a manter a ordem do local quando da posse do então presidente eleito João Goulart. Ele conta:

Foi manter a eleição, manter a ordem da eleição. Em vez de manter a ordem, nós mantemos a desordem. E de madrugada, nós estávamos fazendo a chamada Ordem Unida. Ordem unida é sair marchando. Ou cantava ou começava: “Um, dois, três, quatro”. E aí começava aquela bagunça, aquela balbúrdia (Rui).

Rui conta que sente saudades do exército e das coisas que aprendeu por lá. Comenta: “Olha, quanto mais o cara era filhinho do papai mais bobo ele era. E **quanto mais malandro era o cara, mais você aprendia com ele**”. “E o exército pra mim foi um aprendizado que até hoje eu sinto quanto foi importante pra mim. Eu mudei completamente”. Tudo que cê pensar de bagunça eu aprendei no quartel”. Quando serviu no exército, teve contato com colegas que utilizavam maconha, mas ele não fazia uso dessa substância.

O que costumava usar antes de se casar era o cigarro, mas, ainda assim, escondido dos pais. Este ele o experimentou ainda na adolescência, por volta dos 14, 15 anos.

Então, eu fumava escondido. Não era dos meus pais, não, era do meu irmão. Meus pais não podiam nem sonhar que eu estava fumando. Mas o meu irmão mais velho eu tinha muito respeito a ele. [...] Quatorze, quinze anos, então eu comecei a fumar perto dele, e ele não deixava eu fumar. Eu chegava em casa e escondia o cigarro no meio das pedras. Lavava a boca pra não ter cheiro de nada de cigarro. Mas não tinha aquele hábito constante de fumar. Fumava uma vez ou outra (Rui).

Na família de Rui o controle era rígido. Ele conta que jamais teria coragem de fazer em casa as coisas que fazia, por exemplo, no quartel.

A minha casa sempre foi uma casa de respeito total dos filhos, de obediência. [...] Até palavrões, quer ver, palavrões que você nem sabe o que é [...] O único palavrão que eu podia falar sem tá perto dos meus pais, falava com meus irmãos ou minhas irmãs é: "Vai assombrar porco".[...] Não teria a mínima coragem de fazer na minha casa, com os meus pais, com meus irmãos, o que eu fazia no quartel. E se meus pais ficassem sabendo, chamava minha atenção. Nunca levei isso pra dentro de casa. Como também a gente nunca levava pra nossos pais os problemas que a gente criava na rua. Brigas, por exemplo. Teve brigas homéricas (Rui).

Rui compara a criação que teve quando criança daquela praticada em sua casa com seus filhos e netos, esta última bem menos rígida que a primeira: "A vida de hoje dos filhos, eles não têm 1% de respeito e educação da minha época". Rui tem três filhos, três netos e um bisneto.

Sua esposa foi sua primeira e única namorada. A família da esposa era também rígida e bastante afeita às tradições da época. Ele conta do controle que sofria durante o namoro, em virtude desses valores:

[...] eu me lembro das coisas, como a minha namorada, minha primeira e única namorada. Era uma coisa tão diferente do atual que eu lembro de, às

vezes, reclamar: **Por que eu não tinha liberdade? Por que eu era tão vigiado?** [...] É, vigiado mesmo. Não poderia, eu e minha namorada, ficar sozinho na sala sem ter uma pessoa tomando conta. Mas isso era normal na época. Mas se não fosse isso, será que criava? Eu teria um amor que eu tenho até hoje por ela em função disso? É uma coisa com dificuldade de se aproximar, sem poder... Eu namorei, entre namoro e noivado, durante três anos. Só fui sair com minha esposa ou minha namorada pela primeira vez no dia 4 de outubro de 1964, após o casamento na igreja. Nem no civil não foi (Rui).

Rui não se aprofundou, ainda que solicitado por mim, nas relações e afetos que troca com a esposa e filhos. Em geral, enalteceu bastante a família, a família enquanto tradição, e sua importância na vida das pessoas em geral. Também comentou sua preocupação para que sua família guarde dele uma boa imagem. Sobre isso, falou também de seu desejo de que houvesse entre eles um convívio harmonioso. Disse que seu sonho é: "Ter uma vida de convivência melhor com a minha esposa, com meus filhos, com meus netos, com meus genros e noras, e com meu bisneto". Ao dizer "ter uma vida melhor", é possível inferir que a vida atual não é tão adequada, ou não é o tanto que ele gostaria. Também em um de nossos encontros ele conta com muito desgosto sobre a gravidez da neta solteira e adolescente, apresentando em sua crítica a essa situação um discurso machista e bastante conservador. De sua narração desse episódio é possível perceber conflitos em relação à família relacionados ao discurso da tradição que ele busca manter.

Do relacionamento com esposa, Rui disse inicialmente que ela raramente queixa-se de seu quadro de alcoolismo. No entanto, ao longo das entrevistas citou episódios nos quais conflitos eram aparentes. Por exemplo: "Um dia, na hora do almoço, eu ofendi minha mulher. Ela veio e cravou um garfo no meu braço. Depois ela ficou mais apavorada do que eu". Certamente, o período no qual Rui fazia uso recorrente da bebida foi um forte catalisador de discussões entre o casal. No entanto, ao escutá-lo, o que emerge em grande parte das entrevistas é que momentos de conflitos são comuns, talvez, muitas vezes, velados (seja de terceiros, seja deles mesmos). Nos relatos dos episódios da época do alcoolismo, contou em alguns momentos, que era mais feliz com a bebida do que em casa. É importante

lembrar que, conforme já destacado, o início do contato de Rui com a bebida ocorreu após seu casamento, como ele conta.

A esposa reclamava das ausências de Rui em casa, inicialmente devido ao consumo de álcool e posteriormente devido à frequência de Rui às reuniões de AA. Ele conta que a mulher reclamava: **“Você parou de beber, mas você não sai desse tal de AA. Não larga esse tal de AA.”** Até que um dia a esposa conheceu, em uma convenção de AA da qual participava em companhia de Rui, o grupo Al-Anon. Esse grupo consiste em uma associação de parentes e amigos de alcoólicos que, em reuniões de grupo, compartilham sua experiência. Nesse grupo, acredita-se, assim como no AA, que o alcoolismo é uma doença e que esta doença atinge também a família. Com base nessa concepção, num caso de alcoolismo não é apenas o sujeito que adoece: a família adoece também. Hoje, sua esposa, assim como o próprio Rui, é membro atuante deste grupo, participando não apenas das reuniões de depoimentos como também das demais atividades de trabalho desenvolvidas, como aquelas ligadas ao funcionamento da instituição e realização de palestras, dentre outras.

Sobre seu relacionamento com os filhos Rui diz pouquíssimo. Comentou sobre a idade deles (estão na faixa dos quarenta anos) e sobre seu desejo de ter com eles um bom relacionamento. Também comentou que sempre buscou falar abertamente com eles sobre o que passou enquanto alcoólatra. No entanto, ele não aprofunda na história ao abordar sobre estes afetos.

Voltemo-nos à sua trajetória profissional.

9.3.2 História com o álcool, história profissional – *“Mexia com mecânica, uma das profissões que mais se bebe”.*

O ramo de autopeças foi a principal atividade que Rui desenvolveu ao longo de sua trajetória profissional. Anteriormente, trabalhou como guia de cego e, em seguida, como telefonista de um estacionamento de automóveis, aos 14 anos (época em que parou de estudar):

Eu realmente parei com 14 anos, eu parei de estudar. Foi mais ou menos isso. Aí, arranjei um emprego melhor que ser guia de cego. Fui ser telefonista de estacionamento de automóveis. Esse estacionamento era na Avenida Afonso Pena, em frente ao hotel Financial. Atendia o telefone e chamava os motoristas. Se o passageiro ligasse de um automóvel, eu anotava o endereço do hotel e passava para o primeiro da fila. E tinha muitos que tinham seus motoristas preferidos, e falava: “Eu quero falar com 167, quero falar com o 14”. Falava sempre o número da placa. Eu sabia quem que era e passava... (Rui).

Posteriormente, trabalhou em uma fábrica de brinquedos, seu primeiro vínculo de emprego com “carteira assinada”. Logo após, trabalhou em uma indústria metalúrgica. Em 1955, Rui foi trabalhar na Loja A, na época a maior revendedora de uma marca específica de automóveis no Brasil. Neste grupo ele permaneceu a maior parte da sua carreira profissional, cerca de 25 anos, só saindo, em 1980, quando montou seu próprio negócio. Nesta empresa, Rui atuou principalmente na área de vendas, alcançando ao longo de sua trajetória profissional o cargo de gerente.

Eu trabalho no ramo de autopeças. Eu era empregado, depois fui gerente, depois eu fui dono e depois eu fui inimigo. Foi um movimento que quando eu descobri quem era eu, e eu assustei, eu era um mendigo realmente, porque eu fazia, do período que eu comecei, há umas etapas em que eu bebia, bebia, mas não tinha prejuízo de nada (Rui).

Rui conta que a bebida passou ao longo do tempo a fazer parte de seu cotidiano profissional. Do uso nos finais de semana, o consumo alcoólico começou, com a evolução do quadro, a ser frequente também em dias de semana, tornando-se usual em seu cotidiano de trabalho. Inicialmente, a bebida foi positiva em sua atividade, pois costumava beber com clientes, prática que, segundo conta, o ajudava bastante nas vendas e no relacionamento com a clientela.

Depois, eu levei a bebida pro serviço. Eu usava muito com os clientes a bebida para fazer boas vendas. E fazia realmente boas vendas. E aquilo era pra mim um ponto culminante. Eu angariava muitos clientes porque eu pagava bebida pra eles e eu participava, e aquilo foi tornando-se uma dependência sem precedentes.

[...]

O meu campo profissional quando eu fazia uso do alcoolismo pra mim era um incentivo. Por que incentivo? Eu trabalhava com os meus clientes, que me convidavam pra tomar alguma coisa sempre, de uma maneira é que ninguém percebesse [...] O cliente chegava e falava: "Ó, Rui, vamo ali comigo e fazer um orçamento?" Eu saía e ia para o botequim. Tomava a bebida, conversava e quando voltava, quando voltava de lá, chegava com a relação de peças que ele queria comprar. É o que era incentivo: eu motivava o cliente a fazer o negócio comigo por causa da bebida. Então, eu era um excelente vendedor. Nunca a bebida chegou a atrapalhar a minha atividade profissional. Atrapalhava no sentido que eu me afastava da loja e ficava muito, três, quatro vezes por dia num bar (Rui).

Nesse esquema, era o melhor vendedor e trabalhava em um ritmo intenso e prolongado de trabalho. Que quando estava sob o efeito álcool, costumava ter um excelente desempenho: **"Sob o efeito da bebida, eu trabalhava muito. Tanto é que com meu serviço, o meu patrão conseguiu montar três filiais, porque eu era responsável".** No cargo de gerente, tinha uma renda mínima de R\$10.000,00. Também destaca que no ramo de mecânica os trabalhadores fazem constantemente uso de bebida.

Eu tinha uma clientela. Eu trabalhava com loja de autopeças, peças para oficinas, e esse pessoal de oficina bebe muito. Então, o que ocorria? Eu saía com eles, ia pro bar, fazia negócio e fazia também uso da bebida. É... **eu tinha aquela alegria contagiante da bebida.** Eu era uma pessoa que eu bebia e ficava com mais velocidade da mente e tinha conhecimento de tudo. Eu tanto vendia para oficina mecânica quanto eu vendia pra loja de

acessórios. Eu chegava lá, dava sugestão para as pessoas. Noventa por cento, eu vendia. Então, eu não tinha problemas, tanto é que eu era o gerente da loja e eu era responsável por tudo o que estava acontecendo na loja, e o caixa, o faturamento da loja, nunca caiu, só subiu. **E eu era o hiper de venda.** Então, tudo que tinha lá era eu que resolvia. Mas foi agravando isso até chegar num ponto que eu trabalhava tonto e eu não tinha condições de atender mais as pessoas (Rui).

Com o agravamento da situação, Rui passou a ter desentendimentos com seu patrão e, mesmo, com outros empregados. Numa dessas situações de maior hostilidade, culminou a sua saída da empresa. Mesmo com as reclamações acerca da bebida, Rui relata que era um funcionário exemplar: "E um detalhe mais curioso: eu nunca faltei ao serviço por causa da bebida. Eu nunca cheguei atrasado. Chegava todo dia sete e meia e o horário que eu saía à noite era de nove e meia às dez horas da noite. Nunca faltei" (Rui).

Em 1980, Rui montou seu próprio negócio, uma loja também no ramo de autopeças. Ele permaneceu nesse negócio por cinco anos, período ápice de seu consumo e dependência da bebida, no qual ele acabou vendendo a loja por uma bagatela para manter o vício.

Até chegar num ponto que alguém ofereceu: "Ó, você quer vender sua loja?" Ela valia, vou falar um número aqui só pra você ter uma noção: se valia 500, eu vendi por 150. E o dinheiro que eu peguei acabou, sumiu (Rui).

O período após a venda da loja foi dos mais difíceis que Rui já viveu. Conforme já citado em trecho anterior de sua fala, perdeu vários bens na fase mais grave de seu alcoolismo, pois foi vendendo tudo o que tinha de valor para manter seu vício. Em seis anos ele perdeu tudo que havia construído ao longo de vinte anos: empresa, carros, casa... Nesse momento, sua única atividade era passar todo o dia no botequim: "Foi o momento que eu mais me dediquei ao consumo de bebida. Foi o momento que eu mais abandonei a loja e que vivia mais tempo no botequim, no bar" (Rui).

Após a venda da loja, Rui procurou reinserir-se no mercado, também como vendedor em lojas de autopeças. No entanto, nesse momento assusta-se pois percebe que não consegue manter-se em nenhum emprego devido ao alcoolismo.

Depois, eu comecei a ficar desesperado, porque eu não era recebido em lugar nenhum por causa da bebida. "Ah, mas você bebe." Não, não bebo mais, não, já parei de beber. Ah, fui convidado a ser gerente de uma loja lá na Av. Amazonas: Loja B Veículos. Não fiquei lá uma semana. Quando eles ficaram sabendo que eu tinha problema de alcoolismo, arrumaram uma desculpa lá, que era questão de economia, me dispensaram. Em menos de trinta dias me dispensaram. E depois disso a situação começou a ficar crítica pra mim. Aí que eu comecei a conhecer o que era o alcoolismo. Os prejuízos do alcoolismo (Rui).

[...]

Os meus amigos do ramo lamentavam muito: "É, Rui, se não fosse sua bebida, você podia trabalhar comigo" (Rui).

Hoje, Rui está aposentado. Mesmo aposentado, possui uma loja de xerox, na qual a família também trabalha (atividade que cita pouquíssimo). A outra atividade que ele destaca bastante em sua história, além daquelas desenvolvidas no ramo de autopeças, é o trabalho enquanto membro e servidor de AA conforme mencionado, Rui já passou na irmandade por quase todas as funções. Ele trabalha no AA há aproximadamente 22 anos. No trecho abaixo, ele descreve com maiores detalhes as atividades que já exerceu:

E nesse negócio, de assessor, eu passei a ser membro. Na época, tinha um cargo que chamava "membro coordenador", representando o organismo. É MCR. Eu não sei a sigla do que representa. Eu representava qualquer atividade a nível de estado e eu representante da diretoria. De representante da diretoria, eu passei a ser conselho fiscal, secretário, tesoureiro, coordenador de área, diretor administrativo, delegado. Então, todos os encargos, com exceção de um: eu não fiz uso do encargo, uma por falta de tempo. Cê teria que ter um custódio da região Sudeste. Ao mesmo tempo que eu tava em Minas, tinha que tá em São Paulo, tem que tá no Espírito Santo, tem quem tá no Rio de Janeiro. Então, pra mim, era muito difícil trocar de estado pra estado, e, às vezes, tinha dois, três eventos numa semana. E o serviço ficava complicado. Mas eu continuei aqui. Trabalhei aqui no escritório como servidor durante vinte e dois anos (Rui).

No trabalho no AA, além das funções que existem entre os servidores, já apresentadas, Rui destaca também a forma de organização do trabalho, que é marcada, em destaque, pelas relações horizontalizadas e por decisões tomadas pela coletividade:

Aqui nós trabalhamos com regime nenhum de chefe. Nós não cumprimos ordem. Nós cumprimos metas, e eu me ofereci para executar. E esta prestação de contas ele é feita numa plateia, que tem que ter consciência, que nós denominamos **consciência coletiva**, que vai julgar, que vai dar o parecer final (Rui).

Como exemplo dos modos de organização do grupo pela coletividade, ele cita as tomadas de decisões:

Através de seus próprios termos, cada um, isso vai formando assim: você joga um punhado de papel, cada um vai dando uma sugestão. Você pega lá dez sugestões, reúne grupo de pessoas e vai discutindo o que é a melhor e vai colocando ajustes, até chegar em um denominador comum (Rui).

As situações do cotidiano das atividades no AA, que Rui vivencia vão em caminhos que apontam para uma maior autonomia do sujeito em sua relação com o trabalho, seja pela participação coletiva democrática, seja pela ausência da figura do chefe autoritário, seja pela horizontalidade das relações, seja pela possibilidade do diálogo e da expressão autêntica conseguida nos depoimentos nos grupos e reproduzida nas atividades de trabalho. Sem dúvidas, tais fatores repercutem em Rui de forma positiva, seja pela própria essência positiva deles, seja pelo forte vínculo que desenvolve com a irmandade. É importante destacar que os fatores ligados à autonomia aqui destacados são diferentes daqueles ligados ao controle e à vigilância que Rui experienciou em outros momentos de sua vida. Como podemos pensar isso?

9.3.3 Para lidar com o controle: *Eu e a bebida, a bebida e eu. Eu me sentia realmente feliz da vida*

Quem vive no escuro tem medo da luz. Quem passa alguns dias dentro dum quarto escuro com as janelas fechadas, quando entra a primeira fresta de luz tem a sensação de cegueira de tanto que a luz incomoda. É preciso se acostumar com a luz para que os olhos enxerguem melhor a paisagem que antes estava escondida. A escuridão me remete aos erros. Não os erros que cometemos. Errar faz parte. A escuridão faz parte (trecho de um livro lido por Rui antes de começarmos uma das entrevistas).

É interessante destacar que mesmo nos períodos mais acentuados do alcoolismo, ainda que diante de todas as perdas envolvidas e de todo o sofrimento, Rui destaca a faceta de prazer envolvida nesse mecanismo: “Todo dia eu respondia até chegar a um determinado dia que aconteceu. Eu estava na miséria, completamente, e a bebida fazendo parte do meu mundo. **Eu e a bebida, a bebida e eu. Eu me sentia realmente feliz da vida**” (Rui).

Quando você tá dentro de uma dependência alcoólica e você já tem uma mente, umas graduações já **ocupando espaços** [é eu faço estar completamente dominado pela bebida], **qualquer coisa que eu faço é alegria. Não tem tristeza pra nada. Tudo é satisfação.** A bebida, quando você começa a tomar, ela modifica completamente seu comportamento e as suas ações. Você passa a ser mais falante, **você passa a ser mais alegre**, você passa a ter mais relação com as pessoas que estão no seu meio. Então, você passa a ser uma pessoa aparentemente importante, porque os outros passam também a ser a mesma coisa. **Então, este convívio de pessoas que têm dependência alcoólica é uma das coisas maravilhosas pra quem depende daquilo.** Não tem nada ruim. É como se diz: “Tá subindo ou descendo, tá ótimo”. De dia ou de noite, tá ótimo. Tem nada ruim, não. E, às vezes, a gente até zomba do outro, não é? E isso é uma coisa fantástica. Quando você cai na sua real e que você começa, o cérebro começa a... que você começa a entrar numa vida normal, é que você começa a sentir que começa a entrar em trauma. **Pra aquilo não ter uma continuidade é que você volta a beber, porque apaga tudo. É, você vem e coloca. É como se tivesse tomando um remédio pra dor passar. Aí, você bebe a primeira dose, e pronto** (Rui).

Perguntei sobre qual a dor que passava quando ele bebia. Ele respondeu:

A da preocupação, da responsabilidade, é de tudo que se imaginar que a vida é como se você tivesse no mundo da lua. **Eu tô fazendo aquilo que eu mais gosto, que é ficar tonto. Tô satisfeito.** Ora, eu tinha uma coisa muito importante comigo: mesmo com a bebida, **sempre fui uma pessoa respeitosa. Não falava palavrão, não brigava, não xingava ninguém.** Era brincalhão. **Brincava com todo mundo. Sem pôr a mão, sem abraçar, sem nada.** Brincava, e a gente conversava, e **era muito sério também**, às vezes, mesmo sob o efeito da bebida (Rui).

Em termos gerais, é possível perceber a função que a bebida exerce na vida de Rui, seja na esfera do trabalho, seja na esfera doméstica: a função de “afrouxar” um superego rígido, severo (tendo como base de reflexão as instâncias psíquicas freudianas). É a “licença para perverter”, conforme destacado no referencial teórico. No caso, este “perverter” significa aqui desprender-se do peso que parece ter a ele seus papéis sociais, com destaque para aqueles do âmbito familiar.

O que Rui demonstra ao longo de sua narrativa é sua questão com o controle. O que é possível se depreender de sua fala, seja na análise das transcrições das entrevistas, seja no meu contato com ele ao longo do trabalho de campo, é a ideia de contenção/controlado. Rui é sujeito contido, que respeita as figuras de autoridade (com destaque para os pais), que respeita as tradições, que não fala palavrão, que brinca sem “pôr a mão e sem abraçar”, para não incomodar, que é sério.

Rui é um sujeito que se construiu, ao longo de sua infância, na instância familiar, sob os olhares vigilantes dos pais e, mesmo, dos irmãos. E, ainda, sob o peso de uma tradição mais conservadora de conduta, que está ligada a aspectos da cultura mineira da época, etc., fatores sociais e que certamente o impactaram em sua subjetividade de maneira bastante peculiar, haja vista que ao longo de sua trajetória ele se depara sempre, em maior ou menor intensidade, com situações nas quais tem que se haver com esse controle. A bebida foi, com certeza, um elemento que o ajudou sobremaneira a dar conta destas questões.

Outro caminho que este sujeito buscou como forma de escape do controle foi o casamento. A saída para o casamento é uma busca de autonomia, a tentativa de uma vivência para além dos olhos vigilantes dos pais, para não ser controlado, a

busca de um caminho para fazer o que convém a si, e não a terceiros. A saída da casa dos pais para o casamento é algo tão simbólico e significativo para ele que apenas nesse momento ele assume a bebida e o cigarro, ainda que publicamente. Bebida e cigarro são elementos ligados a certa transgressão. Assim, ao assumir estes elementos, ele busca transgredir, romper com os pais – rompimento que os seres humanos buscam empreender em suas trajetórias na construção de suas próprias autonomias.

No entanto, os olhos vigilantes dos quais Rui busca escapar estão fortemente enraizados em sua própria subjetividade. Assim, ainda que ele saia do domínio e do controle dos pais, a vigilância habita agora nele mesmo, num superego rígido e de controle sobre suas ações. Dessa forma, os impactos dessa necessidade de controle e de retidão acabam sendo também suplantados pelo seu casamento e, assim, novamente vivenciados, mas em um novo cenário, com mulher e filhos. A bebida acaba sendo, de fato, a via mais certa para lidar com toda essa contenção. É na bebida que ele é feliz, que ele se satisfaz. É bêbado que ele faz coisas maravilhosas... A bebida tem a função de ocupar espaços em sua vida, conforme ele mesmo diz.

O exército foi também na vida de Rui uma possibilidade de “relaxamento” desse controle. Nele, Rui transgredir as leis, as normas, mas, claro, sem que os pais fiquem sabendo. Servir o exército foi uma forma de sair de casa, uma ruptura, ruptura esta em uma idade em que tais experiências tiveram um valor ainda mais especial. Afinal, contava 18 anos, maioridade, passagem para a vida adulta, início de conquistas de uma série de autonomias. A transgressão presente na história de Rui com o serviço militar foi uma forma encontrada pelo sujeito para se haver com o controle, um momento em que foi possível “afrouxar a contenção”. Interessante notar que o espaço em que Rui consegue fazer isso é o exército, ambiente no qual controle é característica de destaque. Segundo Rui, seu sonho era fazer parte desta corporação, sonho que posteriormente ele abandonou (provavelmente por ter experimentado, em suas traquinagens, o “sabor” de uma vida mais liberta). Enfim, estes são aspectos que dizem do ir e vir desse sujeito em sua conflituosa relação com a norma.

Essas questões também acompanham Rui no trabalho. O vigiar é algo que o incomoda muito, haja vista que relacionado a seu desejo de sair do emprego da Loja A quando percebeu que estava sendo vigiado pelos colegas e pelo chefe. Ainda que, nesse caso, mais especificamente pelo fato de beber. Ainda assim, é uma vigilância e se liga bem aos “sintomas” que esse sujeito relata no narrar de sua história de vida. Certamente, há outros fatores relacionados à saída deste emprego, mas cabe destacar este fator aqui.

Outra questão de destaque é que Rui demonstra apresentar altos padrões ideais ou exigências consigo mesmo, o que, provavelmente, o leva ao sofrimento quando estes não são alcançados. Sobre estes padrões, é possível verificar até mesmo em sua justificativa de ter se tornado alcoólatra. Rui defende, sustentado na doutrina espírita kardecista, que cumpre uma missão estando alcoolista, como que em um carma, pelo qual ele deve passar para poder ajudar outras pessoas que apresentam a mesma problemática. Sem adentrar em discussões sobre sua crença espiritual/religiosa, o que se percebe são justificativas que o desviam de assumir que em alguns momentos não se conseguiu suportar a realidade. Tal condição é do humano, mas Rui tem dificuldades para aceitá-la. É-lhe mais confortável crer nas explicações religiosas, com base nas quais ele cumpre uma missão espiritual estando alcoolista. A espiritualidade é, sem dúvidas, algo de importância ao sujeito humano para suportar a dor e o peso da existência. Mas o que se discute aqui é a forma como Rui lida com isso, construindo um “escudo”, uma barreira protetora, que ele cria para evitar aprofundar-se mais em suas próprias questões e, então, refletir sobre o quanto de suas experiências e trajetória de vida estaria ligado ao seu sofrimento e à questão da sua dependência.

Essa dificuldade em olhar para si próprio é algo presente na grande parte das entrevistas com Rui. Houve momentos em que achei que não conseguiria fazer o recolhimento de sua história, pois sua fala era em grande parte do tempo povoada por discursos prontos, aqueles já treinados e preparados para serem ditos quando o entrevistado é convidado a falar sobre o alcoolismo enquanto membro de AA. Foi necessário que em diversos momentos eu intervisse e retomasse com ele os objetivos da pesquisa. Com o passar do tempo, as “defesas” de Rui iam se afrouxando, e ele vai se permitindo aprofundar em aspectos da sua própria história.

A narrativa de Rui é fortemente impregnada pelo discurso do AA. Ele aborda recorrentemente as tradições e passos do programa, descrevendo-os com riqueza de detalhes. Em vários dos nossos encontros, ele reproduz a doutrina da irmandade. Ao abordá-la, evita falar de si mesmo. Até mesmo a forma como organiza sua fala diz dessa questão: ele recorre ao discurso em terceira pessoa (por exemplo, faz-se isso, ou faz-se aquilo) no lugar do "eu". Quando fazia uso do "eu" é quando resgatava mais genuinamente a sua própria história de vida.

A recorrência ao AA não é uma defesa de que Rui lança mão apenas em seu discurso, mas também é uma estratégia que utiliza em seu cotidiano. Sua esposa queixa-se de suas ausências: "Antes era a bebida, agora é o AA". As ausências de Rui do lar, que anteriormente se davam em função das idas aos bares, agora ocorrem em função da frequência ao AA. Desse modo, assim como a bebida representava uma fuga de Rui a uma série de questões que buscamos aqui compreender, o AA acaba atuando para esse sujeito nesse mesmo sentido. De certa forma, Rui se aliena de si mesmo em sua imersão na irmandade. O fato alienante não é a proposta da irmandade em si (ainda que se aprofundarmos mais nessa análise seja possível apreender aspectos nesse sentido, o que não é feito aqui pela delimitação do estudo), e sim o modo como ele se apropria do que o AA lhe proporciona. É diferente a relação que Rui tem como o A.A. da relação que Rita apresenta, por exemplo. Os trechos abaixo ilustram bem essas questões, com destaque para as falas em negrito:

[...] trabalhei aqui no escritório como servidor durante vinte e dois anos. Pra mim, **foi como se tivesse administrando minha própria empresa.** Gostava de fazer, e gosto até hoje de fazer as coisas. **E esse trabalho que eu fiz me deu uma comodidade e uma segurança muito grande de nem pensar o que que aconteceu comigo no alcoolismo.** Nunca contei e num gosto de contar o passado, porque não me traz vantagem nenhuma. Eu posso contar como eu tô contando aqui agora. É numa situação **de contar realmente a história da minha vida dentro de alcoólicos anônimos e a minha recuperação e o programa,** como ele tem realmente o valor, sem limite (Rui).

Lidar com seu próprio passado parece ser algo verdadeiramente desafiador a este sujeito. Abordar o passado e dissertar sobre os afetos do âmbito familiar são

questões caras a Rui. Ainda assim, ele faz tentativas desse enfrentamento, haja vista sua disponibilidade para participar de uma pesquisa que utiliza a metodologia de história de vida. Caminhávamos por idas e voltas de um Rui vestido pela ideologia do AA e um Rui que se abre não a mim ou à pesquisa, mas a si mesmo, com seus afetos, dramas e experiências. Nessas idas e vindas, é interessante notar as incoerências que ele apresenta em seu discurso. Um exemplo é quando lhe perguntei quando seu pai faleceu e ele diz não lembrar, porque não é bom com datas, mas é capaz de me dizer prontamente datas precisas de outras situações, como o dia em que parou de beber (a saber, 7 de setembro, dia da Independência, data bastante sugestiva), a data de seu casamento e o dia em que começou a beber, dentre outras. Cita-se também o exemplo do trabalho, ao qual ele disse em alguns momentos nunca ter faltado nem uma vez sequer, mas em entrevistas diferentes relatou que faltava no serviço por causa da bebida. Enfim, as incoerências dizem de assuntos, talvez, ainda mal-elaborados por ele, mas também dizem de um sujeito que ora se abre, ora se camufla.

A bebida também foi uma forma de camuflagem: "E passa a ser realmente uma doença, porque aí você já não bebe mais pelo prazer, **você bebe pela necessidade. Necessidade de quê? Pra não ficar lembrando das coisas que começaram a apagar, a faltar.** A falta que Rui busca tamponar com o uso da bebida é também algo que o liga a suas atividades de trabalho. Ele despende grande parte de seu tempo e de sua energia com o trabalho: inicialmente, nas lojas de autopeças e, atualmente, no trabalho no AA. Para além do sentido alienante, já discutido, que tal comportamento possa apresentar, é necessário também considerar a centralidade que a atividade laboral assume na vida de Rui.

Tanto o trabalho nas lojas como o trabalho no AA podem ser vistos como possibilidades de sublimação ligadas à subjetividade deste sujeito. No trabalho no AA, é importante destacar a questão das relações horizontais, da autogestão, das decisões coletivas e da igualdade e autenticidade das relações, autenticidade esta ligada, em grande medida, à similaridade das histórias de vida dos membros e à metodologia dos depoimentos nos grupos. São fatores importantíssimos e que, sem sombra de dúvidas, são positivos para Rui, algo que ele expressa claramente em seu depoimento.

O trabalho nas lojas, em destaque para a Loja A, foi também uma experiência muito positiva. Nesta, Rui evoluiu enquanto profissional (afinal, ele entrou como vendedor e saiu como gerente) em uma organização de destaque no ramo. Ele conquistou também, além da posição profissional, uma boa posição financeira, que o permitiu ascender da vida humilde da infância, adquirir bens como a casa própria, ser dono de seu próprio negócio, automóveis, etc. e propiciar condições confortáveis de vida para sua esposa e filhos (como o bom colégio em que os filhos estudaram). Além do crescimento econômico-financeiro, destacam-se também as questões ligadas ao reconhecimento que ele tinha de sua competência: reconhecimento da própria organização (pelo chefe e pelos clientes) e dos colegas do ramo de autopeças. O modo como Rui descreve sua trajetória profissional deixa claro seu gosto pela atividade e o modo como o se construiu enquanto sujeito.

Assim, as análises aqui apresentadas demonstram facetas diferentes do trabalho para este mesmo sujeito, ora de prazer, ora de sofrimento. Assim também é a relação de Rui com a bebida: ora a prazer, ora sofrimento. A bebida lhe proporciona momentos de alegria e, mesmo, de libertação, mas também lhe traz doses consideráveis de sofrimento.

Você imagina assim: eu tinha uma casa, eu tinha um carro, minha mulher tinha um carro, meus filhos estudavam no colégio Batista, eu morava numa casa muito boa. Tinha tudo, conforto, andava sempre com dinheiro, e de repente eu não tenho dinheiro nem pra tomar um café. Não tenho dinheiro pra comprar as coisas pra dentro de casa, não tenho dinheiro pra dar uma coisa pra minha esposa, pro meus filhos, pra casa em geral. E ela teve que sair pra trabalhar. Me deu um desespero: E, agora, que que eu faço? (Rui)

O sofrimento de Rui não se restringe apenas aos danos materiais que o quadro de alcoolismo lhe impôs: "Porque você perde uma casa, por exemplo, você perde dois carros, você perde uma empresa, você perde o convívio familiar, você perde os amigos, você perde você na multidão" (Rui). Esse sofrimento diz respeito também a sofrimentos no plano das relações afetivas, como os conflitos com mulher e filhos, os quais Rui ora relata, ora mascara. Chegou a dizer que a esposa nunca havia brigado com ele por causa da bebida, mas, em entrevista posterior, contou que ela mesma já espetou nele um garfo, durante um momento de raiva.

É importante sublinhar como a bebida se relaciona diretamente à atividade de trabalho desempenhada por Rui quando na época das lojas de autopeças. O trabalho de Rui rendia mais quando ele recorria à bebida alcóolica: ele era mais rentável para a organização, vendia em maiores quantidades, abarcava um número maior de clientes. **A bebida tinha uma função social de destacada importância em sua atividade como vendedor.** Nesta situação, beber era algo reforçado cotidianamente em sua atividade diante dos resultados alcançados. Ao beber, ele atingia metas e ascendia na carreira profissional. No entanto, à medida que o vício ia evoluindo, a bebida, que até certo momento era positiva para o trabalho, passou a se tornar um fator negativo: Rui começou a receber advertências do chefe, passou a ser controlado, perdeu o emprego na loja, teve dificuldades para conseguir outro emprego quando vendeu a própria loja e adquiriu uma imagem ruim perante seus colegas de trabalho, etc. A bebida, enquanto significou um fator de eficiência para a organização, foi valorizada. A medida em que seu uso, com o aumento do consumo e todas as consequências decorrentes, passou a significar ineficiência do empregado no trabalho, deixou de ser interessante. Assim, tal como outros elementos, a própria droga (bebida) também assume conotações ora positivas, ora negativas – neste último caso, para a organização.

A bebida ainda apresenta duplas conotações para Rui no que diz sentido à “libertação” que ela lhe proporciona. Em geral, Rui a relaciona a momentos bastante significativos de sua vida, por exemplo, o casamento e a aquisição de sua própria loja. Estes representam passagens importantes na vida de Rui. A primeira marca a saída da casa dos pais e de todo o controle que esta situação lhe representava e a segunda diz da possibilidade do próprio negócio, de se orientar e orientar sua atividade segundo sua própria vontade e desejo, e não ter de se sucumbir às exigências de um patrão. Ambas as situações representam possibilidades de Rui ser “dono” de sua própria vida – sem ter de se sujeitar à vigilância dos pais, ou à vigilância de patrões. E nestes momentos a bebida torna-se algo de destaque: “vou casar e vou beber”, é o que diz quando se recorda do casamento. Ou, ainda, quando da aquisição da própria loja: foi o período no qual ele relata ter sido o mais grave em seu quadro de alcoolismo, que culminou com todas as perdas já comentadas. Assim, nestes momentos de genuína “libertação” Rui recorre vorazmente à bebida. É como se ele não conseguisse obter prazer nestas situações senão por intermédio

da droga. É pela bebida o seu gozo; é ela que lhe dá a licença para o gozo e a satisfação, mas também é por ela que ele se perde de si, perde o domínio sobre sua vida (como ele mesmo diz), enredando a dinâmica prazer/sofrimento que discutimos.

10. LA FRANCE, O BRASIL, LES DROGUES, O TRABALHO

[...] qualquer usuário de álcool e outras drogas, a única maneira, o caminho para a salvação dessas pessoas é no diálogo (Rui).

Neste capítulo, resgatam-se as quatro histórias apresentadas, buscando analisar as possíveis relações entre elas e, assim, chegar a uma conclusão e às contribuições deste trabalho. Para tanto, ampara-se no referencial teórico e nas informações oriundas das entrevistas realizadas com os profissionais da saúde que trabalham com usuários de drogas, conforme explicado na metodologia.

Inicialmente, destaca-se a questão da utilização da droga. O resgate das histórias de vida mostrou que a relação que o sujeito estabelece com a substância psicoativa é bastante variada, assim como a função que a droga apresenta na vida do sujeito, cuja compreensão só é possível a partir das histórias de vida, conforme se buscou destacar na análise das entrevistas. O que é comum a todos os casos, como destaca Dejours (1993), é de resgate a toda economia familiar, que apresenta direta relação com o fenômeno da intoxicação, mas para cada personagem de uma determinada maneira.

Os sujeitos recorrem à droga como forma de tamponar, ou de “dar conta”, de dramas tecidos em momentos iniciais de sua vida, principalmente aqueles ligados à família, com destaque para a relação com os pais. Estes são elementos que despontam das falas de todos os sujeitos. A análise deles permite explicitar de que modo a droga se liga a estas relações, seja para compensar ausências físicas e afetivas destas figuras, como é o caso de Vincent e Rita, seja para suportar a dor do abandono, como para Rita e Jean, seja para romper a vigilância e o controle, como no caso de Rui. Em geral, o que se observa nos casos é que a droga é um suporte ao qual o sujeito recorre para lidar com seu sofrimento. Conforme destacado por Paes de Paula (2010), em um funcionamento neurótico a droga atua como um modo de defender-se do excesso de realidade, o que se vislumbra nas histórias contadas.

A autora também aponta sobre o “contornar a castração”, característica do neurótico e do seu *modus operandi* com a substância psicoativa, e o fenômeno que também se observa nas histórias traçadas, com destaque para a de Vincent, que busca frequentemente contornar a castração advinda das relações parentais e, mesmo, aquelas advindas das relações de trabalho. Desse mesmo modo, Jean, Rui e Rita também constroem trajetórias com lhas droga que os possibilita suplantar as faltas oriundas das castrações a que lhes mesmos estiveram sujeitos em suas trajetórias de vida. Assim, a toxicomania tem um sentido na vida de cada um dos sujeitos, cuja construção foi o trabalho que se pretendeu fazer ao longo da análise.

Essa mesma rota foi a que se buscou traçar em relação à questão do trabalho. Ou seja, o esforço da análise também em relação a este eixo foi construído de modo a dar sentido à relação que os sujeitos estabelecem com essa esfera de suas vidas. Neste caminho, o que também se observa são resquícios das relações familiares operando nestas vivências. Conforme destaca Dejours (1993), o funcionamento psíquico do homem não é divisível, pois, à medida que ele se orienta para o trabalho, mobiliza toda a sua bagagem subjetiva. Esta pode ser visível, seja nas escolhas profissionais, como é o caso de Jean; seja nos enfrentamentos em relação ao sofrimento no trabalho, como no caso de Vincent, que lida com as dificuldades profissionais tendo como base sua bagagem familiar; seja na repetição de papéis, como é o caso de Rita, que busca e idealiza nas patroas a lacuna da mãe.

É importante destacar a centralidade que o trabalho tem na vida dos sujeitos (VIEGAS, 1989; LIMA, 2002; CLOT, 2006) com destaque principalmente para Rita, Rui e Jean (Vincent, de certa forma, rompe com o vínculo de trabalho em sua relação com a toxicomania – tal questão será abordada mais adiante). O trabalho ocupa uma posição central na vida de Rita, Rui e Jean, seja o trabalho formal, que fornece a subsistência financeira; seja o trabalho no AA como é o caso de Rita e Rui. As construções subjetivas e seu modo de ser sujeitos no mundo estão diretamente relacionados às atividades que desenvolvem. Conforme destaca Dejours (1996), há uma articulação entre a organização da personalidade e a organização do trabalho, e é exatamente desse modo que se constroem as subjetividades aqui apresentadas, as quais foram mais bem detalhadas na análise

das histórias de cada sujeito. Rita, por exemplo, transfere para suas atividades profissionais não apenas seus dramas, mas também o modo como estrutura sua subjetividade, tal como destacado na análise de suas dependências. Os momentos em sua trajetória de evolução e amadurecimento pessoal são acompanhados de mudanças no trabalho, que também ocorrem nesse sentido.

Com base nos conceitos “dejourianos”, pode-se afirmar que há em grande parte da vivência desses sujeitos o processo de ressonância simbólica, no qual há a repetição de questões originárias na cena do trabalho. Assim, é possível observar a repetição exata e estéril do sofrimento, como nas atividades de Rita enquanto empregada doméstica. Evidentemente, pela complexidade que é a compreensão da subjetividade humana, em qualquer de seus aspectos, não se afirma que esta atividade tenha significado apenas esta repetição estéril que mencionamos. Certamente, há nela diversos significados positivos associados à atividade, como, no plano concreto, a possibilidade da saída das ruas, o próprio emprego em si e os benefícios daí decorrentes, e, no plano subjetivo, o suporte afetivo recebido por Rita no trabalho doméstico, mesmo que tenha sido sobre este suporte alicerçado grande parte das dependências já comentadas. No entanto, o que é importante destacar aqui são os aspectos dessa história que demonstram como pelo trabalho Rita mantém e repete sua posição frágil e dependente, originárias de seu posicionamento enquanto filha. À medida que Rita supera tais padrões, observam-se em seu trabalho relações diferenciadas, o que caracteriza na perspectiva dejouriana que houve ressignificação via ressonância simbólica ou, nos termos freudianos (1914/2006a, 1910/2006b), sublimação pela atividade.

A sublimação, caracterizada pela possibilidade de produção de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual (FREUD, 1930/2006d), pode ser visualizada na relação de Rita e de Rui com a atividade que eles desempenham no AA, as quais caracterizam a possibilidade de sofrimento original em sofrimento criativo, e isso ocorre em destaque porque nesse espaço se observa um **espaço da palavra** (DEJOURS, 1996). Assim, a possibilidade da palavra, da expressão autêntica do sujeito, da ressignificação e da elaboração que ocorre nos grupos é transferida para uma situação de trabalho pautada nos princípios de autogestão, no que concerne à igualdade de condições, direitos e relações. Nesta situação, é claro

o estabelecimento de um **espaço público**, que está ligado justamente à possibilidade da discussão coletiva e da inteligibilidade dos comportamentos, como também da transparência, da confiança e da solidariedade, sentimentos que irão operar na construção de espaços de genuína afiliação. Conforme destaca Rui, “qualquer usuário de álcool e outras drogas, a única maneira, o caminho para a salvação dessas pessoas é no diálogo” (Rui). Neste espaço público, Rui, Rita e os demais membros constroem um coletivo de trabalho no qual é possível o estabelecimento de uma condição ética, condição esta diferente e para além da mera condição técnica.

Quando o espaço público não se estabelece, a droga resplandece como um suporte para lidar com essa situação. Neste caso, a vivência de Rui na loja de autopeças pode ser um bom exemplo. É possível inferir que suas relações laborais neste espaço, seja com os colegas ou com os clientes, não permitiam sua expressão autêntica como sujeito, e daí o impulsionavam à adição. As relações autênticas que Rui estabelecia eram justamente aquelas desenvolvidas em outros cenários, como as amizades que ele tinha com os mendigos, que, conforme conta, eram seus melhores amigos. É importante destacar que o estabelecimento de um espaço da palavra, de um espaço público no ambiente de trabalho, não significa condição *sine qua non* para, digamos, uma resolução adequada do sujeito com suas próprias questões e, mesmo, com aquelas ligadas à sua dependência. O sujeito pode, mesmo em um espaço propício ao estabelecimento de relações autênticas com os pares, não estabelecer relações autênticas consigo mesmo e, assim, continuar alienado de seu próprio processo subjetivo. De toda forma, condições favoráveis em relação ao modelo de organização do trabalho e às relações ali estabelecidas certamente são benéficas ao trabalhador ali envolvido.

Outro ponto importante a destacar na história de Rui é que a droga - no caso, a bebida - exercia em seu trabalho uma importante função social: auxiliá-lo nas vendas. Assim, era valorizada. Condição similar ocorre com Jean, que utilizava a heroína para render mais no trabalho como motorista. O consumo da substância psicoativa representa nestas duas histórias perspectivas do consumo de drogas dentro da lógica capitalista, pois serve aos objetivos da produção.

Neste mesmo viés de análise, discutiu-se nas entrevistas com os profissionais sobre a ruptura que o sujeito usuário de drogas faz com o gozo fálico, que representa o gozo do consumo, da competição, da afirmação social. Segundo um entrevistado, este seria o motivo que torna o sujeito toxicômano perigoso socialmente. No caso, seu consumo é um consumo diferente dos demais, pois coloca em questão um pouco da lógica da produção e do mercado – ele está em ruptura com tudo isso. A fim de ilustrar essa relação, um dos entrevistados relembra a cena inicial do filme “*Trainspotting*”, em que um dos personagens diz:

Escolha viver. Escolha um emprego. Escolha uma carreira, uma família. Escolha uma televisão enorme. Escolha lavadoras, carros, CD players e abridores de latas elétricos. Escolha saúde, colesterol baixo e plano dentário. Escolha uma hipoteca a juros fixos. Escolha sua primeira casa. Escolha seus amigos. Escolha roupas esporte e malas combinando. Escolha um terno numa variedade de tecidos. Escolha fazer consertos em casa e pensar na vida domingo de manhã. Escolha sentar-se no sofá e ficar vendo *games shows* chatos na TV comendo porcaria. Escolha apodrecer no final, beber num lar que envergonha os filhos egoístas que pôs no mundo para substituí-lo. Escolha o seu futuro. Escolha viver. Mas por que eu iria querer isso? Escolhi não viver. Escolhi outra coisa. E os motivos... Não há motivos. Quem precisa de motivos quando tem heroína? (cena inicial do filme “*Trainspotting*”, 1996)

É neste viés que se insere a relação que Vincent desenvolve com a droga. Ele rompe com o outro, seja o outro da família, seja o outro da sociedade de base mercadológica capitalista. O rompimento com a lógica da sociedade de consumo é bem explícito quando ele rompe com sua atividade de trabalho na boutique de luxo parisiense, atividade que correspondia de forma bastante fidedigna aos valores pregados na engrenagem produtiva de consumo. Tal qual a citação destacada do filme “*Trainspotting*”, Vincent rompe com toda essa realidade e se entrega à heroína. Assim, ele se torna um sujeito perigoso à sociedade. Assim ele é, em diversos momentos de sua vida, encarcerado.

Jean também é usuário de heroína. No entanto, a relação que ele estabelece com a droga é diferente daquela que ocorre com Vincent. Em sua trajetória profissional, a heroína teve uma função social adaptativa ao trabalho, que foi a de aumentar sua produção sob condições ambientais desfavoráveis. Ao se inserir na

lógica do sistema capitalista, a heroína deixou de ser um elemento perigoso socialmente, assim como Jean, que não se comportou, em geral, na sua vida enquanto um sujeito de risco à sociedade. Pelo contrário, Jean mostrou, na maior parte de sua história profissional, ser um trabalhador dedicado, submetido às lógicas da produção.

Nessa discussão, os profissionais se expressaram sobre a função das drogas específicas, pois há no consumo um paradoxo que diz respeito ao tipo da substância psicoativa. Há drogas que quando consumidas reforçam os ditames do capital, como no caso da cocaína, que se liga a um aumento produtivo do sujeito, assim como o indivíduo stressado, que, alienado quanto ao ideal produtivo capitalista, tudo faz para produzir cada vez mais. Apesar de não ser esta a substância de consumo de Jean, é neste mecanismo que ele se insere. De outro lado, a heroína, enquanto uma substância mais autoerótica, liga-se a uma desvinculação do sujeito da lógica do capital, significando um consumo de rompimento com o próprio consumo mercadológico. Nesta vertente, ligam-se também os depressivos, que são sujeitos que rompem com o tempo e com as exigências da sociedade atual. Vincent liga-se exatamente a esses dois aspectos, no que tange ao uso da heroína, como a aspectos mais depressivos, característica marcante em sua subjetividade, principalmente quando estava em *jours sans* (dias vazios).

10.1 Vincent et Jean, Rita e Rui

Outra reflexão importante a ser realizada na análise diz respeito às condições subjetivas dos sujeitos – Vincent, Jean, Rita e Rui – e a sua relação com o fenômeno da toxicomania.

Em um primeiro momento, quando da defesa do projeto desta tese, o problema de pesquisa inicial proposto era analisar as posições subjetivas dos

sujeitos, com base no modelo proposto por Paes de Paula (2010) e, a partir daí, refletir sobre o deslizamento destes pelas posições subjetivas conforme a evolução da dependência química e pela relação estabelecida com a atividade de trabalho. A ideia inicial era compreender como o trabalho poderia atuar enquanto elemento capaz de contribuir para a regressão do sujeito e o aumento da dependência química, como poderia também atuar enquanto uma possibilidade de superação no fenômeno da toxicomania. Esta ideia apoiava-se nas discussões teóricas e nos resultados alcançados na pesquisa "Mulheres usuárias de álcool e outras drogas: Um estudo sobre o trabalho e a economia solidária como recurso terapêutico", no qual se abordou o conceito de posições cambiantes referentes às estruturas psíquicas consideradas para a compreensão do fenômeno da toxicomania. Defendeu-se a ideia de que a droga atua como elemento que propicia o deslocamento do sujeito pelas estruturas psíquicas (psicose, perversão e neurose), em função da evolução da dependência. Assim, com base nesse esquema, o objetivo desse estudo era demonstrar como o trabalho, aliado à substância psicoativa, poderia atuar como elemento que também possibilitasse ao sujeito ocupar diferentes posições subjetivas, seja a partir de uma regressão a fases mais primitivas do desenvolvimento psíquico, seja pela possibilidade de crescimento e evolução propiciados por esta atividade.

No entanto, a pesquisa empírica com as histórias de vida não apresentou elementos suficientes para afirmações mais incisivas a este respeito. Na realidade, à medida que o campo foi se desvelando, o objetivo principal da investigação foi se enveredando por outro caminho, outra problemática, que foi a apresentada no início da tese: estabelecer sentidos entre o fenômeno da toxicomania e o trabalho, por meio das histórias de vida dos sujeitos. Assim, com base no caminho seguido, não houve a condição necessária para se pensar em um diagnóstico mais preciso em termos da condição psíquica estrutural de cada sujeito, condição necessária para se refletir sobre o deslizamento nas posições subjetivas. Restou, então, uma lacuna à qual não foi possível responder nesta investigação, mas também um direcionamento profícuo e instigador para futuros trabalhos. Ainda assim, este modelo referencial alicerça a análise sobre o sujeito e as drogas, a questão da subjetividade e os sintomas apresentados pelos entrevistados.

Rita, Jean e Rui apresentam posições subjetivas similares. Eles demonstram sintomas neuróticos similares no que diz respeito à relação com a substância psicoativa. Assim, conforme o esquema proposto por Paes de Paula (2010), estes sujeitos utilizam a droga como forma de reduzir a severidade do superego, como uma “licença para perverter”. Em linhas gerais, o drogar-se atua para estes sujeitos como mecanismo que cada um encontrou para defender-se de seu “excesso de realidade” e para lidar com a angústia derivada de seus afetos e de seus mundos interiores.

As relações que estes três sujeitos estabelecem com as organizações de trabalho também dizem de suas posições subjetivas neuróticas. A esse respeito, é importante resgatar aqui, conforme já destacado em outros momentos da tese, que o trabalho é regido pelo princípio da realidade. Assim, ao mesmo tempo em que pode atuar enquanto um estruturante psíquico, pode também ser um elemento desestruturador, principalmente para aqueles que não se encontram funcionando com base neste princípio. Mendes e Araújo (2011) destacam que essa condição é estimulada e potencializada pelo modo de organização do trabalho originado da flexibilização do capital. As autoras destacam que estes cenários corroboram com a manutenção do princípio de prazer, do que nele há de produção de subjetividades narcisistas e/ou perversas, que têm dificuldade para lidar com o sofrimento inevitável do confronto com o real do trabalho. A dificuldade desse confronto irá culminar em defesas e patologias que serão acionadas para fazer frente a essa situação, como a sobrecarga, a violência e a servidão. Trabalhos precários e outras diversas situações adversas podem também desencadear nos mais diferentes sujeitos, independente dos princípios pelos quais seu psiquismo está sendo regido, defesas e patologias similares às acima citadas. Para a compreensão dessa dinâmica, é importante analisar a articulação entre psíquico e social e explicar de que forma a organização de trabalho colabora para que o sujeito se constitua em sua identidade. “A organização do trabalho pode neurotizar os sujeitos, assim como os neuróticos podem ser salvos ou arruinados pelo trabalho” (MENDES; ARAÚJO, 2011, p. 32).

No caso de Rita, por exemplo, percebe-se a organização (seja do trabalho como doméstica, seja em sua atividade de emprego atual) enquanto suplência a outras situações primárias ligadas a suas carências afetivas familiares. Mendes e

Araújo (2011) abordam a questão do desamparo e da servidão nas organizações de trabalho. O desamparo se relaciona à necessidade do outro e diz respeito a características próprias das subjetividades dos sujeitos, que tendem a serem negadas na contemporaneidade, época que estimula o individualismo e a solidão. O que ocorre no caso das organizações é que estas prometem ao trabalhador não desampará-lo em troca da sua servidão. Assim, o trabalhador se aprisiona na organização em troca de sua proteção, “que muitas vezes remete à ideia do paraíso perdido ‘por sua majestade, o bebê’, como dito por Freud” (MENDES; ARAÚJO, 2011, p. 39). No caso de Rita, sua submissão e sua servidão às organizações de trabalho com as quais se deparou ao longo de grande parte de sua vida, com destaque para o trabalho como empregada doméstica, são frutos de sua busca pelo não desamparo, para não ser novamente abandonada como no passado, por sua família que a expulsou de casa.

A busca pelo não desamparo da organização remete a outra situação na qual o sujeito “se torna prisioneiro em um paraíso ilusório, no qual o ego ideal equivale a um ‘ego organizacional’” (MENDES; ARAÚJO, 2011, p. 29). Tal situação também esclarece as relações de Rita com a organização, pois, para não ser desamparada, busca obedecer aos exigentes padrões do ego ideal¹⁶ - no caso da cena de trabalho, ao ego organizacional. Essa questão refere-se a sua busca de responder o mais fidedignamente possível às exigências das patroas e de buscar permanecer no ideário que elas idealizaram a seu respeito (característico da relação mãe-filha). Neste cenário, é também possível entender um dos papéis da bebida em sua vida: como válvula de escape às interposições de um superego altamente exigente, característica do sujeito neurótico.

Essa situação também é vislumbrada no caso de Rui e no de Jean, que estabelecem ligações similares em relação à organização do trabalho. Neles, o ego organizacional orienta suas ações mesmo em relação à substância psicoativa: para responder às exigências impostas pela organização do trabalho, Rui se apoia na bebida e Jean na heroína e na cocaína. A droga possibilitou a esses dois sujeitos

¹⁶ O ego ideal corresponde a uma formação intrapsíquica que diz respeito a um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil (LAPLANCHE, 2001).

colocaram-se, nas respectivas organizações de trabalho, de modo adaptativo e produtivo aos ideais da lógica mercantil capitalista.

Já Vincent rompe com a organização de trabalho e com o laço social de uma forma geral, considerando tudo o que isso representa. Em seu rompimento com o laço social, é possível se pensar, resgatando o esquema proposto por Paes de Paula (2011), em um deslize desse sujeito para uma posição subjetiva próxima da psicose. No entanto, faltam-nos mais contundentes elementos para formular afirmações conclusivas a esse respeito. O que aponta para este caminho, no caso de Vincent, é sua desconexão com o laço social e sua rendição à pulsão de morte. Conforme destacado pela autora, nos casos de psicose a droga pode fazer a suplência da lei do pai. No caso de Vincent, certamente, a droga atua nesse sentido, mas não apenas ela. Assim, pode-se destacar a relação que ele estabelece com a prisão, por exemplo, enquanto uma organização. Pode-se também inferir que a prisão também atua enquanto suplência, suplência do pai, o limite e a contenção de que Vincent precisa quando se vê prestes a “ficar mal”, pela recorrência intensiva à heroína e demais questões ligadas a sua subjetividade.

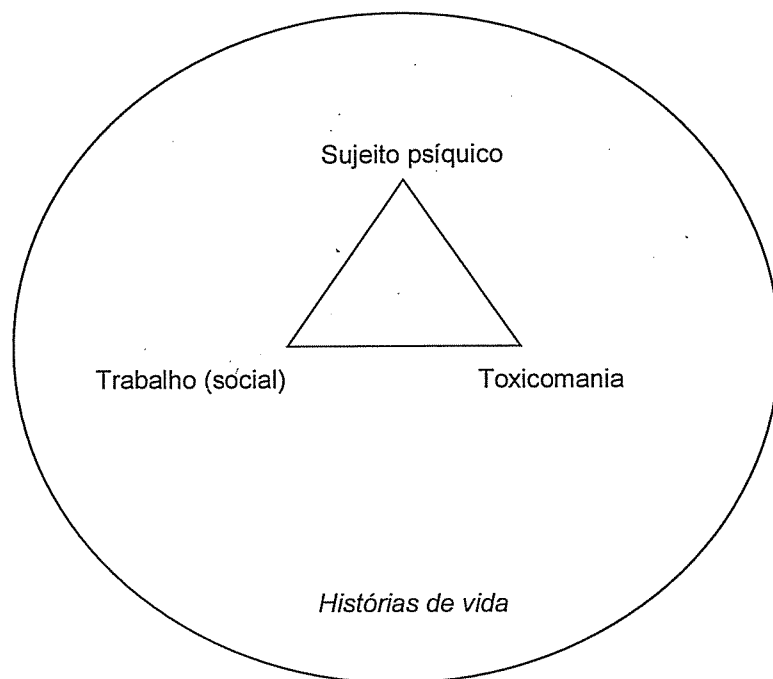
Refletindo-se sobre o papel das organizações na vida dos sujeitos, cabe ainda comentar um pouco mais sobre a organização Alcoolicos Anônimos. A clínica da psicodinâmica do trabalho resgata que, para se pensar em um modo de trabalho mais coletivo e autêntico, em sua essência e relações, é necessário mobilizar nos sujeitos suas condições de **sujeito sofrente**, que o fazem sair das posições de narcisismo e de perversão. É por esta inquietação e desestabilização que se torna possível pensar a mobilização, de forma coletiva, orientada para novas formas de produzir e de viver juntos (MENDES; ARAÚJO, 2011). No AA os sujeitos expõem-se, em regra, aos demais em sua condição de sofrimento e de realidade, em suas condições de impotência, distantes da onipotência que circunda o ego organizacional. Assim, nessa situação, constroem laços sociais que lhes permitem o existir em indivíduos mais autênticos consigo mesmos. Esse é um dos caracteres de destaque que tornam a vivência de Rita e Rui tão marcante neste espaço.

11. REFLEXÕES FINAIS

Traçado todo este caminho, encontro-me agora em busca de uma reflexão final. Quais foram as contribuições e a que conclusões se chega com este trabalho?

Inicialmente, é importante resgatar o problema de pesquisa colocado: "Compreender a relação entre trabalho e toxicomania". O que se conclui aqui, perpassada toda essa trajetória, é que estas esferas estão diretamente imbricadas e que a compreensão de uma delas dá sentido a outra, e vice-versa. No entanto, não é possível traçar leis ou respostas definitivas para esta problemática. Afinal, tanto a história de trabalho como a história com a droga alicerçam-se em histórias de vida muito particulares, ou seja, com sentidos singulares, que dizem respeito às subjetividades e às experiências sociais que cada sujeito vivencia. Assim, retomo o esquema que apresentei na Introdução, pois ele, de fato, esquematiza o que pude verificar ao longo da pesquisa.

Figura 1: Tríade sujeito, trabalho e toxicomania



Fonte: Elaborada pela autora, inspirado no "triângulo da psicodinâmica do trabalho" (DEJOURS, 1993).

Dentro da singularidade que constitui uma pesquisa baseada em histórias de vida e considerando as particularidades das experiências individuais, o que se buscou realizar nesta investigação foi estabelecer sentidos às histórias narradas – sentido para a história profissional, sentido para a história com a droga e sentidos entre estas duas esferas. O que se verificou foi que todos estes sentidos estavam alicerçados nas histórias pessoais de cada sujeito, seja nas experiências sociais, ligadas ao plano material e concreto, seja nas experiências subjetivas, como cada indivíduo subjetivou as cenas com as quais se deparou ao longo de sua trajetória.

Assim, o que se constata é que, para compreender o sujeito no trabalho, é necessário estar atento a suas condições individuais. Enfim, é necessário olhá-lo em suas questões singulares e em sua condição humana e psíquica. O sujeito não é um ser divisível, que se separa e se coloca ora na cena familiar, ora na cena de trabalho. O sujeito é um ser único, múltiplo, complexo e multideterminado. Assim,

buscou-se chamar a atenção que para a compreensão de uma cena de trabalho, seja ela ligada ao prazer ou ao sofrimento, é necessário olhos atentos e sensíveis ao sujeito que a vive. Considerar as relações sociais, do plano material da existência, que ocorrem na cena laboral é o ponto de partida, condição *sine qua non*, imprescindível, a qualquer tipo de estudo voltado para a saúde do trabalhador. Cientes disso e levando em consideração estas condições, procurou-se agregar, destacando as questões particulares e específicas de cada trabalhador, o modo como ele interioriza suas experiências e constrói sua subjetividade, sua condição de ser no mundo. Nesse sentido, o sujeito teve primazia na compreensão da realidade.

Por este mesmo caminho, buscou-se a compreensão da toxicomania indo além do sintoma, que, no caso, envolve o uso de drogas, e voltando nosso olhar para o sujeito e, assim, para as funções que a substância psicoativa adquire em sua vida. Assim, considerou-se que, ao longo de toda a trajetória percorrida, o foco do estudo foi para além da toxicomania enquanto fenômeno isolado e voltou-se para a compreensão do sujeito. Compreender a toxicomania enquanto fenômeno isolado significa concebê-la apenas em termos de sua interrupção ou não, diminuição ou não do uso de uma substância; significa torná-la superior ao próprio sujeito, e não foi essa a preocupação aqui. O objetivo foi compreender a função da droga para o sujeito e, nesse mesmo viés, a função do trabalho, para, então, estabelecer sentidos a esses elementos dentro da história de vida de cada participante.

Este caminho mostrou também que não há um enigma para a causa da toxicomania. As possibilidades que engendram a busca de um sujeito pela intoxicação são múltiplas. É possível apontar inferências comuns em relação aos casos, alicerçadas em um cenário comum, como, no caso, o momento sócio-histórico da pós-modernidade em que vivemos.

São também variadas as ligações que o drogar-se ou, mesmo, que a própria substância psicoativa apresenta com o trabalho, com a atividade profissional. No entanto, é importante destacar que em todos os casos essa relação existiu! Ou seja, para se compreender a toxicomania, é necessário compreender também a atividade de trabalho, pois este sintoma se alicerça e se constrói em relação a aspectos desenvolvidos no âmbito dessa esfera.

É necessário, igualmente, compreender a dialética prazer-sofrimento que atravessa as vivências com o trabalho e as vivências com as drogas. Em ambas as situações, esta dialética está presente; é ela que enreda as narrativas contadas, as tramas tecidas, os rumos das histórias. É importante ter consciência de que essa dialética se faz presente dentro de uma mesma cena laboral. Ou seja, uma mesma situação de trabalho pode evocar vivências de genuína satisfação e vivências de severo sofrimento, tendo em vista as construções subjetivas de cada sujeito. Conforme destaca Mendes (1995, p. 38), "o estudo dos aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho não pode desprezar que as vivências de prazer-sofrimento decorrentes da organização do trabalho são dialéticas, e por isso não podem ser estudadas separadamente". Essa dialética também permeia a vivência com a droga, que atua de maneira complexa enquanto fonte de prazer e de sofrimento nas construções psíquicas dos sujeitos.

Sobre o trabalho para o toxicômano, é fundamental mencionar aqui sua centralidade e primazia, seja na construção da subjetividade dos sujeitos, seja em sua colocação na sociedade enquanto cidadão e trabalhador. Assim, trabalhar, estar trabalhando, é uma condição fortemente positiva para o sujeito toxicômano, pelo lugar que esta condição o coloca. No entanto, o fato de trabalhar, de estar vinculado a uma organização de trabalho, seja ela formal ou informal, não significa que o sujeito esteja resolvido com suas questões internas nem mesmo que esteja resolvido com sua dependência, ainda que neste determinado momento o uso de tóxicos esteja interrompido. O sujeito pode se encontrar em uma situação de trabalho e sem usar drogas em determinado momento e ainda assim estar alienado de si mesmo, de suas próprias questões. Ou seja, essa situação não significa necessariamente superação (tendo como base de análise a evolução e a resolução do ser humano com sua condição interna). Ainda assim, sem dúvidas, é fortemente positivo para o sujeito quando este consegue por meio do trabalho controlar a dependência química. Essa situação pode ser também um trampolim para que ele procure o amadurecimento constante de suas próprias questões subjetivas.

Para as organizações e para a gestão, intenta-se que o conhecimento das reflexões aqui desenvolvidas contribua para um olhar de fato mais humanizado para o sujeito que trabalha. Olhar humanizado não no simples sentido de buscar gerir

uma problemática, mas, para além disso, para o sentido de sensibilização de quem é o trabalhador, do que é o humano. Acredita-se que a partir desse olhar seja possível ao gestor guiar-se por condições de trabalho menos precarizantes, opressoras e mais dignas em relação ao trabalhador. Chama-se a atenção aqui para a responsabilidade da Administração em relação a este fenómeno.

Hoje, conferimos à empresa, cada vez mais, novas responsabilidades em relação aos riscos que ela apresenta para o ambiente (reino mineral, vegetal e animal). Não é impossível a emergência, um dia, da noção de responsabilidade empresarial em relação à saúde mental das populações que dependem afetivamente e socialmente dos trabalhadores que ela emprega (DEJOURS, 1996, p. 173).

Ao demonstrar as ligações entre trabalho e uso de drogas, chamamos a atenção para a impossibilidade de se tomar a toxicomania como uma entidade isolada ou apenas em sua problemática clínica sem abordá-la em sua relação com "mal-estar cultural em que vivemos" (GURFINKEL, 1996, p. 18). É preciso considerar que o fenómeno da intoxicação não é um problema meramente individual, mas um resultado da relação do indivíduo com o mundo, ou seja, com as pessoas e as organizações sociais que o cercam, que habilitam ou interditam sua transformação em sujeito.

É também importante destacar aqui as contribuições que a pesquisa gerou para os próprios sujeitos participantes. Esclarecem Rita e Rui:

Este trabalho que nós tamos fazendo, que você não sabe o tanto que me ajudou, porque têm muitas coisas que eu não vou em cabeceira de mesa e falo... eu não falo. E também não procuro uma outra pessoa... [...] É muitas coisas íntimas minhas que eu carrego comigo, e eu falando para você, pondo pra fora. **É como se eu tivesse tirando até um fardo... não passando ele pra você, mas tirando um fardo das minhas costas: "deixa esse fardo aqui que isso não me pertence mais"** (Rita).

E quando eu lembro disso, eu lembro, realmente, que, engraçado, eu não lembro que eu bebia! Eu não tenho nenhuma saudade, nenhuma lembrança, nem comento de quando eu bebia. Participo praticamente todo

dia de AA. Não lembro que eu bebia, que eu já fiz isso, já fiz aquilo. **Parece que foi uma coisa que aconteceu na minha vida que passou** (Rui).

No recolhimento de histórias de vida, Rita, Rui e Jean expõem sobre o quão valoroso foi a eles falar de suas experiências (com Vincent não chegamos a este momento, visto que nossos encontros foram interrompidos), repensar-se – um olhar para o que se foi no passado que propicia uma reflexão acerca do que se é no presente – olhar para trás para olhar para si. A fala de Rita expõe o quão contributivo pode se configurar um estudo com base nesta metodologia para o sujeito que se conta. A fala de Rui diz do quão fecundo é o trabalho com o método e da riqueza que é para o sujeito contar-se e perceber-se em um processo evolutivo, em suas diversas facetas de construção e desconstrução do ser. Também é importante destacar que o uso desta metodologia é algo desafiador, seja na parte da coleta de dados, seja na da análise. Não é simples encontrar sujeitos dispostos a se deslocarem, cederem parte do seu tempo para encontros ora semanais, ora quinzenais. E, mesmo, não é evidente ter acesso de fato às vivências das pessoas e às significações subjetivas a estas atribuídas. Em síntese, não é fácil falar de si, como destacou Rui em um momento do processo: **“Porque não me interessa lembrar do passado, não. Interessa lembrar que eu não quero fazer o que eu fiz no passado. Isso não interessa mesmo”**. Ainda que visto como um processo benéfico, o caminho para se chegar às questões mais essenciais é por vezes dificultoso: a uns mais, a outros menos. Por isso, não é em todos os casos que ocorre de fato uma expressão genuína do sujeito sobre suas vivências. Ainda assim, como destaca Rui, é importante abrir o coração: **“mas uma coisa que eu tenho o maior prazer é de chamar a atenção das pessoas pra uma realidade que só a gente pode conviver, relacionar, é abrir realmente o coração”**.

É importante destacar que as inferências que aqui fazemos não são de cunho determinista. Assim, não é nossa intenção afirmar que o cenário que apresentamos seja o único possível. De toda forma, o que buscamos destacar aqui é a importância da dimensão do trabalho para a compreensão da toxicomania, considerando ambos os elementos enquanto fenômenos complexos e de infinitas possibilidades de compreensão, haja vista as também infinitas possibilidades do sujeito ser no mundo,

seja por sua subjetividade, seja pelas relações em constante transformação advindas do plano do social.

Talvez este seja um dos pontos mais importantes desenvolvidos pela psicodinâmica do trabalho ao se opor a certas visões deterministas, que, se levadas ao pé da letra, transformariam os trabalhadores em observadores impotentes de um mundo perverso que os reduz a sujeitos passivos: os trabalhadores são capazes de se proteger, de encontrar uma saída, possuem capacidade de emancipação, de reapropriação, de transformação e reconstrução da realidade. (LANCMAN, 2008, p. 35)

Por fim, finalizo esta tese com as contribuições advindas para a própria pesquisadora. Chegar ao final de uma tese e de um curso de doutorado é algo que realmente mobiliza internamente o sujeito em emoções que nem ele mesmo imaginava que poderiam ser despertadas nessa situação: é um misto de ansiedade, de cansaço e, mesmo, de certo "vazio" pela finalização de um ciclo estudantil que já há um bom tempo me acompanha. "E agora, José? A festa acabou, a luz apagou, O povo sumiu, A noite esfriou, E agora, José? E agora, você?" (ANDRADE, 1942/1993). Ao mesmo tempo, emociona muito a chegada a este momento, e a ansiedade advinda certamente está ligada a todo um novo e desconhecido mundo, que se abrirá a partir desse momento. É o tempo de travessia, como diria Fernando Pessoa. Mas o que é importante destacar aqui é que, apesar do sentimento de pensar que sempre se poderia ter ido mais além, o que fica é que este tempo do doutorado foi, de fato, de um imenso crescimento: enquanto pesquisadora, profissional e, principalmente, enquanto sujeito. E se por aí caminhou, já há elementos satisfatórios para se afirmar que valeu, e muito, a pena! "Valeu a pena? Tudo vale a pena. Se a alma não é pequena. Quem quer passar além do Bojador tem que passar além da dor. Deus ao mar o perigo e o abismo deu, mas nele é que espelhou o céu" (PESSOA, 1934/1989).

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, S; INEM, C. L.; RANGEL, F. C. Fênomeno, estrutura, sintoma e clínica: a droga. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. Ano VI, n. 3, set/2003.

ALCOÓLICOS Anônimos - Site Oficial. Disponível em: <<http://www.alcoolicosanonimos.org.br/>>. Acesso em: 04 fev. 2013.

ANDRADE, C. D. de. José (1942). In: ANDRADE, C. D. de. **Jose; Novos poemas; Fazendeiros do ar**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BARROS, V. A. A função política do trabalho e a ordem social. **Veredas do Direito**. Belo Horizonte, v.2, n.4, p. 51-58, jul/dez 2005.

BARROS, V. A.; MIRANDA, M. A. História de vida, experiência e engajamento militante (*em vias de publicação*).

BARROS, V. A., SILVA, L. R. A Pesquisa em História de Vida. In: GOULART, I. B.; SANTOS, A. A. L. **Psicologia organizacional e do trabalho; teoria, pesquisa e temas correlatos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BAUDELAIRE, C. **Les paradis artificiels**. Paris: Gallimard, 1961

BENETI, A. Entrevista: o laço social intoxicado. **Almanaque on-line. Revista eletrônica do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais**. Ano 6 - Nº 11 - agosto a dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/04/textos/entrevista%20Benetti.pdf> Acesso em 15/04/13.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Atelie, 2003.

BOYLE, D.; MACDONALD, A. **Trainspotting** [Filme-vídeo]. Produção de Andrew MacDonal , direção de Danny Boyle. Inglaterra, 1996. 1 cassete VHS / NTSC, 94 min. color. son.

BRUN, H. L. **O papel do trabalho na reinserção de adolescentes em situação de risco social e pessoal**. 2007. Monografia (Especialização em Psicologia do Trabalho) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CARNEIRO, H. S. As drogas e a história da humanidade. **Psicologia Ciência e Profissão. Diálogos**. Ano 6, n. 6, nov/2009.

DEJOURS, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: CHANLAT, J. (coord.) **O indivíduo na organização. Dimensões Esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1996.

DEJOURS, C.; MOLINIER, P. O trabalho como enigma (1994). In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (orgs) **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2008.

DEJOURS, C. *Addendum* Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho (1993). In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (orgs) **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Brasília: Paralelo 15, 2008.

DE LEON, G. **A comunidade terapêutica**. Teoria, modelo e método. São Paulo: Loyola, 2003.

DUFOUR, D. R. **A arte de reduzir as cabeças**. Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.

DUARTE, P. C. A. V. Recursos da comunidade para lidar com o uso abusivo e a dependência de álcool e outras drogas: alternativas e reinserção social. In: **As Redes comunitárias e de saúde no atendimento aos usuários e dependentes de substâncias psicoativas: módulo 6**. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2008.

DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

DUBET, F. L'expérience sociale et les conditions d'une sociologie clinique. **Les cahiers du laboratoire de changement social**, nº 3 – 1998. Université de Paris 7.

ELTZ, T.; CARVALHO, P. O crack se espalha pelo interior do Brasil. **Jornal da Globo**, 22 set. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornaldaglobo/0,,MUL769961-16021,00-O+CRACK+SE+ESPALHA+PELO+INTERIOR+DO+BRASIL.html>> Acesso em 28 set. 2008.

FERRAROTTI, F. **Histoire et histoires de vie**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1990.

FREITAS, M. E. A questão do imaginário e a fronteira entre a cultura organizacional e a psicanálise. In: MOTTA, F. C. P.; FREITAS, M. E. (orgs). **Vida psíquica e organização**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XIV. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006a (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XVI. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006b (Trabalho original publicado em 1910).

FREUD, S. Além do Princípio de Prazer. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XVIII. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006c (Trabalho original publicado em 1920).

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XXI. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006d (Trabalho original publicado em 1930).

GAULEJAC, V. História de vida: entre sociología clínica y psicoanálisis (cap.1). Historia e historicidad (cap.3). In: GAULEJAC, V; MARQUEZ, S. R.; RUIZ, E. T. **História de vida**. Psicoanálisis y Sociologia Clínica. México Universidad Autónoma de Quéretaro, 2005.

GAULEJAC, V. Histoires de vie et choix théoriques. In: **Les Cahiers du Laboratoire de Changement Social**, nº 1 – jun/1996. Université de Paris 7. Traduzido por Vanessa Andrade Barros. Paris, 1996.

GODELIER, M. **Modo de produção, desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GURFINKEL, D. **A pulsão e seu objeto droga**. Estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HABERMAS, J. **A lógica das ciências sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

KARAM, H. O Sujeito entre a alcoolização e a cidadania: perspectiva clínica do trabalho. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 25 (3), p. 468-474, set./dez. 2003.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da psicanálise** / Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A Construção do Saber**. Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas. Porto Alegre: Editora UFMG, 1999.

LIMA, M. E. A. Esboço de uma crítica à especulação no campo da saúde mental e trabalho. In: JACQUES, M. G., CODO, W. (orgs). **Saúde Mental e Trabalho: leituras**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MÁRINOV, V. (coord.) **Anorexie, addictions et fragilités narcissiques**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

MARRE, J. L. História de Vida e Método Biográfico. **Cadernos de sociologia**, Porto Alegre, v.3, nº 3, p. 89-141, jan/jul 1991.

MATA, C. C. da **O uso do trabalho como recurso terapêutico no tratamento de dependentes químicos: um estudo em uma comunidade terapêutica de Belo Horizonte**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MENDES, A. M. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: As contribuições de C. Dejours. **Revista Ciência e Profissão**, v. 15, n. 1-3, p. 34-38, 1995.

MENDES, A. M.; COSTA, V. P.; BARROS, P. C. R. Estratégias de enfrenamento do sofrimento psíquico no trabalho bancário. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 59-72, 2003.

MENDES, A. A.; ARAÚJO, L. K. R. **Clínica psicodinâmica do trabalho: práticas brasileiras**. Brasília-DF: Ex Libris, 2011.

MINERBO, M. **Neurose e Não-Neurose**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, nov. 2005.

MOLINIER, P. **Les enjeux psychiques du travail**. Paris : Éditions Payot & Rivages, 2006.

MOLINIER, P. Sujeito e subjetividade : questões metodológicas em Psicodinâmica do Trabalho. **Revista de Terapia Ocupacional**. Universidade de São Paulo, v. 14, n.1, p. 1-15, jan.abr., 2003.

MOLIVI, P. R. S. **Álcool e Drogas no Trabalho**. Disponível em <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/alcool-e-drogas-no-trabalho/12188/>. Acesso em 09 abr. 2011.

NEVES, L. A. **Ensaio Metodológico – memória e história: potencialidades da história oral**. Teresina: UFPI, 2001. Palestra proferida no I Encontro Estadual de História e III Encontro Nordeste de História Oral.

OLIVEIRA, M. B. **Leitura analítico-comportamental da proposta de intervenção terapêutica em entrevista motivacional para dependência química**. 2007. 107f. Monografia (Especialização em Terapia Comportamental) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

O QUE é Metadona. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 06 fev. 2013.

OS DOZE passos e as doze tradições. São Paulo: JUNAAB, 2012. (Trabalho original publicado em 1953)

PAES DE PAULA, A. P. (coord.) **Mulheres usuárias de álcool e outras drogas: Um estudo sobre o trabalho e a economia solidária como recurso terapêutico**. 2010. 125f. Relatório de pesquisa. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas, Belo Horizonte.

PESSOA, F. Opiário (1915). In: PESSOA, F.; BERARDINELLI, C. **Poemas de Álvaro de Campos**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990.

PESSOA, F. Mar português (1934). In: PESSOA, F. **Mensagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

ROLNIK, S. **Tôxicomanos de identidade**. Subjetividade em tempo de globalização. Reelaboração de artigo publicado no caderno "Mais!" da Folha de São Paulo, 19/05/96.

SANTIAGO, J. **A droga do toxicômano**. Uma parceria cínica na era da ciência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

SIMONS, U. Romper o círculo vicioso. **Melhor gestão de pessoas**. São Paulo, ano 18, n. 279, p. 24-31, 2011.

TAIEB, O. **Les histoires des toxicomanes**. Paris : Presses Universitaires de France, 2011.

TOMÁS, M. A. Intoxicação: um retorno à onipotência narcísica. **Mosaico Estudos em Psicologia**, Belo Horizonte, 1 (II), p. 35-43, 2008.

VIEGAS, S. Trabalho e vida. In: **Conferência para os profissionais do centro de reabilitação profissional do INPS**. Belo Horizonte, 1989.

13. APÊNDICES

13.1 Apêndice A - Histórias de mulheres usuárias de álcool e outras drogas

13.1.1 História de Eliza – “Quem quer uma mulher alcoólatra?”

Meu primeiro encontro com Eliza ocorreu no Hospital do IPSEMG - Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais, seu local de trabalho. Eliza tem 45 anos, é servidora pública e trabalha nesse hospital no setor de rouparia. Nosso encontro foi agendado anteriormente por telefone e eu a conheci por intermédio do médico psiquiatra. Eliza me recebeu de forma agradável e nos dirigimos ao seu setor de trabalho. Sua chefe, Raquel, foi também bastante agradável e nos deixou à vontade para a realização da entrevista durante o horário de expediente.

Logo no início da entrevista Eliza me entregou um livreto intitulado “Carta a uma Mulher Alcoólica” e disse que ali estava escrita a sua vida e que pela leitura desse material eu teria acesso à sua história. E que então nem seria necessário ela falar sobre isso na entrevista. A única referência que encontrei no material é que se refere a uma publicação do AA (Alcoólicos Anônimos). Pela coloração e estado do papel é perceptível que se trata de um texto antigo. Texto que imagino ter sido guardado por ela como uma referência preciosa, como algo que simboliza suas experiências e de certa forma exprime o que para ela é tão difícil de falar. Sua dificuldade em relatar-me sua história fica explícita nos desencontros que ocorreram nas tentativas de agendar novas entrevistas. De fato, Eliza já estava, naquele momento, sinalizando que não haveria mais entrevista, pois ela já havia me entregado ali, a sua história. Por outra via, diferente da entrevista formal, mas não

menos passível de análise. Essa simbolização ficou ainda mais evidente quando lhe disse que iria reproduzir o material e lhe devolveria o original. Naquele momento ela pontuou que não o queria de volta, que podia ficar comigo. Esse ato representou não apenas o contar sua história, mas remeteu também à busca de um distanciamento de história que certamente lhe traz muito sofrimento.

Eliza iniciou a entrevista relatando que a questão do alcoolismo iniciou-se após sua segunda gravidez e quando ela já estava mais velha:

“Eu virei alcoólatra depois de, vamos dizer, velha. Na minha adolescência, na minha juventude não... eu me vi alcoólatra depois de ter tido filho, foi depois da minha segunda gravidez por conta de uma cólica que não passava. Me ensinaram a tomar álcool com café e eu acostumei a isso. Isso foi ficando”... (Eliza).

Além disso, Eliza também relatou que começou já pelo uso de uma substância forte, pois bebia álcool de limpeza. Além disso, conta que bebia sozinha em casa e escondida para os outros não a verem bebendo.

Álcool mesmo, de limpeza. Quando eu não tava com dor eu também tomava. Mas, isso já não tá normal. Mas aí eu já comecei a esconder, quando eu via que eu não tava normal eu começava a rezar porque eu sou assim, religiosa. “Meu Deus, eu tô doida? Eu tô ficando doida ou eu tô afastada de Deus?”. Mas, dizer assim que eu saía pra comprar uma cerveja, um vinho, não saía. Mas, se tinha álcool pra fazer limpeza lá eu tomava, aí a minha dependência veio disso. (...) Eu comecei do mais pesado, por isso que Doutor Paulo brinca “cê tá viva ainda?” Porque eu comecei do mais pesado, tem gente que começa é uma cervejinha... (Eliza).

Segundo Eliza, seu comportamento condizia com a própria condição da mulher que tende a esconder o vício de seu grupo de convívio:

Muitas vezes, homem ele se entrega, no meu grupo, meus colegas de AA, eles falam: “ah, eu ia pro serviço, aí passava pelo buteco”, mas a mulher não, a mulher ela toma o gole, sei lá o que que ela faz, mas tenta, tenta,

tenta e acaba chegando e vem e trabalha e faz as coisa em casa e cria menino e esconde, esconde por vergonha (Eliza).

Para Eliza, a “benção” que ela tem é o trabalho. O trabalho se configura na vida de Eliza como elemento fortemente estruturante, que não apenas a estrutura internamente, mas também como um fator de sua inserção e participação na vida social. Sua frase: “Se eu parar eu morro” exemplifica esta relação. Também é importante destacar que o trabalho estruturante para Eliza não se restringe ao vínculo de trabalho formal que a mesma possui enquanto servidora pública, visto que ela enfatiza a importância do trabalho doméstico. Por sua fala (trecho abaixo), é ainda importante refletir que o trabalho também encena uma função de anestesiamento do sujeito: “Eu não posso parar, hora nenhuma”; “acho que eu tô focada em produzir. Eu não posso parar, se eu parar eu morro, se eu parar é caixão”. Nesse sentido, o trabalho também atua como um anestésico para suas frustrações, certamente muitas delas ligadas ao quadro de alcoolismo. Este anestesiamento é explicitado na fala de Eliza quando a mesma se refere ao trabalho como um remédio:

”Agora eu sei onde tá benção... eu conseguir trabalhar. Então, quer dizer, o trabalho pra mim é sagrado porque se a gente não produz... uma pessoa que tem esse tipo de problema, se eu parar é caixão. Eu não posso parar, hora nenhuma. Eu não paro às vezes nem de madrugada, tem hora nem de madrugada às vezes... “As vezes vejo que tem alguma coisa pra fazer de manhã, na hora da escola das meninas. Eu tenho que sair de casa dez e meia pra chegar aqui meio-dia e meia, então que que eu faço? Vou adiantar porque eu não tô com sono, mesmo tomando o Diazepan não faz efeito. Acho que eu tô focada em produzir. Eu não posso parar, se eu parar eu morro. A pessoa que tem esse problema ela não pode parar. Eu tenho exemplos perto da minha casa de pessoas com o mesmo tipo de problema que eu, inclusive uma perdeu o bebê porque bebia demais, parada... Como que fala? Entregou e eu tento não me entregar, eu falo. Não sei como esse problema veio, mas eu sei como ele vai”.

[...] Mas o interesse é igual você falou. É a mulher e o trabalho, todas, todas trabalham, todas tentam passar por cima deste problema. O trabalho pra elas, pra nós, é como um remédio. Se a gente parar de trabalhar morre, nem que a gente chegue atrasado, nem que for em casa, nem que for uma vassoura, você tem que pegar. Não pode deixar de trabalhar em hipótese alguma, se encostar [...] Todas as vezes que eu encostei foi as vezes que eu fiquei pior. Então eu falo chorando da minha vida assim porque eu me considero hoje uma vitoriosa, era pra eu tá no caixão. Se não fosse o trabalho, se não fosse a oportunidade de trabalhar e a oportunidade médica também que o IPSEMG tem me dado também, eu já tava no caixão”. (Eliza).

A família de Eliza participa com ela em reuniões do AA. Segundo ela, eles são co-dependentes, pois também são afetados diretamente no quadro de dependência de Eliza. Eliza tem duas filhas e é casada. Expressou seu afeto pelo marido e referiu-se a ele como uma forte referência de apoio: "Então, ele tem que ser, tem sido meu esteio, meu apoio. É meu amor porque tem que ter amor". Ao mesmo tempo demonstrou também uma baixa-estima: "Se ele não tivesse amor por mim ele tinha me dado um chega pra lá, quem quer uma mulher alcoólatra? Aí você vai lá e você vai ver homem nenhum quer...".

A baixa auto-estima relaciona-se aos preconceitos que Eliza já vivenciou por sua condição:

"Bulling, ser perseguida, já fui chamada de nega fedorenta [...] Uma vez eu falei com o psicólogo: Por que todo mundo tem dó de uma pessoa que tem câncer, mas não tem respeito por um alcoólico?". Um alcoólico não é vagabundo. Então eu mostro pra todo mundo que eu não sou vagabunda, eu não sou desocupada, eu tenho um problema pra ser sanado, uma doença pra ser... Não vai ser curada, mas ela tem um jeito de controlar, é o que tô fazendo. [...] Essas lágrimas aqui não é de mentira não. Eu passei muita vergonha, muita vergonha, gente por trás de mim tentando passar perna em mim. Já fui vítima até de enganação, fazer coisa e colocar culpa em mim". (Eliza).

Exprimiou emocionada que devido à condição de alcoolista já quase perdeu muitos de seus vínculos, relacionados à família e ao trabalho:

"Aqui quando fala da mulher que chora, que bebe escondido, dos conflitos emocionais, tudo, tudo, tudo, isso pra mulher que trabalha, tem filho, tem o esposo, que tem o amor, você corre o risco de perder o amor, perder o trabalho, perder tudo. Eu tive na beirada de perder a vida, de perder os filhos, de perder o marido, de perder o amor, que é meu marido, de perder emprego... (Eliza).

Após abordar sobre este ponto, Eliza interrompeu a entrevista e perguntou: "Eu posso marcar outro dia?" O desejo de Eliza em finalizar a entrevista coaduna

com sua dificuldade em abordar sua história. Sem maiores insistências, acordei com ela então de nos encontrarmos posteriormente. No entanto, este próximo encontro não se realizou. Minhas tentativas seguintes em agendar uma entrevista são infrutíferas. Algumas vezes ela me telefonou desmarcando e em outra não compareceu ao trabalho. De fato, quando Eliza me ofereceu o livreto de sua "história" já estava sinalizando sua dificuldade com este processo.

O livreto que Eliza me entregou em nosso encontro, corrobora as informações que ela havia relatado. Trata-se da carta da autora endereçada a uma mulher alcoólica, na qual a mesma vai, através da interlocução estabelecida, descrevendo sobre a vida dessa mulher. O texto realça o fato de a mulher esconder o vício: "pegar a garrafa escondida entre sua lingerie, ou numa caixa de chapéu lá naquela prateleira de cima. Pode até ser que a sua família ainda não tenha suspeitado de nada, não suspeitou ainda de suas frequentes "dores de cabeça" (RUNBECK, [19--], p. 4). O texto fala sobre a vergonha da mulher, a culpa, o distanciamento da família devido ao uso da bebida, ou até mesmo a possibilidade de sua perda. Concomitantemente, incentiva a mulher a procurar ajuda, reforçando que alcoolismo é uma doença, e apresenta o AA (Alcoólicos Anônimos) como alternativa de tratamento.

O AA se constitui em um grupo de pessoas que compartilham suas experiências a fim sanar o problema do alcoolismo. Dentre as várias contribuições e ações que perpassam as atividades dessa comunidade, é importante destacar aqui a possibilidade do restabelecimento de um laço social. Eliza relatou que participava dessas reuniões e assim certamente satisfazia nesse espaço tal necessidade. No entanto, um elemento que certamente estabelece a possibilidade de construção desse laço social na vida de Eliza é o seu trabalho. O trabalho de Eliza no IPSEMG atua como fator de inserção, proporciona um papel e uma mobilidade na estrutura social. Além dos fatores sociais, seu trabalho atua como um fator estruturante que certamente a mantém na estrutura neurótica, conforme destacamos no referencial teórico deste trabalho sobre a possibilidade de mudanças nas posições subjetivas. Sem o trabalho, Eliza já teria regredido psicologicamente, certamente para uma psicose, tendo em vista a fragilidade em que a mesma se apresentava devido ao quadro de alcoolismo. Fragilidade reforçada na entonação de sua fala, por sua

precária condição de saúde, por sua aparência física descuidada, que lhe atribuía mais anos do que sua idade real.

O trabalho de Eliza atua também como um elemento que se liga ao princípio da realidade, que em geral é deficiente no toxicômano, reforçando o interdito da castração. No entanto, tal castração é mediada pela figura de sua chefe, Sara. Ela desempenha um importante papel para o estabelecimento do laço social de Eliza que se dá pelo trabalho. Sara faz "vistas grossas" aos atrasos, faltas e outros problemas ligados ao alcoolismo que interferem no desempenho de Eliza. A estabilidade de um cargo público também contribui bastante para a manutenção do vínculo empregatício, mas certamente a postura de Sara em relação à Eliza é o ponto de maior atenção. Em outras condições, Eliza provavelmente já teria perdido seu emprego, ou teria sério conflitos com o superior. Ao contrário, Eliza apresenta um forte vínculo afetivo com Sara, que, de certa forma, filtra o que de realidade Eliza "dá conta". O contato com condições de trabalho castradoras, com rígidas imposições de leis, normas e formas de condutas, ou mesmo um trabalho altamente burocratizado, certamente desestabilizariam Eliza e reforçariam a sua procura pela bebida, pois seria bastante penoso seu enquadramento nessas condições. Seria realidade demais para um ego tão desestruturado. Por outro lado, a ausência de regras também seria prejudicial à Eliza, visto a necessidade da internalização do interdito para o sujeito toxicômano. Assim, Eliza tem encontrado em seu trabalho uma medida equilibrada de exposição à realidade que o trabalho lhe proporciona por influência da figura do chefe. O líder também apresenta uma função estrutural para Eliza, pois nesta relação há também uma satisfação substitutiva no laço estabelecido, outrora rompido pela bebida.

O trabalho para Eliza ainda atua como substituto da bebida, na medida em que há uma troca de compulsão, da bebida pelo trabalho. As falas de Eliza exemplificaram bem essa relação, pois a mesma reforça bastante a necessidade de não parar de trabalhar, de estar sempre produzindo, de trabalhar sempre, mesmo que à noite. Essa compulsão remete à pulsão de morte, que se expressou nas palavras utilizadas por Eliza: "Se eu parar é caixão" ou "se eu parar eu morro". A angústia de morte é reproduzida na repetição. No caso do trabalhar, repetição que

tem por função a construção de sentido e o tamponamento da falta por outra via além da bebida.

Outro ponto importante de se destacar a respeito da história de Eliza é o fato da mesma ter começado a beber depois de mais velha, o que na bibliografia já encontramos ser recorrente entre mulheres. Este fato nos alerta para a infindável formação do sujeito: é o corpo real que envelhece e não o eu. Dessa forma, é necessária a consideração ao funcionamento psíquico do adulto/velho, ponto que encontramos poucas referências na Psicanálise. Ainda assim, destacamos o envelhecimento como momento produtivo, haja vista o caso de Eliza e a necessidade de recorrência à bebida.

13.1.2 Outras tantas Elizas

As histórias que se seguem foram recolhidas entre pacientes do CAPS-ad da cidade de Itaúna-MG, que estavam, no momento das entrevistas, em regime de semi-internação, permanência-dia na referida instituição.

13.1.2.1 Alice

Alice é uma mulher de 53 anos, nascida em Itaúna, onde vive. É casada, mãe de 9 filhos, avó de três netos. Ela contou que bebia desde os 23 anos, por causa do pai, que bebia muito, a agredia, agredia também sua mãe, e as fazia beber. Ela foi

levada ao Conselho Tutelar por seu marido por estar bebendo demais e agredindo seus familiares em casa. Ela foi encaminhada pelo Conselho Tutelar para se tratar no CAPS.

Ela disse que conta com o apoio da família, que a incentiva seguir com o tratamento: "Apoiam. Eles falam: Mãe, você vai pro CAPS? Eu: Vou. Eles: Oh, mãe, vá com Deus. Eu: Vocês arrumem tudo aí pra mim. [...] Eu chego, já está tudo arrumado..." Ela diz gostar do CAPS, que melhorou muito depois que começou a se tratar lá, que sua vida, seu relacionamento com o marido e os filhos estão muito melhores e que parou de beber. Ela disse que estava disposta a seguir o tratamento o tempo que for necessário. Ela frequentava o CAPS três vezes na semana. Disse ter feito amizade com outras usuárias do serviço, que gostava de lá e que o CAPS estava ajudando muito a vida dela.

Ela contou que antes não conseguia cuidar bem da casa e da família, que só pensava em beber, desde a hora que acordava. Os filhos cresceram assim. Ela disse que eles iam com a roupa suja para a escola, que não conseguia cozinhar direito e que era muito agressiva. Ela disse que apesar de beber muito não achava que era alcoólica.

"Dava vontade de beber, "uai". Eu coava o café, punha lá e não tinha vontade de beber o café. Se tivesse um biscoito, eu não comia, eu ia direto à pinga. Depois, dali em diante, eu ia, ia, ia. Não lavava as roupas, não fazia a comida direito, punha sal demais no feijão, sabe? Os meninos, às vezes iam até sujos pra escola, porque eu não tinha "cabeça" pra arrumar. Hoje, graças a Deus, lá é tudo limpinho, eu lavo as roupas de escola deles, eles vão sempre limpinhos... melhorou bastante, graças a Deus" (Alice).

Alice contou que um fato que agravou sua relação com a bebida foi que: "[...] minha filha, de 29 anos, engravidou. Virou mãe solteira, Aí eu fiquei revoltada. Aí desse dia em diante eu "invernei", fiquei agressiva dentro de casa. Por isso eles me levaram ao Conselho Tutelar, e lá, me encaminharam pra cá. Entendeu?"

Ela não vê grande diferença entre homens e mulheres quanto ao uso do álcool ou busca de tratamento. Ela acredita que não se deve ter vergonha de buscar

tratamento; pois é para o bem da própria pessoa. Contou que quando a chamam para beber, diz que não pode. Ela atribuiu como motivos de sua mudança a ajuda de Jesus e de Nossa Senhora Aparecida. Disse que é católica, mas que tem freqüentado a Igreja Evangélica, que gosta muito das palavras que ouve lá. "Então, ontem eu fui ao culto, porque o homem está com câncer, aí eu fui ao culto lá. Eu escutei tantas palavras boas que aquilo entrou na minha cabeça e não quis sair. Eu vou também à missa, tenho minha Nossa Senhora Aparecida que fica na minha estante."

Alice nunca trabalhou fora, sempre foi dona de casa. Disse que tinha vontade de trabalhar fora, mas que não pode, pois cuida dos filhos menores e de duas netas. Contou que agora está arrumando tudo direitinho e que ela e a família estão muito felizes: "Eu estou muito feliz aqui. O tempo determinado para eu ficar aqui, eu estou ficando. Quando eles me derem alta eu vou... Mas durante o tempo que eu puder vir, eu venho, se eu não morrer antes."

É importante destacar que Alice apresenta a mesma relação com o alcoolismo que Eliza, no que se refere à idade. Apesar de começar a beber com 23 anos, ambas desenvolveram uma condição alcoólica em idade madura.

A questão alcoólica de Alice é bem explicada tendo por base a relação que a mesma estabelecia com o pai. O pai violento que agride Alice e sua mãe e as obriga a beber representa um fato traumático que certamente possui relação direta com o uso de bebida. No entanto, o alcoolismo de fato se estabelece quando da morte de seu pai. Assim, o evento traumático que ocorre no passado retorna, o retorno do recaiado. Esse evento é então revivenciado, estabelecendo assim a condição para o uso exagerado da bebida.

Outra possibilidade de reflexão acerca do alcoolismo de Alice, tendo como referência ainda sua relação com o pai, é que os maus tratos e a violência sofridos por ela certamente incorreram em desejos pela anulação dessa figura, ainda que no plano do inconsciente. O desejo pela morte do pai somado à sua realização concreta também podem incutir nesse sujeito uma culpa. Culpa esta possivelmente não simbolizada e que assim permanece recaiada no plano do inconsciente. Nesse caso, a culpa recaiada é sintomatizada no alcoolismo.

O marido de Alice também se assemelha ao marido de Eliza, oferecendo-lhe suporte. Eles apresentam-se muito estruturantes para essas mulheres. São maridos cuidadores. No caso de Alice, é possível que a mesma esteja transferindo para a figura do marido as carências afetivas que não obteve em sua relação com o pai. No entanto, o cuidado, atenção e afeto que Alice recebe do marido por ser alcoólica podem se transformar em ganhos secundários e que reforçam a permanência na bebida.

Outro ponto interessante destacar, que também é comum a ambas as histórias, refere-se à agressividade presente em Eliza e Alice quando as mesmas estão alcoolizadas. A bebida transformam-nas em mulheres agressivas. O álcool age na diminuição da censura e ação oriundas do superego e permite emergir conteúdos recalçados. Além disso, o enfraquecimento do superego causado pelo álcool permite o fenômeno que descrevemos nesse trabalho de mobilidade subjetiva. Alice e Eliza, mulheres de estruturas neuróticas, adquirem traços perversos nas cenas alcoólicas.

Para evitar tais situações, o trabalho doméstico também se configura para Alice como fortemente estruturante. Possibilitando-lhe o estabelecimento de um laço social com seus entes e à situaando socialmente enquanto, mãe, esposa, avó, dona de casa, etc. Certamente a manutenção desse laço social que é fortemente presente em Alice (ela cuida dos netos, das casas, etc.) contribui fortemente para a neurotização desse sujeito. Comparada com as demais entrevistadas, Alice é a que se apresentou mais organizada psiquicamente, a mais neurotizada, podemos afirmar.

A morte é algo recorrente no discurso de Alice, assim como nos das demais entrevistadas. Tal recorrência refere-se tanto à questão da pulsão de morte e sua relação com a toxicomania, conforme exposto no referencial teórico deste trabalho, como à vulnerabilidade física e social a que estão expostos essas mulheres. O quadro clínico que acompanha a dependência química acarreta outras complicações relacionadas ao corpo físico e que fragiliza ainda mais as mulheres que entrevistamos. Os problemas de saúde englobam tanto aqueles relacionados ao uso recorrente da substância psicoativa, como aqueles que vêm em consequência da

precariedade sócio-econômica. Condição presente em quase todas as entrevistadas. Aprofundaremos mais nessa questão nas histórias seguintes.

Por fim, destaca-se a relação positiva que Alice estabelece no tratamento no CAPS-ad e que certamente também é um fator estruturante para ela, contribuindo para sua organização psíquica, conforme já destacamos.

13.1.2.2 Clarisse

Clarisse é uma mulher de 43 anos, solteira e não tem filhos. Foi diagnosticada como bipolar na juventude. É formada em odontologia e trabalhou como dentista durante alguns anos, mas disse que não gostava desse trabalho. Ela também disse ter trabalhado como técnica em radiologia. Clarisse é artista plástica, mas falou que a arte é apenas um passatempo, uma atividade terapêutica e que não é possível viver de arte, pois arte não dá dinheiro.

Clarisse faz tratamento no CAPS devido ao uso de drogas. Ela contou que começou a usar drogas na faculdade. Começou usando maconha e passou a usar drogas cada vez mais pesadas.

“Pois é, eu comecei na faculdade. Até então, eu nunca fumava, nunca bebia, não fazia nada, era uma santa. Aí, na faculdade eu experimentei maconha e comecei a fumar maconha. Aí, depois, não quis fumar maconha mais não, aí passei pra cocaína, aí não quis a cocaína mais não, aí passei pro crack, agora não quero fumar crack mais não, aí estou só no cigarro. Daqui a pouquinho, não vou querer esse cigarro mais não... Aí depois tem o perigo das drogas dos remédios. Eu já pedi pro psiquiatra não me dar remédio pra levar pra casa. .. (Clarisse).

Aos 23 anos, abandonou seu consultório, sua profissão, sua família e foi viver em Florianópolis. Quando voltou de lá, foi morar com seu pai, pois não tinha nada, até mesmo o dinheiro da venda do consultório ficou com o pai. Algum tempo depois o pai faleceu e ela disse que por causa disso surtou. "É, só que eu pirei, surtei. Eu vim morar com meu pai, meu pai morreu, aí eu surtei, eles me internaram no hospício". Clarisse tem quatro irmãos. Com a morte do pai, seus irmãos quiseram vender a casa dele, onde Clarisse vivia. Eles tinham medo de que ela vendesse a casa para comprar drogas. Como ela não tinha para onde ir, eles a deixaram morando lá e venderam a parte da casa que lhes cabia para a mãe. O fato de Clarisse ter ficado com a casa é motivo de discórdia com os irmãos.

Segundo ela, os irmãos não achavam justo que ela tivesse ficado com a casa. Ela disse que eles eram brigados com ela e não acreditavam que ela era doente, diziam que ela era malandra, que inventava a doença. Além disso, ela sofria certo preconceito por parte dos irmãos, que se afastaram de seu convívio. "Eles têm medo de gente drogada, gente que mexe com droga. Eles têm medo de eu estar envolvida com traficantes, que vão seqüestrar eles, a família deles." Apenas duas pessoas da família de Clarisse mantinham o convívio com ela e lhe davam algum apoio: sua mãe e uma irmã com quem se reconciliou há pouco. Os demais irmãos não aceitavam sua situação.

Essa era uma das principais queixas de Clarisse, o preconceito. Ela disse que as pessoas que têm problemas com drogas sofrem muito preconceito. Por isso, ela não gostava de se tratar no CAPS ou de ser considerada como drogadicta. Falou que seu problema era o Transtorno Bipolar, sua doença.

"Eu vim, estou aqui há vários anos e não saio daqui porque até o médico esquece que eu sou bipolar e faz atestado pra mim como usuária de droga. Eu estou cansada dessa história de droga na minha vida. Isso me irrita. Aí, sabe o que acontece? Dá vontade de me drogar mesmo. Se eu estou aqui por causa de droga, vou me drogar direito, aí eu vou dar motivo... Eu tenho que viver no meio de drogados? Então eu vou me drogar. Vocês não acham que eu sou drogada? Que não estou doente? Então larguem a minha doença e vocês vão ver o que eu apronto. Eu vou me drogar então. Vou encher a cara de remédio até morrer. Houve uma vez que tiveram que me levar de SAMU pra fazer lavagem". (Clarisse).

Ela se identificou como bipolar e não aceitava que era toxicômana. Disse que não tinha mais problema com as drogas, que já se livrara das relações com os traficantes e que seu único vício era o cigarro: “Eu só quero que um dia o psiquiatra pare de colocar o F-14¹⁷ na minha ficha e coloque o F-24¹⁸ que é a minha doença, porque tem hora que ele se esquece de colocar a minha doença e fica colocando só como se eu fosse drogada”. Contudo, ela confessou que não podia levar uma quantidade de remédio maior do que a que devia usar no dia, ou tomava tudo e ficava dopada.

Clarisse contou que se dopava para fugir da realidade e justificou a necessidade de dopar-se como fruto do Transtorno Bipolar: “A minha doença bipolar dá a tendência de querer sair do ar. Então eu usava qualquer droga, não só droga ilícita, eu usava qualquer droga de remédio. Forma de fuga, entendeu? Eu queria sair do mundo, sair da realidade. Eu usava a droga pra sair da realidade.” Ela diz ainda que o transtorno a impede de trabalhar e de ter um relacionamento. O único relacionamento sobre o qual ela falou, foi com um homem com quem “amigou” quando morou em Florianópolis, com quem teve uma relação conturbada”.

Quanto ao trabalho, ela disse que nunca encontrou uma profissão na qual se realizasse e da qual também pudesse viver. Disse que gostaria de trabalhar, mas que como está aposentada por invalidez não pode trabalhar com carteira assinada e por isso não arruma emprego. Além disso, há o problema com as drogas, que também a impede de cumprir uma rotina normal de trabalho. Clarisse disse acreditar que o trabalho pode contribuir para a recuperação de alguém na situação dela: “Com o trabalho você ocupa seu tempo. Por exemplo, eu já não estou usando drogas só que eu passei a pintar, só que eu não ganho dinheiro com isso, isso não é uma profissão.” Ela gosta muito de produzir arte, mas não via nenhuma possibilidade de fazer disso um meio de vida. Nas palavras dela, “Eu extravaso através dela. É um modo de extravasar[...] Tentei, mas não dá dinheiro não. Já expus, tentei vender minhas coisas. De arte não dá pra viver não. E eu não posso pegar um emprego”.

¹⁷ F-14 refere-se a uma classificação da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) e significa “Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso da cocaína - intoxicação aguda”.

¹⁸ F24 refere-se a uma classificação da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) e significa “Transtorno delirante induzido”.

Quando comentado com Clarisse sobre as cooperativas dos usuários dos serviços de saúde mental, sobre o funcionamento da economia solidária e a possibilidade de que ela fizesse de sua arte mais que apenas uma atividade terapêutica, ela se mostrou entusiasmada e interessada. Inclusive, antes de a entrevista iniciar Clarisse realizou, rapidamente, uma pintura e nos ofereceu.

Quanto às diferenças entre homens e mulheres no uso da droga e na busca por tratamento ela não reconhece nenhuma diferença significativa. Ela disse que “cada um tem seu motivo” para fazer uso da droga e acrescentou:

[...] Vi desde criança, adolescente, travesti, homem, mulher, gay, todo mundo usa droga. Aliás, todo mundo, até você usa drogas, você toma remédio... só que tem de saber controlar os remédios. O problema da gente é que a gente não tem controle sobre os remédios, sobre as drogas que a gente toma, a gente não tem o auto-controle. Se a gente soubesse usar... não teria problema nenhum. O problema é que a gente faz mal uso dela. Quando usa, usa demais, aí a gente para por um tempo e dá abstinência”... (Clarisse).

A história de Clarisse é diferente das comentadas até então, no que diz respeito ao início do uso da droga. Clarisse começou a usar drogas na faculdade de odontologia, durante a juventude. Algo que também a diferencia das demais entrevistadas é que Clarisse afirmou que era usuária de outras drogas além do álcool, como maconha, cocaína e crack. Além disso, ela também apresentava uma condição socioeconômica privilegiada em relação às demais, fato que certamente influencia nas vivências experienciadas.

A identidade de Clarisse está fortemente ligada ao caso da bipolaridade comentada por ela. Clarisse apresentou-se como portadora deste transtorno e o utilizou como justificativa para o uso de drogas. Ela se apresentou primeiro como bipolar, e depois como uma usuária de drogas. Certamente o lugar do doente representa para Clarisse algo mais aceitável do que o de dependente química. Ademais, o doente psíquico é mais socialmente aceito do que o drogado, conforme as próprias constatações desta pesquisa, quando verificamos um preconceito em relação ao sujeito toxicômano no âmbito do atendimento da saúde mental. Também,

a identificação de Clarisse com o diagnóstico da bipolaridade atua como defesa para lidar com os preconceitos, tanto sociais, como da própria família. No uso dessa estratégia defensiva, a própria Clarisse acaba reproduzindo o preconceito do qual é vítima, pois a entrevistada também apresentou preconceito sobre sua condição. Como exemplo, cita-se o fato dela não gostar de estar no CAPS-ad e repetir com frequência que não tinha que estar lá, que seu tratamento devia ocorrer no NAPS (Núcleo de Atenção Psicossocial, ligado à saúde mental geral). Para Clarisse o espaço do CAPS-ad não lhe pertence. Para reforçar essa prerrogativa ela negou, algumas vezes, seu vício.

O comportamento de Clarisse aponta para uma personalidade histérica, na qual seu sintoma é direcionado para seu corpo, tanto em relação à questão da toxicomania, como em relação ao quadro da bipolaridade. Além disso, o comportamento histérico também se verifica na culpabilização de terceiros por sua condição, algo recorrente em sua fala. Considerando a questão da troca de posição subjetiva típica dos toxicômanos, a bipolaridade também sugere possível deslizamento para a psicose dependendo das situações enfrentadas.

Outra análise sobre a dependência de Clarisse refere-se à proteção à qual a mesma foi exposta em sua vida, mãe e pai totais. A mãe ainda se apresentou bastante protetora. Como exemplo, cita-se o caso da venda da casa para os irmãos, no qual a mãe comprou deles as suas partes para Clarisse ficar com a casa. Sobre o pai, um episódio que também exemplifica a proteção, refere-se ao consultório odontológico, montado e equipado, que o mesmo a presenteou, e que foi abandonado por ela quando ela ainda jovem se mudou para Florianópolis. Nesse caso, a proteção dos pais evitou que Clarisse tivesse que se haver com a frustração e a colocou em uma posição narcisista que a impeliu dificuldades em lidar com a realidade, em lidar com a sua realidade, fato recorrente no fenômeno da toxicomania.

É interessante destacar que a droga não representou apenas uma saída neurótica para as dificuldades de Clarisse em lidar com a frustração. O drogar-se na vida de Clarisse foi também endereçado aos seus pais, que carregam consigo a culpa por sua drogadicção, aliada a fatos como a fuga para Florianópolis, por exemplo, dentre outras vivências rebeldes da juventude. Ao usar drogas Clarisse

também pune seus pais, os pais plenos que a sufocam, ou sufocaram, na medida em que a protegeram demais. A escolha do curso de odontologia, do qual a mesma disse não gostar, é também fruto deste sufocamento. Assim, o drogar-se como um ato punitivo endereçado aos pais reforça o discurso da culpabilização de terceiros já comentado e que remonta ao quadro de histeria. Usar drogas e a viagem para Florianópolis representaram, ao mesmo tempo uma punição aos pais, uma fuga da superproteção, uma libertação dos pais fálicos.

A regressão narcísica e busca por um estado de prazer absoluto operados pela droga também tamponam em Clarisse sua própria ferida narcísica, afinal a mesma é humilhada pelos irmãos por ser drogadicta, não ter filhos, não ter se casado e não ter se realizado profissionalmente.

Clarisse falou que “surtou” quando o pai faleceu. Considerando sua condição de bipolaridade é muito provável que tenha sido um surto psicótico. No entanto, é possível também conjecturar um surto histérico, que apresentaria correlação direta com a relação da proteção estabelecida com ele, já comentada, e certamente também com as próprias questões edípicas. Seriam necessárias mais informações para compor um caso clínico acurado.

O caso de Clarisse também nos remete a uma dissociação histérica, pois notamos oscilações entre um superego fraco e um superego forte. Nos comportamentos ligados a um superego fraco, tem-se a viagem, o drogar-se, outras dificuldades em lidar com o princípio da realidade e a castração não possibilitada pelos pais protetores. Por outro lado, há também indícios de um superego atuante, tendo em vista suas preocupações com a imagem, a culpabilização e as condutas sociais, além dos próprios comportamentos citados sobre o superego fraco, que simbolizam uma estratégia de defesa, para dar conta da rígida ação do superego, Clarisse se dissocia dele e se coloca na posição da filha protegida e rebelde. No entanto, carrega consigo o peso por sua condição, a sua própria ferida narcísica. Sua ferida narcísica propicia a atuação do superego.

A pulsão de morte, presente em todas as entrevistadas, é forte no discurso e comportamento de Clarisse. Em Clarisse essa pulsão volta-se contra ela mesma e a imprimem, além da própria drogadicção, uma atitude pessimista e negativa em

relação à vida. Em contrapartida, Clarisse é a entrevistada que mais apresentou, reforçada por um favorecimento sócio-econômico-cultural, potencialidades sublimatórias, tendo em vista sua habilidade e talento artístico. No entanto, a própria Clarisse ainda não consegue perceber essa potencialidade, pois não vê sua arte enquanto profissão, porque “não dá dinheiro”. Seu posicionamento reflete características da sociedade atual, nas quais o valor do sujeito se dá por seu valor econômico e outros valores que certamente também foram corroborados por sua família. Assim, a entrevistada negligencia uma real possibilidade de ressignificação de sua vida, que se daria pela arte, possibilidade essa que apontamos e defendemos nessa pesquisa, por via da economia solidária.

Ao final do dia, Clarisse me entregou-me uma pintura que fez, rapidamente, enquanto eu entrevistava outra paciente (apêndice B). Essa pintura ilustra as possibilidades sublimatórias pela atividade a que nos referimos.

13.1.2.3 Joana

A entrevistada, Joana, tem 32 anos, nasceu na cidade de Duque de Caxias, mas desde os seis anos vive em Itaúna, para onde se mudou com seus pais e mais quatro irmãos. Disse ter tido sempre uma relação amigável com seus pais, inclusive se emocionou ao falar do pai que faleceu há sete anos. Sua mãe ainda é viva.

Contou que estava casada há dezesseis anos e que estava sofrendo agressões do marido: “Era muito bem meu relacionamento com meu marido, agora no momento ele tá me agredindo muito, sabe? Tanto que anteontem ele me deu um murro aqui na cabeça, pode olhar aqui”.

Também possuía uma relação conflituosa com sua sogra. “A mãe dele foi lá segunda-feira, foi pra poder me agredir, só por conta que ela pagou um mês de aluguel, falou que a casa onde nós moramos é dela, me chamou de preguiçosa.”

Falou que não trabalhava porque o marido não permitia: “Ele também vira e mexe tá me mandando embora de casa, já arrumei serviço, não quer deixar eu trabalhar [...] Depois ainda taca as coisas na cara da gente, sabe? A comida tá pronta, tira a marmitta dele e ele não leva de pirraça, faz igual menininho.”

Depois de casada, Joana disse que trabalhou catando sucata, mas todo o dinheiro ia para o marido: “Catando sucata, trabalhava debaixo de sol e debaixo de chuva, trabalhei na reciclagem, e o dinheiro era todo no bolso dele, não comprava uma peça íntima pra mim, nada, nada, nada, e tudo no bolso dele.” Contou que quando solteira, trabalhou em casas de família como faxineira e babá.

A iniciativa de procurar tratamento há dois anos foi do marido, que também era alcoólatra, mas ele acabou não dando continuidade. Joana pediu a ele que fosse às reuniões, mas ele acabava não aparecendo: “Ele fala que aqui o CAPS é... Ele chama aqui é de zona. (...) Ele fala porque é mulher misturado com homem.”

A entrevistada era dependente de álcool desde os 14 anos, e começou a beber junto com os amigos, em festas: “Bebia não era pinga, meu negócio era cerveja, era rum com coca, vodca pura, é... Só isso que eu bebia.”

Ela disse que ficou um período de sua vida sem beber, mas depois que conheceu seu atual companheiro voltou. Quando perguntada pelo motivo não soube responder. Para ela o maior benefício das idas ao CAPS-ad era ter alguém para conversar. “[...] Aqui eu tenho com quem comunicar, com quem conversar, em casa não, em casa eu fico sozinha. Mesmo quando meu marido tá em casa eu fico sozinha.”

Quando questionada sobre o aumento do número de mulheres atendidas pela instituição, a entrevistada alegou que elas estavam indo em busca de um diálogo e de um apoio que não tinham em casa.

Joana acreditava que a instituição estava a ajudando a enfrentar o vício, apesar de afirmar que bebia antes e depois de frequentar o local: “Bebo antes de vir, não vô mentir, bebo antes de vir, e na hora que eu saio também, se eu tiver dinheiro, eu bebo”. Segundo seu depoimento, é seu marido quem paga as doses que bebe”.

A entrevistada alegou se alimentar mal por falta de apetite, possuir problemas de pressão baixa e menstruais, segundo ela já chegou a ficar 47 dias menstruada. Apresentava pessimismo quanto a sua vida: “Tá quase na hora de Deus me levar embora daqui desse mundo. Não aguento essa vida mais não. (...) Sabe quanto você perde a vontade de viver de tanto sofrimento? Pra mim acabou, minha vida acabou”.

Joana apresenta um caso de alcoolismo grave. Em geral, apresentava-se alcoolizada quando chega à instituição (CAPS-ad) e fazia uso da bebida após a saída da clínica. Também já havia ocorrido casos de ser pega com uma “meiota” (garrafa de água mineral, mas contendo pinga) dentro da instituição. Sua aparência física já bastante fragilizada também dizem de sua condição.

As relações subjetivas que perpassam o caso de Joana dizem muito respeito às questões edipianas. Joana vive com o marido, e mantém uma relação bastante conflituosa com a sogra, que constantemente interfere na relação conjugal. A sogra rivaliza com Joana, e se mantém como a mãe fálica que não se desliga do filho e ainda o mantém sob sua proteção (ela paga o aluguel da casa, por exemplo, e dessa forma mantém o seu controle). Por outro lado, o filho que é dominado pela mãe, domina Joana. Para Joana esta figura representa um marido agressivo, que a agride fisicamente e não a deixa ir trabalhar. Ainda com estas características, Joana permanece com ele e numa situação de nítida dependência, que remonta às suas próprias questões edipianas. O marido que bate e que a faz entregar a ele seu dinheiro representa a lei e uma figura paterna fortemente castradora. A sogra também atua para ela como uma mãe, porém pouco investida de afeto e também castradora. Nesse cenário, a bebida resplandece como amortecedora de seu sofrimento e como possibilidade de fuga de uma realidade de muita castração.

A dependência de Joana com o marido é também influenciada pelas questões sociais. Com pouco dinheiro e quase nenhuma perspectiva de melhora de vida,

torna-se mais difícil o rompimento com esta situação. Além disso, Joana não menciona sobre os seus próprios familiares como ponto de apoio. Somado isso às questões de ordem subjetiva, Joana permanece nesse ciclo vicioso com a sogra e o marido.

A relação de dependência com o marido se reforça em seu alcoolismo. O vício acaba configurando-se também em uma forma de submissão ao marido que a mantém e mantém seu vício, pois paga sua bebida, certamente pelo gozo que possui nessa situação. Joana também tem ganhos secundários nessa relação. Na medida em que permanece frágil e dependente é cuidada pelo marido/pai e pela sogra/mãe, e assim se submete às violências sofridas.

Outro ponto de destaque na relação de dependência de Joana com o marido refere-se à questão do trabalho. O marido a impede de trabalhar; trabalhar significa uma possibilidade de emancipação, e isto incutiria em perda de controle por ele. Assim, para Joana um trabalho representaria a possibilidade de saída da situação de dependência. Trabalhar significaria na vida de Joana uma forma de a mesma se potencializar, tanto subjetiva, como sócio-economicamente. No entanto, na atual conjuntura, nem mesmo o trabalho doméstico desperta algo em Joana. Ela realiza os afazeres por necessidade, e não como possibilidade de construção do ser, como no caso de Alice, por exemplo. Nesse caso, aplicam-se bem as recomendações que fazemos acerca da atividade do trabalho e suas potencialidades na saúde mental voltada para a dependência química.

O caso de Joana também aponta para uma carência familiar. Conforme mencionamos, Joana não faz referência a seus próprios familiares. Sua carência, relacionada possivelmente a um baixo investimento familiar primário, repercute na família que ela "escolhe" posteriormente, sogra e marido, que também é tão pouco investida afetivamente. Essa falta de investimento repercute em uma defasagem da libido, de modo que a bebida acaba se configurando enquanto objeto de investimento libidinal por Joana. Em situações como esta é comum ouvir: "A bebida é minha melhor amiga", por exemplo. No entanto, esse investimento é precário e conduz, como em um ciclo vicioso, para o rebaixamento da própria libido e a aproxima da morte. A questão da morte, também recorrente no discurso de Joana, remonta às suas questões subjetivas, que se constroem em meio à vulnerabilidade e

precariedade de sua condição social, exposição a riscos, pobreza, violência doméstica e fragilidade da saúde física.

13.1.2.4 Maria

A entrevistada, de nome Maria, tem 36 anos, seis filhos, cinco meninas e um menino. O filho mais velho está com 18 anos e o mais novo com 4 anos. Ela possui a guarda somente de uma, Vitória. O menino é criado por uma tia e as outras meninas são criadas pela filha mais velha e seu marido. Atualmente reside na cidade de Itaúna com seu marido, de quem é vítima constante de agressões: "Ele é agressivo, ele bate em mulher. (...) Ele bate em mim. Pouco tempo ele me machucou aqui, me machucou aqui assim, nas costas também...".

Maria, que é alcoólatra, alega frequentar a instituição por exigência do Conselho Tutelar. A única filha que estava sob os cuidados dela e de seu marido está sob os cuidados da Casa Sagrada Família, um abrigo na mesma cidade:

"Eu entrei pra cá... Que eu bebo, pinga, e eu perdi uma criança na Casa Sagrada Família. (...) Aí eu perdi ela... Perdi não, tô conquistando, pegar de volta, porque eu não perdi ela ainda não. Aí eu moro com o... que é meu marido, é o pai da criança, essa criança se chama Vitória, tá sofrendo demais lá, eu também tô sofrendo junto com ela... (...) Aí agora ficou só ela agora tadinha, doida pra vim embora, chora, toda vez eu vô lá chora, doida pro juiz falar pra eu trazer ela pra morar comigo de volta. Aí eu entrei pra cá e tô aqui... Tentar parar de beber, vê se o juiz me dá ela de volta vendo o tratamento (Maria).

Maria acredita que as agressões que sofre têm relação com a perda da guarda da filha:

Me deu um chute na barriga, tô escarrando até sangue do "coro" que ele me deu... Toda hora que eu vô cuspir no chão sai sangue... E a vida é muito triste, não tem casa, não tem lugar de morar, moro com ele, ele sempre me manda embora, fala que não gosta de mim, me chama daquelas pessoas mais ruins... (...) Me maltrata demais, bate me mim, tô cansada de apanhar dele, tem pouco tempo que nós brigamos, dei uma garrafada no pescoço dele, cortei, ele também me machucou também, foi parar lá na delegacia, eu fui pra delegacia, ele foi pro hospital, foi lá no hospital... Agora eu não sei por que ele tá assim comigo porque ele, essa menina que tomaram dele, e ele fica assim comigo e acha que a culpa é minha (Maria).

O marido de Maria também é alcoólatra, mas não aderiu ao tratamento no CAPS-ad:

"[...] e ele era pra também tá aqui, ele não vem de jeito nenhum. (...) Ele é só agredir. Tô cansada de apanhar dele, eu já cansei! Ontem eu dormi sozinha, ele dormiu fora de casa, nem sei onde ele tava. Tá bebendo demais, ele bebe e agride até eu, meu pai, meu pai também vive lá em casa... [...] Ele é pedreiro, faz tudo, mas tem dia que os colegas tiram de cabeça, sabe? Tira pra beber, essas coisas, aí ele não vai. Esses coleguinhas dele que fica andando com ele, tira ele de cabeça. Ontem eu dormi lá em casa sozinha, nem sei onde ele tava, dormi sozinha (Maria)".

A entrevistada disse beber desde os dezenove anos e apesar de ainda beber alegou não ser dependente química:

"Quando eu comecei a beber eu era mais jovem, uns dezenove, dezoito, por aí. Mas eu não bebia tanto não igualzinho eu bebia não, bebia por beber mesmo, mas não era assim viciada, sabe? Nem viciada eu não sou. E aí, assim, enquanto eu tô aqui eu parei mais ou menos de bebida... Ainda bebo que a gente não pára de uma hora pra outra, ainda bebo"(Maria).

Maria disse que já trabalhou no serviço de limpeza urbana varrendo rua, por um período de dois anos. Gostava do que fazia, mas abandonou o serviço por causa de uma gravidez e passou a se dedicar aos afazeres domésticos, mas falou que pretendia voltar a trabalhar.

Quando perguntada se via alguma diferença entre a dependência feminina e masculina, Maria, baseando-se em sua própria experiência, afirmou que a mulher bebe quando está com raiva, desgosto e que, apesar do vício, não deixava de fazer seus afazeres domésticos.

"Uma coisa eu te falo, a bebida, a gente bebe mesmo, a gente bebe mais com raiva, às vezes dá um desgosto a gente vai, vai no litro já pega e vai bebendo, junta tudo, homem batendo... Aí você fica naquela revolta, tudo, vai revoltando aí você bebe. É isso que eu tô sentindo... Depois que eu fiquei assim (refere-se aos maus tratos do marido), eu fiquei magoada aí eu comecei beber, comecei bebendo, fui só bebendo, bebendo, bebendo e juntou foi tudo... A gente bebe, assim, porque a gente tá magoada, sabe? Maltratada. Aí você vai desconta na bebida, aí você fica triste, aí você vai querer beber, você não pensa em mais nada, você fica bebendo. Você quer só beber, você não quer pensar em nada, às vezes sua cabeça não fica boa nem nada, igualzinho hoje, eu custei chegar aqui hoje, passando mal no meio da rua... [...] Eu pretendo parar, sabe? Mas se me bater e me fazer raiva aí eu fico mais agressiva eu também vou beber, eu não desconto não, eu pego é a danada e vou beber.... O que tiver que fazer na minha casa eu faço, se tiver que lavar uma roupa eu lavo, se tiver que fazer um 'cumê' eu faço. É assim. Arruma casa, faz tudo (Maria).

Sobre o que significa o trabalho para alcoólatras ou dependentes de drogas, Maria acha que ele contribui para o tratamento.

"A gente trabalhando acha que a gente no serviço você não vai ter capacidade pra ficar bebendo, né? Aí trabalhando você não vai beber. Aí a gente estando no serviço a gente não bebe, porque a gente tem responsabilidade. Agora, quando a gente tá desempregado que a gente vai fazer? Vai arrumar casa, vai aparece uma pinga, você vai beber a mesma coisa. Agora, trabalhando não, lá no serviço você tem uma responsabilidade, você sabe a hora que você tem que pegar o serviço, a hora que você tem que voltar, né? Aí fica mais fácil pra gente" (Maria).

Quando questionada se possuía algum conhecimento sobre alguma iniciativa de economia solidária, a entrevistada demonstrou não saber do que se tratava.

No caso de Maria, é muito importante analisar a relação que a mesma estabelece com os filhos. Dos seis filhos, apenas a mais nova permanece sob seus cuidados, apesar de no momento a mesma estar em abrigo por recomendação do

Conselho Tutelar. Os outros foram “designados” para outros cuidadores, sendo um deles sua própria filha mais velha, de 18 anos, ou seja, a filha mais velha cuida de três irmãs. Assim, Maria abdica, com exceção da caçula, da função materna. Tal fato se alicerça nas condições nas quais ela é mãe; ainda com 18 anos: “Vai “só arrumando filho”. As gravidezes em série, e durante sua juventude a acarretaram certa hostilidade dirigida a esses filhos: “Fase difícil, só arrumava filho”.

A hostilidade dirigida aos filhos acarretou em Maria um sentimento de culpa por não os ter desejado. Para lidar com essa culpa Maria se apegou à filha de 4 anos, pois ela representa uma possibilidade de desempenhar o papel de mãe outrora perdido. Assim ela pode realizar-se através de Vitória. Vitória, nome imbuído de conotações simbólicas, representa o falo de Maria. Os outros filhos representam o oposto, a perda do falo, a castração, por vivenciar uma juventude tumultuada e ruim, na qual ela só tinha que cuidar dos filhos. Como sujeito castrado, Maria não dá conta de cuidar dos filhos e ao encaminhar a outros esta tarefa, assina um “atestado de incompetência materna”, o que reforça sua culpa. Nessa situação, Vitória simboliza para ela uma redenção, uma nova possibilidade de ser mãe e amenizar sua culpa: “Fui arrumando filho pra ficar sofrendo aí. As outras não tão sofrendo mais porque minha filha pegou, agora ficou só uma lá no abrigo, que é a Vitória. Tô batalhando pra pegar de volta”.

O sentimento de culpa é muito presente no discurso de Maria. Certamente ele corrobora o vínculo que a mesma estabelece com o marido, um agressor em potencial:

Ele é só agredir. Tô cansada de apanhar dele, eu já cansei! (...) ele bebe e agride até eu, meu pai... (...) Machucou meu pai, ontem eu fui pro hospital com meu pai, meu pai tá mancando dessa perna aqui de “couro” dele, ele deu uma pazada no meu pai... Aí juntou tudo, ele bateu no meu pai e em mim também (Maria).

O caso de Maria se assemelha ao de Joana. Ambas agredidas fisicamente pelos maridos e ainda assim permanecem nessa relação. Em comum também apresentam as fragilidades econômicas e sociais que delimitam uma perspectiva

reduzida de vida e planos futuros, e dificultam este rompimento. Maria apresenta-se como a mais carente fisicamente de todas as entrevistadas. Além disso, apresentava ferimentos nítidos da agressão recente do marido, além de cicatrizes espalhadas pelo corpo. No entanto, as questões subjetivas relacionadas à submissão de Maria se diferem em parte das de Joana. A culpa pelos filhos que não cria contribui para essa situação. É como se, ao apanhar do marido, Maria estivesse recebendo castigo por seus atos, e então tendo sua culpa abrandada.

O ato de beber também é uma forma de lidar com a culpa, dirigindo-a ao objeto externo. Freud (1914) demonstrou o fenômeno dos “criminosos pela culpa”. Nesse fenômeno, o crime é um alívio para o sujeito, que se sente culpado antes de cometê-lo. O crime é cometido justamente para se ter a punição e então aliviado o sentimento de culpa. Assim, ao beber Maria está cometendo algo errado, o crime, que a impede inclusive de ter a guarda da filha Vitória. No entanto, já estava instaurado anteriormente em Maria o sentimento de culpa pelos filhos que ela não cria. Assim, Maria bebe e recebe como punição a separação da filha mais nova por ordem judicial e as pancadas do marido, que a culpa pela perda da filha: “Ele acha que a culpa é minha”. É como se ela dissesse: Bate que eu mereço.

Além das questões apresentadas, é inegável que a bebida resplandece para Maria como possibilidade de fuga de todo o seu sofrimento. Também, Maria destaca que bebe principalmente “quando está com raiva”, o que corrobora essa relação.

Para Maria, o trabalho também poderia significar uma possibilidade potencializadora e estruturante, conforme seu próprio discurso, já apresentado.

13.2 Apêndice B – Pintura de Clarisse

